

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

AS DIATRIBES DE EPICTETO, LIVRO I

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
ALDO DINUCCI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão acadêmica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre os autores da tradução

Aldo Dinucci é doutor em filosofia pela PUC-RJ. Professor titular da Universidade Federal de Sergipe (Brasil), onde leciona desde 2003, tem pós-doutorados pelo IFCS/UFRJ (2014) e pela Universidade de Kent, Canterbury (Reino Unido - 2015). É editor da revista de filosofia PROMETEUS desde junho de 2008, além de parecerista de muitas revistas da área. Bolsista em produtividade pelo CNPq entre 2015 e 2018, é atualmente bolsista da Academia Britânica (Newton Advanced Fellowship Award), em projeto que vigorará entre 2018 e 2021. É membro fundador do Pórtico de Epicteto, grupo de pesquisadores brasileiros em Epicteto. Tem quase cem artigos publicados em periódicos da área, além de vários livros sobre Epicteto e estoicismo. Desde 2012, é membro permanente do Programa de Mestrado em Filosofia da UFS. Atualmente, entre outros projetos, trabalha na tradução comentada do livro II das *Diatribes de Epicteto*.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Teresa Nunes
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

AS DIATRIBES DE EPICTETO, LIVRO I

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

ALDO DINUCCI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

As Diatribes de Epicteto, livro I
The Discourses of Epictetus, book I

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Aldo Dinucci

<https://orcid.org/0000-0002-5854-4057>

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Vendas online ONLINE SALES

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial EDITORIAL COORDINATION

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica GRAPHICS

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia INFOGRAPHICS

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento PRINTED BY

KDP

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1925-5

ISBN Digital

978-989-26-1926-2

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1926-2>

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, DA TECNOLOGIA
E DAS COMUNICAÇÕES

POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2019.

© janeiro 2020

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigensis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

AS DIATRIBES DE EPICTETO, LIVRO I

THE DISCOURSES OF EPICETETUS, BOOK I

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Aldo Dinucci

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO

Epicteto, filósofo estoico do século 1 EC, foi escravo de Epafrodito, um secretário imperial de Nero e Domiciano. Apesar de sua condição, pôde frequentar as aulas de Musônio Rufo. Mais tarde, após ser liberto, fundou uma escola em Roma, que não perdeu por muito tempo, pois Domiciano expulsou os filósofos da cidade em 89 EC. Epicteto foi, então, para Nicópolis, onde fundou outra escola estoica, contando com muitos alunos, entre eles importantes figuras do Império Romano. Tal como Sócrates, Epicteto nada escreveu. Sua filosofia chegou até nós por intermédio das anotações de seu discípulo Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, que registrou os ensinamentos de Epicteto em oito livros, quatro dos quais foram perdidos, que compunham as *Diatribes de Epicteto*. A obra é prefaciada por uma carta de Arriano a certo Lúcio Gélio, na qual Arriano afirma não serem as *Diatribes* senão transcrições das aulas de Epicteto. Essa é a razão pela qual a obra é atribuída desde a Antiguidade a Epicteto.

PALAVRAS-CHAVE
Estoicismo, Epicteto, Roma, Filosofia

ABSTRACT

Epictetus, Stoic philosopher of the 1st century CE, was a slave of Epafroditus, an imperial secretary of Nero and Domitian. Despite his condition, he was able to attend Musonius Rufo's classes. Later, after being freed, he founded a school in Rome, that did not last for a long time, because Domitian expelled the philosophers of the city in 89 CE. Epictetus, then, went to Nicopolis, where he founded another Stoic school, counting on many students, among them important figures

of the Roman Empire. Like Socrates, Epictetus wrote nothing. His philosophy came to us through the notes of his disciple Lucius Flavius Arrian Xenophon, who has recorded Epictetus' teachings in eight books, four of which were lost, which made up the *Discourses of Epictetus*. The work is prefaced by a letter of Arrian to a certain Lucius Gellius, in which Arrian affirms that the *Discourses* are nothing but transcriptions of Epictetu's teachings. This is the reason why the work is attributed since Antiquity to Epictetus.

KEYWORDS

Stoicism, Epictetus, Rome, Philosophy

AUTORES

Aldo Dinucci é doutor em filosofia pela PUC-RJ. Professor titular da Universidade Federal de Sergipe (Brasil), onde leciona desde 2003, tem pós-doutorados pelo IFCS/UFRJ (2014) e pela Universidade de Kent, Canterbury (Reino Unido - 2015). É editor da revista de filosofia PROMETEUS desde junho de 2008, além de parecerista de muitas revistas da área. Bolsista em produtividade pelo CNPq entre 2015 e 2018, é atualmente bolsista da Academia Britânica (Newton Advanced Fellowship Award), em projeto que vigorará entre 2018 e 2021. É membro fundador do Pórtico de Epicteto, grupo de pesquisadores brasileiros em Epicteto. Tem quase cem artigos publicados em periódicos da área, além de vários livros sobre Epicteto e estoicismo. Desde 2012, é membro permanente do Programa de Mestrado em Filosofia da UFS. Atualmente, entre outros projetos, trabalha na tradução comentada do livro II das *Diatribes de Epicteto*.

AUTHORS

Aldo Dinucci holds a PhD in philosophy from PUC-RJ. Associate Professor at the Federal University of Sergipe (Brazil), where he has been teaching since 2003, has postdoctoral fellowships from IFCS / UFRJ (2014) and the University of Kent, Canterbury (UK - 2015). He is editor of the journal of philosophy PROMETEUS since June 2008, and a reviewer of many journals of the area. He had a fellowship in productivity of CNPq (Brazilian National Council for Scientific and Technological Development) between 2015 and 2018. He has currently a fellowship of the British Academy (Newton Advanced Fellowship Award), in a project that will be in force between 2018 and 2021. He is a founding member of Epictetus' Porticus, a group of Brazilian researchers of Epicteto. He has almost one hundred articles published in journals of the area, besides several books on Epictetus and Stoicism. Since 2012, he is a permanent member of the Master Degree Program in Philosophy at UFS. Currently, among other projects, he works on the commented translation of book II of Discourses of Epictetus.

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA	11
APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO DO LIVRO I DAS <i>DIATRIBES DE EPICTETO</i>	13
Nota Biográfica sobre Epicteto, Epafrodito e Musônio	13
Sobre as Diatribes de Epicteto: composição e principais edições	29
Sobre o editor das <i>Diatribes de Epicteto</i> : Lúcio Flávio Arriano Xenofonte da Bitínia	32
Sobre as <i>Diatribes de Epicteto</i> : composição e principais edições	35
<i>AS DIATRIBES DE EPICTETO, LIVRO I</i>	43
REFERÊNCIAS	180
INDEX LOCORVM	193
INDEX RERVM	203

(Página deixada propositadamente em branco)

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Aos meus amigos e colaboradores do Pórtico de Epicteto, pelo incentivo, pelo respeito e pela atenção.

A todos que ajudaram na revisão dos manuscritos iniciais desta tradução, em especial Mel Lima, Paulo César Gonçalves, Kelli Rudolph, Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues, Carlos Enéas de Moraes Lins da Silva, Germano Martinelli e Danilo Patutti.

Um especial agradecimento a Luís Márcio Fontes, que realizou a revisão técnica de parte do manuscrito até a diatribe 1.6, e a Marcus de Aquino Resende, que revisou cuidadosamente por duas vezes os manuscritos finais.

A Giuseppe Dinucci, *in memoriam*.

Que a luz de Epicteto sempre nos ilumine.

Aldo Dinucci, Aracaju, Novembro de 2019.

(Página deixada propositadamente em branco)

APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO DO LIVRO I DAS *DIATRIBES DE ÉPICTETO*

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE ÉPICTETO, EPAFRODITO E MUSÔNIO

Simplício nos informa, no próêmio de seu *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*¹, que Flávio Arriano teria escrito uma biografia do filósofo. Além disso, a multiplicidade de títulos atribuídos às *Diatribes*² na Antiguidade levou alguns³ a conjecturarem que Arriano teria escrito tal texto e que esses diversos títulos pertenceriam a diferentes obras, entre as quais se incluiria o relato biográfico. Souilhé pensa não ser esse o caso, enquanto outros comentadores, como González, Follet, Iseltraut Hadot e Schenkl⁴, cogitam que as partes hoje perdidas das *Diatribes* poderiam conter dados sobre a vida de Epicteto. Entretanto, na ausência da suposta biografia, bem como das conjecturadas partes biográficas das *Diatribes*, temos como material biográfico apenas o que nos é informado pelo próprio Epicteto nos livros que nos chegaram das *Diatribes*, além dos testemunhos antigos

¹ SIMPLÍCIO, Próêmio do Comentário ao Encheiridion de Epicteto, 1.5 ss. IN: Prometeus, n.15, 2014, p. 165-74. Cf. SCHENKL, 1916, testemunho III.

² Cf. à frente.

³ Como, por exemplo, ISELTRAUT HADOT (1996, p. 152-7).

⁴ SOUILHÉ, 2002, p. xiii; GONZÁLEZ, 2000, p. 111-2; FOLLET, 1994, p. 602; Iseltraut Hadot, 1996, p. 152-7; SCHENKL, 1916, p. xvi. Schenkl especula que as *Diatribes* deveriam conter originalmente uma passagem na qual Epicteto, em seus últimos momentos e diante de seus discípulos, falasse, como Sócrates no *Fédon*, da morte como algo indiferente, o que explicaria Simplício dizer que Arriano falou sobre a vida e a morte de Epicteto.

sobre sua vida, cuidadosamente compilados por Schenkl⁵, entre os quais se destacam as informações que nos foram transmitidas por três fontes principais: Aulo Gélíio⁶, Simplício⁷ e a *Suda*, que nos diz o seguinte sobre Epicteto:

De Hierápolis, uma cidade da Frígia; um filósofo; um servo de Epafrodito, um dos guarda-costas do imperador Nero. Estropiado em uma perna por derrame, viveu em Nicópolis, uma cidade da província de Épiro Nova. Sua vida se estendeu até o reinado de Marco Aurélio Antonino. Escreveu muitos livros⁸.

Uma inscrição em homenagem a Epicteto, descoberta em Pisídia⁹, da autoria de certo Leonciano, afirma Epicteto ter, como mãe, uma serva, o que o faria servo de nascença. Um epigrama, citado por João Crisóstomo, Macróbio e Simplício¹⁰,

⁵ SCHENKL, 1916. Schenkl observa, porém, que, em sua ampla maioria, todos os testemunhos antigos derivam-se do que é dito pelo próprio Epicteto nas *Diatribes* (1916, p. XVI).

⁶ AULO GÉLIO, *Noites Áticas* 1.2.6-13; 2.18.10; 15.11.5 (= SCHENKL, 1916, testemunho VIII- X). Aulo Gélíio, autor e gramático latino, viveu entre 125 e 180.

⁷ Simplício da Cilícia, filósofo neoplatônico bizantino, viveu entre 490 e 560.

⁸ *Suda*, épsilon 2424 (Adler = SCHENKL, 1916, testemunho XXI).

⁹ KAIBEL, 1888, p. 532-545. Cf. SCHENKL, 1916, testemunho XIX. Pisídia, atual Antalya (na Turquia), é uma região do Sul da Ásia Menor que foi, por muitos séculos, província do Império Romano.

¹⁰ JOÃO CRISÓSTOMO, *Hom. 13 in Acta*. IN: *Patrologia Graeca*, 60.111.30 (= SCHENKL, 1916, testemunho XVIII). São João Crisóstomo nasceu em Antioquia (atual Antakya), na Síria, aproximadamente em 347 e morreu em 14 de Setembro de 407. Foi teólogo, escritor e arcebispo de Constantinopla do fim do século IV ao início do V. MACRÓBIO, *Saturnálias* 1.11.45 (= SCHENKL, 1916, testemunhos 35 e 36). O romano Flávio Ambrósio Teodósio Macróbio, nascido por volta de 370, na Numídia, foi escritor e filósofo. Compôs as *Saturnálias* e o *Comentário ao Sonho de Cipião*. SIMPLÍCIO, *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*, 45.35; 55.3.

confirma que Epicteto fora servo. Nesse epigrama, ocorre o verbo *gignesthai* em relação a Epicteto e o fato de sua servidão, o que, pela ambiguidade de significações do verbo, pode tanto indicar ter nosso filósofo nascido servo (primeira hipótese) quanto ter-se tornado servo em momento posterior¹¹ (segunda hipótese). Schenk¹² inclina-se para a segunda hipótese, sugerindo que a difundida ideia de ter nascido servo seria derivada, na verdade, de *Diatribes*¹³, 4.1.51. Martha¹⁴ sustenta também a segunda hipótese ao afirmar que o nome “Epicteto” (que, segundo ela, significaria “adquirido”) era comumente dado a homens que, caindo na servidão em algum momento da vida, eram, então, comprados. Martha afirma ainda que “Epicteto” seria na verdade um cognome que o filósofo, por modéstia, mantinha ao invés do seu nome real. Oldfather¹⁵ prefere a primeira hipótese, observando que homens livres também tinham esse nome – e a questão sobre se Epicteto nasceu ou não servo fica em aberto¹⁶. Oldfather observa ainda que em parte alguma tal tipo de modéstia foi sugerida, seja em relação a Epicteto, seja em relação a outro estoico. Colardeau¹⁷ propõe que o nome designava uma parte da Frígia meridional que havia sido, por aqueles tempos, anexada pelos romanos e que fora aplicado ao filósofo para indicar sua terra natal. Souilhé¹⁸ contesta essa observação pela inexistência de evidências a seu favor.

Em suma, pelo que somos informados nas *Diatribes* e alhures, a única coisa certa quanto ao período de servidão de Epicteto

¹¹ GONZÁLEZ, 2000, p. 113. Cf. SCHENKL, 1916, p. XVI, n. 2.

¹² SCHENKL, 1916, p. XVI.

¹³ As *Diatribes* de Epicteto.

¹⁴ Cf. MARTHA, 1865, p. 196.

¹⁵ OLDFATHER, 1928, vol. 1, p. vii, n. 2.

¹⁶ Como observa GERMAIN, 1965, p. 435 – 436.

¹⁷ COLARDEAU, 1903, p. 6, n. 5.

¹⁸ SOUILHÉ, 2002, p. iii.

é que ele foi servo pelo menos em parte de sua vida e que já não o era mais quando Domiciano decretou, provavelmente em 95, a expulsão dos filósofos e astrólogos de Roma, decreto que atingiu o nosso filósofo¹⁹.

Epicteto teria chegado a Roma como servo de Epafrodito, secretário (encarregado de receber petições) de Nero, segundo Suetônio²⁰; ou guarda-costas de Nero, segundo a *Suda*. Epafrodito, a quem Epicteto refere-se negativamente algumas vezes nas *Diatribes*, ajudou Nero a se matar quando este foi proclamado inimigo de Roma pelo Senado em 68, pelo que foi ele mesmo, mais tarde, condenado à morte por Domiciano²¹. A divergência quanto à função de Epafrodito na corte de Nero pode ser elucidada por ter sido de fato secretário no princípio de sua carreira, sendo posteriormente, como prêmio por ter auxiliado Nero no episódio da conspiração de Pisão²², encarregado da segurança

¹⁹ EPICTETO, *Diatribes*, 1.9.29-30; 1.19.19-21; SCHENKL, 1916, testemunhos 9, 17, 18, 31 *a e b*, 35, 36, 36 *a*, 47, 50, 59. Frontão, *Cartas* 5. Marcos Cornélio Frontão (ca. 100 -170) foi um gramático, retórico e advogado romano nascido na Numídia. Epicteto é o único filósofo que sabemos nominalmente ter sido atingido por esse decreto. Cf. AULO GÉLIO, *Noites Áticas* 15.11; SIMPLÍCIO, *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*, 153 b; PLÍNIO, O JOVEM, *Cartas* 3.11; TÁCITO, *Agrícola*, c. 2; DUDLEY D. R. 1980, p. 139, n. 1; SHERWIN-WHITE, 1957, p. 126-30.

²⁰ Nero Cláudio César Augusto Germânico nasceu em 15 de dezembro de 37 e faleceu em 9 de junho de 68. Governou Roma entre 54 e 68 e foi o último imperador da dinastia Júlio-claudiana. Cf. SUETÔNIO, *Nero*. 49.5; *Domiciano* 14.2. O escritor e historiador romano Caio Suetônio Tranquilo viveu entre 69 e 141.

²¹ EPICTETO, *Diatribes*, 1.1.20; 1.19.19; 1.26.11. Tito Flávio Domiciano nasceu em 24 de outubro de 51 e morreu em 18 de setembro de 96. Foi imperador de Roma entre 14 de setembro de 81 até a sua morte. Era filho de Tito Flávio Sabino Vespasiano e irmão de Tito Flávio, a quem sucedeu.

²² Caio Calpúrnio Pisão, senador romano que viveu no século I, foi o principal idealizador da chamada Conspiração de Pisão, contra Nero. Em 19 de abril de 65, o liberto Mílico traiu Pisão, denunciando-o ao imperador. Dezenove conspiradores foram condenados à morte e outros treze, exilados. Pisão recebeu e cumpriu a ordem de cometer suicídio.

pessoal do imperador, o que explicaria tê-lo acompanhado nos seus momentos finais. Além disso, alguns historiadores creem ser ele o mesmo Epafrodito a quem Flávio Josefo dedicou seus escritos²³.

Epicteto se refere ao fato de ser manco (*cholos*) em *Diatribes*, 1.8.14 e 1.16.20. Simplício diz que Epicteto possuía fraqueza física (*soma asthenes*)²⁴. Fontes antigas afirmam que seu defeito físico seria devido à crueldade de Epafrodito²⁵. Outros dizem ainda que Epicteto fora mutilado pela violência que teria sofrido de um “tirano na Macedônia”²⁶. Tais testemunhos sobre agressões padecidas podem simplesmente supor o que é dito pelo próprio Epicteto em *Diatribes*, 1.19.8, razão pela qual Schenkl²⁷ dá mais crédito à versão da *Suda*, pois vê um carácter apotegmático nos relatos de maus tratos, pelos quais se opõe a liberdade interior à escravidão do corpo, tema recorrente em Epicteto. Entretanto, uma observação de Musônio sobre o carácter fisicamente ameaçador do senhor de Epicteto pode indicar que tal

²³ Tito Flávio Josefo (em hebraico Yosef Ben Matityahura) viveu entre 37 ou 38 e 100 e foi um historiador judaico-romano. Flávio Josefo, em suas obras *Antiguidades dos Judeus*, *Autobiografia* e *Contra os Gregos* agradece ao seu patrono Epafrodito. Entretanto, não se sabe se esse é o mesmo senhor de Epicteto (Tibério Cláudio Epafrodito) ou se Epafrodito de Queroneia (liberto de Modesto, *praefectum* do Egito nos anos 50).

²⁴ SIMPLÍCIO, *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*, 45.36.

²⁵ GREGÓRIO NAZIANZO, *Oratio I contra Iulianum*. IN: *Patrologia Graeca*, 35.592.14; *Ep. 32 ad Philagrium* 10.2; ORÍGENES. *Contra Celsum*, VII, 53. IN: *Patrologia Graeca*, 3.368. Cf. SCHENKL, 1916, testemunhos 31-35 (com os testemunhos não só de Gregório, mas também de seu irmão Cesário). Segundo Orígenes, na passagem mencionada, Celso teria sido o primeiro a mencionar essa anedota, segundo a qual, ao ser torturado por seu senhor e suportando a dor, Epicteto advertiu: “Vais quebrar minha perna” e, quando isso efetivamente ocorreu, Epicteto observou: “Viste, quebraste minha perna!”.

²⁶ NONO. IN: *Patrologia Graeca*, v. 11, col. 638; COSME DE JERUSALÉM. IN: *Patrologia Graeca*, vol. 88, col. 459-524.

²⁷ SCHENKL, 1933, p. xv – xxxiii.

violência realmente ocorreu ou ocorria em alguma medida²⁸.

Não é possível determinar precisamente as datas de nascimento e morte de Epicteto, mas tão somente inferir, a partir de *Diatribes*, 4.5.17, que estava vivo sob Trajano²⁹. Em *Diatribes*, 3.7, Epicteto conversa com um *corrector*³⁰ que alguns historiadores supõem ser o mesmo Máximo mencionado em carta de Plínio, o jovem³¹. Como essa carta é de 108, estima-se que Epicteto morreu após tal data. A *Suda*, como vimos acima, afirma que Epicteto estaria vivo sob Marco Aurélio³², o que é muito improvável, pois Epicteto, para tanto, deveria ter cerca de 20 anos quando expulso de Roma por Domiciano³³, mas dificilmente seria, tão jovem, um filósofo reconhecido. Talvez o autor da *Suda* se ampare em Marco Aurélio, 1.7, passagem na qual o imperador-filósofo fala com admiração de Epicteto, o que poderia levar o leitor desavisado a crer que o tivesse conhecido. Temístio, por sua vez, afirma que Epicteto estaria vivo sob

²⁸ EPICTETO, *Diatribes*, 1.9.29.

²⁹ Marco Úlpio Nerva Trajano viveu entre 18 de setembro de 53 e 9 de agosto de 117. Foi imperador romano entre 98 e 117, período no qual o Império Romano atingiu sua maior extensão territorial. Trajano realizou extensos programas de obras públicas e implementou diversas políticas sociais. Na passagem mencionada, Epicteto se refere nominalmente a Trajano.

³⁰ Tal cargo surgiu durante o governo de Trajano e era ocupado por oficiais da classe senatorial designados para investigar e corrigir a administração nas províncias.

³¹ PLÍNIO, O JOVEM, *Carta 22*. Caio Plínio Cecílio Segundo viveu entre 61 (ou 62) e 114. Foi orador, jurista e político, além de governador imperial na Bitúnia entre 111 e 112. Adotado por Plínio, o Velho, de quem era sobrinho-neto, foi testemunha ocular da erupção de 79 do Vesúvio, sobre o que escreveu.

³² César Marco Aurélio Antonino Augusto ou simplesmente Marco Aurélio, viveu entre 26 de abril de 121 e 17 de março de 180. Foi imperador de Roma entre 161 e 180. Após sua morte, foram publicadas suas reflexões filosóficas, que lhe valeram o título de filósofo estoico e seguidor de Epicteto.

³³ Cf. STELLWAG, 1933, p. 1 ss.

os Antoninos, ou seja, sob Marco Aurélio ou Antonino Pio, que chegou ao poder em 138³⁴, o que também não é factível. O mais provável é Epicteto ter morrido na altura da metade do reinado de Adriano³⁵. Se for esse o caso, Epicteto teria nascido em torno do ano 50, em Hierápolis (atual Tambouk-Kalesi, na Turquia), cidade famosa por suas fontes termais, situada aos pés do monte Mesogis, diante da Laodiceia, à época uma importante urbe da Frígia meridional que abrigava um centro religioso célebre por seus cultos a Cibele, bem como uma primitiva comunidade cristã³⁶.

A partir desses cálculos e conjecturas, Schenkl³⁷ estima as datas de nascimento e morte de Epicteto entre 50 e 138, supondo que ele estaria vivo sob Adriano e morto antes dos 90 anos. Dobbin³⁸, embora concordando que isso é consistente com as fontes, prefere, pela imprecisão delas, dizer simplesmente que Epicteto floresceu em 110.

Segundo Millar³⁹, não há evidências claras de que Epicteto estivesse em Roma no reinado de Nero, embora nosso filósofo se refira a vários fatos que ocorreram então: a resposta do cínico

³⁴ Temístio viveu entre 317 e 387 e foi um filósofo peripatético tardio. Há ainda um testemunho posterior de Jorge Sincelo (SCHENKL, 1916, testemunho V), que afirma que Epicteto floresceu sob Antonino Pio (138-61). Jorge Sincelo é um escritor eclesiástico bizantino que morreu por volta de 810. Tito Fúlvio Aélio Antonino Augusto Pio nasceu em 19 de setembro de 86 e faleceu em 7 de março de 161. Governou Roma entre 138 e 161. Cf. TEMÍSTIO, *Orações* 5, 63 d (= SCHENKL, 1916, testemunho XXX).

³⁵ Públio Aélio Trajano Adriano Augusto nasceu em 24 de janeiro de 76 e faleceu em 10 de julho de 138. Governou Roma entre 117 e 138.

³⁶ Tais termas funcionam até hoje. Quanto ao culto de Cibele, cf. ESTRABÃO, 13.13-14. Quanto à comunidade cristã, cf. SPANNEUT, 2009-2011, col. 599 ss.

³⁷ SCHENKL, 1916, p. xlii.

³⁸ DOBBIN, 2008, p. xiii.

³⁹ MILLAR, 1965, p. 141.

Demétrio⁴⁰ diante da ameaça de morte de Nero (*Diatribes*, 1.25.22); a discussão entre Pacônio Agripino e Floro⁴¹ sobre se este deveria participar do espetáculo teatral de Nero (*Diatribes*, 1.2.12-18); a execução de Laterano⁴² em 65 (*Diatribes*, 1.1.19); a conversa entre Trásea Peto e Musônio⁴³ sobre seu exílio (*Diatribes*, 1.1.26-27); a reação de Pacônio Agripino ao saber de seu exílio em 66 (*Diatribes*, 1.1.28-32). Para Millar, tudo o que podemos saber com certeza é que Epicteto estava em Roma no período dos imperadores Flavianos, quando era amigo e discípulo de Rufo⁴⁴. Epicteto menciona a anedota de Rufo relativa à

⁴⁰ Demétrio foi um filósofo cínico de Corinto. Viveu sob Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano (entre 37 e 71). Era amigo de Sêneca, que muitas vezes o elogia e cita (cf. SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 20.9, 62.3, 67.14, 91.19). Calígula tentou suborná-lo com dois mil sestércios, sobre o que o cínico comentou: “Se ele quisesse me tentar, deveria ter feito tal oferecendo-me todo o seu império” (cf. SÊNECA, *Dos Benefícios*, 7.11).

⁴¹ Pacônio Agripino foi um filósofo estoico do século I muito elogiado por Epicteto (cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.1.28-30). Sob Nero, foi acusado junto com Trásea e banido da Itália em 67. Gêssio Floro foi procurador romano na Judeia entre 64 e 66.

⁴² Pláutius Laterano foi amante de Messalina, esposa do imperador Cláudio e, por esse motivo, condenado à morte em 48. Entretanto, foi perdoado a pedido de seu tio Aulo Pláutius (general e político romano da primeira metade do século I, que iniciou a conquista da Britânia e foi o primeiro governador da nova província). Pláutius Laterano, enquanto cônsul em 65, participou da conspiração de Pisão e foi condenado à morte. Com firmeza e coragem, negou-se a denunciar seus colegas de conspiração. No ato de sua decapitação, o primeiro golpe, não sendo forte o suficiente, foi interrompido. Após isso, Laterano calmamente ofereceu novamente o pescoço para que o algoz terminasse seu trabalho (cf. Tácito, *Anais*, 11.30; 36; 13.11; 15.49; 60).

⁴³ Públio Clódio Trásea Peto foi um senador romano do século I que se destacou por sua oposição a Nero e por sua ligação com o estoicismo. Processado por Nero em 66, foi condenado à “morte por livre escolha” (*liberum mortis arbitrium*) e, tendo as veias de ambos os braços cortadas, morreu na presença de amigos e admiradores. Cf. TÁCITO, *Anais*, 34-5; DIÃO CÁSSIO, 62.26.4). Quanto a Musônio, logo à frente falaremos sobre ele.

⁴⁴ Os imperadores Flavianos governaram Roma entre 69 e 96. São eles: Vespasiano (69–79) e seus filhos Tito (79–81) e Domiciano (81–96).

morte de Galba⁴⁵ (*Diatribes*, 3.15.14) e se refere a uma conversa entre ele e Rufo sobre o incêndio do Capitólio em 69 (ou em 80 – cf. *Diatribes*, 1.7.32). Em outra oportunidade, fala sobre a já mencionada suposta crueldade de Epafrodito (*Diatribes*, 1.9.29-30). Epicteto menciona também Eufrates, discípulo de Musônio (*Diatribes*, 1.15.8; 4.8.17-20) e se refere a uma conversa entre Helvídio Prisco⁴⁶ e Vespasiano (*Diatribes*, 1.2.19-21; cf. *Diatribes*, 4.1.123), que, se verdadeira, teria ocorrido entre 71 e 72⁴⁷. Epicteto faz alusão diversas vezes a cenas romanas, como o aqueduto *Aqua Marcia* (*Diatribes*, 2.16.30-1), o altar da Febre no Palatino (*Diatribes*, 1.19.6), cenas do circo ou do teatro (*Diatribes*, 1.11.27; 1.29.37), a Saturnália⁴⁸ (*Diatribes*, 1.25.8; 1.29.31; 4.1.58), a libertação de um escravo diante do pretor

Após Galba e Otão, Vitélio tornou-se imperador, em 69. Entretanto, algumas legiões declararam Vespasiano imperador. Vitoriosas na segunda batalha de Bedriaco, as forças flavianas entraram em Roma em 20 de dezembro do mesmo ano, e Vespasiano foi legitimado como imperador pelo Senado no dia seguinte. Cf. CORA LUTZ, 1947, p. 8-9.

⁴⁵ Sérvio Sulpício Galba César foi imperador romano por sete meses entre 68 e 69.

⁴⁶ Eufrates foi um eminente filósofo estoico que viveu entre 35 e 118. Segundo Filóstrato (*Vida dos Sofistas Ilustres* 1.7; *Vida de Apolônio de Tiana*, 1.13), seria nativo de Tiro. Segundo Estéfano de Bizâncio (*Epiphaneia*), seria sírio, enquanto Eunápio chama-o de egípcio. Muito elogiado por Plínio (*Cartas* 1.10), também é citado por Epicteto (EPIC-TETO, *Diatribes*, 3.15; 4.8) e por MARCO AURÉLIO (10.31). Cf. DIÃO CÁSSIO, 69.8. Helvídio Prisco foi um filósofo estoico que viveu sob Nero, Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano. Sob Nero foi questor da Acaia e tribuno da plebe (56). Restaurou a ordem e a paz na Armênia. Foi banido em 66 por sua simpatia por Bruto e Cássio. Galba o trouxe do exílio em 68, mas foi novamente banido e, a seguir, executado por Vespasiano.

⁴⁷ Cf. MILLAR, 1965, p. 142.

⁴⁸ A Saturnália era um antigo festival romano em honra a Saturno, que ocorria entre os dias 17 e 23 de dezembro (no Calendário Juliano). Havia, então, um sacrifício no templo de Saturno e um banquete público, seguido de troca de presentes. Durante as festividades, quebravam-se as normas: os senhores, por exemplo, serviam seus servos.

(*Diatribes*, 2.1.26-7), o seu encontro com um cônsul nas ruas⁴⁹ (*Diatribes*, 3.3.15 e 17) e a eleição de um tribuno (*Diatribes*, 1.19.24).

Quanto a Caio Musônio Rufo, professor de filosofia de Epicteto, que o menciona em *Diatribes*, 1.1.27 e 1.9.29, observando que ainda era servo enquanto aluno dele, a *Suda* nos diz ser ele tirreno (etrusco), natural de Volsínio, filósofo dialético e estoico. Musônio foi filósofo ativo durante o reinado de Nero até o reinado de Trajano. Exilado por Nero e enviado para Giaros em 65⁵⁰, sua vida se estendeu de 30 a 90 ou 100, ou seja, até o reinado dos Flavianos. Chegaram-nos, em parte, suas *Diatribes*, escritas por certo Lúcio, além de testemunhos e fragmentos. A edição crítica de sua obra é de autoria de Hense⁵¹, que deve ser complementada por um papiro incluído na edição de Cora Lutz.

Depois de ser aluno de Rufo, Epicteto tornou-se filósofo-orador nas ruas de Roma (cf. *Diatribes*, 2.12.17-25), sendo, em certa altura, como dito acima, atingido pelo decreto de Domiciano. Expulso de Roma, Epicteto escolheu como destino Nicópolis⁵², cidade localizada na entrada do golfo Ambrácico, na Épiro, fundada por Augusto em comemoração à sua vitória na Batalha de Áccio⁵³. Havia duas províncias com o nome de

⁴⁹ Epicteto aparentemente primeiro agiu como Sócrates, questionando as pessoas pelas ruas, até ser agredido por um rico ex-cônsul com um soco na cara (cf. EPICETETO, *Diatribes*, 2.12.17 ss.).

⁵⁰ TÁCITO, *Anais* 15, 71; EPICETETO, *Diatribes*, 1.25.19-20; 2.6.22; 3.24.100 e 109.

⁵¹ HENSE, *Musonii Rufi Reliquiae*. Leipzig 1905. Outros trabalhos importantes e recentes que tratam de Musônio são: LAURENTI (1989) e FRANCIS (1995).

⁵² AULO GÉLIO, *Noites Áticas* 15.11 (= SCHENKL, 1916, testemunho X); SIMPLÍCIO, *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*, 65.37 (= SCHENKL, 1916, testemunho LI); PLÍNIO O JOVEM, *Cartas* 3.11; Luciano, *A morte do peregrino* (= SCHENKL, 1916, testemunho XVI); TÁCITO, *Vida de Agrícola* 2.

⁵³ Batalha naval, ocorrida em 2 de setembro de 31 AEC, que decidiu

Épiro: *Epirus Vetus* (Épiro Velha) e *Epirus Nova* (Épiro Nova), ambas estabelecidas sob Domiciano e conhecidas até a era bizantina. Nicópolis, ao contrário do que anuncia a *Suda*, era a capital de *Epirus Vetus*; e Dirráquio, a capital de *Epirus Nova*.

Em Nicópolis, Epicteto fundou uma escola de filosofia, provavelmente em sua própria casa, à qual afluía um grande número de discípulos e ouvintes⁵⁴.

De acordo com Aélio Espartano⁵⁵, Epicteto era amigo do imperador Adriano, o que é reforçado pelo fato de, em *Diatribes*, 3.13.4, nosso filósofo se referir à *pax romana* à qual esse imperador estava intimamente associado. É possível que Epicteto tenha recebido a visita de Adriano em sua escola em Nicópolis ou o tenha conhecido em Atenas. Schenkl sustenta esta última hipótese, citando testemunhos de Luciano⁵⁶ e Filóstrato⁵⁷. Souilhé⁵⁸, especulando que o que ocorreu de fato foi uma viagem de Adriano a Nicópolis, argumenta que tais testemunhos nada provam quanto à suposta viagem de Epicteto a Atenas e que a passagem das *Diatribes*, a partir da qual se conjectura que

a guerra civil, dando fim à República Romana. Nessa batalha, Otaviano (mais tarde César Augusto) enfrentou as forças combinadas de Marco Antônio e Cleópatra VII – e sagrou-se vencedor.

⁵⁴ Cf. GONZÁLEZ, 2000, p. 115-6.

⁵⁵ AÉLIO ESPARTANO, *Vida de Adriano* 16.10, IN: *Historia Augusta*.

⁵⁶ *Vida de Demonax*, 55 (= SCHENKL, 1916, p. xxvi). Cf. SCHENKL, 1916, testemunho XIV, no qual Luciano nos fala de uma conversa entre Epicteto e Demonax, filósofo cínico originário do Chipre, que viveu entre 70 e 170 e passou sua vida em Atenas. Luciano, escritor cínico que viveu entre c. 125-180, cita Epicteto cinco vezes ao todo (cf. SCHENKL, 1969, testemunhos 4; 13-16).

⁵⁷ Na carta 69 (*a Epicteto* = SCHENKL, 1916, testemunho XXII), na qual Filóstrato fala dos muitos aplausos recebidos por Epicteto em Atenas, comparáveis ao retumbar dos címbalos durante os mistérios de Elêusis. Há outra carta a Epicteto em Filóstrato (Carta 65 = SCHENKL, 1969, testemunho XXX).

⁵⁸ SOUILHÉ, 2002, p. viii, n. 3.

Epicteto teria conhecimento dos mistérios de Elêusis⁵⁹, não constitui indício de que ele efetivamente viajara para Atenas. Oldfather⁶⁰ crê na possibilidade dessa viagem, embora sem considerar os testemunhos apresentados por Schenkl como evidências comprobatórias. Hijmans⁶¹, que avalia que o encontro entre Epicteto e Adriano poderia ter ocorrido em 125, observa que a única coisa certa é que havia uma estreita relação entre Epicteto e Adriano. Na Antiguidade, uma estátua de Hermes foi erigida em homenagem a Epicteto no santuário de Epidaurro. No pedestal da estátua há a seguinte inscrição: “Seu amigo <honra> ao muito pio Epicteto”. A omissão do nome do amigo pode indicar que tal homem era suficientemente conhecido para dispensar apresentação, pelo que é possível que a homenagem tenha sido do próprio Adriano⁶².

Epicteto foi influenciado pela resistência de alguns estoicos (Helvídio Prisco e outros) aos imperadores Nero, Vespasiano e Domiciano, na segunda metade do primeiro século⁶³. O aspecto político do ensino de Epicteto poderia ter sido considerado subversivo – possível razão pela qual Arriano não teria publicado espontaneamente as *Diatribes* e o *Encheiridion*⁶⁴.

O reconhecimento de Epicteto na Antiguidade é, nas *Noites Áticas* de Gélio, testemunhado por Favorino, protegido de Adriano⁶⁵. Aulo Gélio também nos informa que Herodes

⁵⁹ EPICTETO, *Diatribes*, 3.21.

⁶⁰ OLDFATHER, 1928, vol. 1, p. x.

⁶¹ HIJMANS, 1959, p. 1 ss.

⁶² Cf. GONZÁLEZ, 2000, p. 116.

⁶³ EPICTETO, *Diatribes*, 1.1.18-32; 1.2.19-24.

⁶⁴ EPICTETO, *Diatribes*, 1.29.9. Quanto a Lúcio Flávio Arriano, ver à frente na seção consagrada a ele.

⁶⁵ Favorino de Arelate viveu entre 80 e 160 e foi um sofista e um filósofo romano. Floresceu sob Adriano. Uma vez, após deixar-se vencer por um argumento facilmente refutável de Adriano, disse que era tolice criticar a lógica do comandante de trinta legiões. Foi banido pelo próprio Adriano

Ático⁶⁶ considerava Epicteto como o maior dos estoicos, o que indica que os textos de Epicteto circulavam após sua morte e que Epicteto já era então reconhecido. Marco Aurélio cita Epicteto diversas vezes e o coloca ao lado de Crisipo e Sócrates, bem como agradece ao seu professor de filosofia Júnio Rústico por ter-lhe apresentado com um exemplar das *Diatribes de Epicteto*⁶⁷. Galeno, contemporâneo de Marco Aurélio, escreveu um livro⁶⁸ (hoje perdido) no qual defendia Epicteto de críticas de Favorino. Orígenes⁶⁹ cita Epicteto seis vezes em *Contra Celsum*. Em uma das passagens⁷⁰, nos diz que Epicteto era mais popular em seus dias que Platão. O contexto da querela entre Orígenes e Celso é a discussão sobre quem é superior: Cristo ou Epicteto. Orígenes afirma ser Cristo por seus milagres. Celso assevera ser Epicteto por sua sabedoria; Contudo, no que concerne à filosofia, Orígenes concede que Epicteto seja superior a Platão⁷¹.

para a ilha de Quios por volta de 130. Retornou a Roma sob Antonino Pio. Cf. AULO GÉLIO, *Noites Áticas* 17.19.1-6 (= SCHENKL, 1916, testemunho X), em que Favorino cita o famoso *dictum* epictetiano “Anechou kai apechou” (“Suporta e Abstém-te”). Cf. também *Noites Áticas*, 19.1.14-21.

⁶⁶ AULO GÉLIO, *Noites Áticas* 1.2.6. Herodes Ático viveu entre 101 e 177 e foi um senador romano e um destacado sofista, talvez o maior representante da Segunda Sofística.

⁶⁷ MARCO AURÉLIO, 7.19. Quinto Júnio Rústico foi um dos professores do imperador Marco Aurélio e o mais distinto filósofo estoico de seu tempo. Foi muito honrado por Marco Aurélio, que constantemente o consultava sobre todos os assuntos públicos e privados. Foi duas vezes promovido por ele ao consulado e, após sua morte, obteve do Senado estátuas erguidas em sua honra (cf. DIÁO CÁSSIO lxxi. 35; CAPITOLINO. *Marco Aurélio Antonino*, 3; MARCO AURÉLIO, 1.7).

⁶⁸ Aélio Galeno ou Cláudio Galeno, também conhecido como Galeno de Pérgamo (atual Bergama, na Turquia) viveu entre 129 e 200 (ou 216) e destacou-se como médico, cirurgião e filósofo. Cf. GALENO, *Lib. prop.* 11. Cf. *De optima doctrina* 1.14.

⁶⁹ Orígenes Adamâncio viveu entre 184/185 e 253/254 e foi um teólogo cristão.

⁷⁰ ORÍGENES, *Contra Celsum*, 6.2 (=SCHENKL, 1916, testemunho XVII).

⁷¹ GOURINAT (1998, p. 1) vê aí dois modelos que se confrontam:

Plotino⁷², por sua vez, embora não mencione nominalmente Epicteto, evidencia em diversas passagens a influência do estoico.

Nos séculos V e VI, os neoplatônicos demonstram conhecimento e interesse pelo pensamento de Epicteto. Temos referências a ele em Damáscio, em Proclo, em Hiérocles, em Olimpíodoro e, finalmente, em Simplício, que nos legou seu vultuoso *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*⁷³.

No Oriente, autores gregos patrísticos, como Justino Mártir e Clemente de Alexandria, evidenciam a influência epictetiana sem nomeá-lo⁷⁴. Basílio parafraseia o capítulo 8 do *Encheiridion*⁷⁵. Gregório de Nazianzo faz algumas alusões à anedota referida por Celso sobre a perna quebrada de Epicteto⁷⁶. João Crisóstomo, embora também parafraseie um capítulo do

a sabedoria pagã e a santidade cristã. Cf. SCHENKL, 1916, testemunho XXVI.

⁷² Filósofo fundador do neoplatonismo, viveu entre 205 e 270. Cf. SPANNEUT, 2009-11, col. 622-23.

⁷³ Damáscio viveu entre c. 458 e 538 e foi o último escolarca da escola de Atenas. Perseguido por Justiniano (que decretou, em 529, o fechamento de todas as escolas filosóficas), refugiou-se na Pérsia, donde voltou para Alexandria após um tratado de paz entre Justiniano e os persas. A referência está em sua obra *Vita Isidori* (= SCHENKL, 1916, testemunho LXII). Cf. SPANNEUT, 2009-11, col. 622-23. Proclo foi um filósofo neoplatônico que viveu entre 412 e 485. A referência está em sua obra *Platonis Alcibiadem Commentaria* (= SCHENKL, 1916, testemunho XLIII). Hiérocles de Alexandria foi um neoplatônico ativo por volta de 430. A referência está em sua obra *Carmen aureum* (= SCHENKL, 1916, testemunho XXXVIII). Olimpíodoro, o jovem, viveu entre c. 495 e 570 e foi o último filósofo neoplatônico da escola de Alexandria. A referência está em sua obra *Platonis Gorgiam comentaria* (= SCHENKL, 1916, testemunho LIII).

⁷⁴ Justino Mártir viveu entre 100 e 165. Clemente de Alexandria viveu entre c. 150 e 211 (216). SPANNEUT estuda cuidadosamente essas influências (2009 - 2011, col. 622-23).

⁷⁵ Cf. SPANNEUT, 2009-11, col. 642-5.

⁷⁶ SCHENKL, 1916, testemunhos 31-34.

*Encheiridion*⁷⁷, menciona Epicteto uma única vez.

No Ocidente, como observa Boter, Epicteto parece ter caído no esquecimento após o século V⁷⁸. Nosso filósofo é mencionado uma vez por Arnóbio⁷⁹. O capítulo 5 do *Encheiridion* é parafraseado por Ambrósio⁸⁰. Agostinho⁸¹ o cita ao comentar uma passagem de Aulo Gélío. Epicteto também é mencionado por Paládio e Teodoreto⁸², por Sinésio e Procópio e por Cosme e Nonno⁸³.

A simplicidade da vida de Epicteto em Nicópolis é ressaltada em passagem das *Diatribes*⁸⁴ na qual Epicteto nos diz que, após ter sua lâmpada de ferro roubada, resolveu substituí-la por outra de barro. Luciano⁸⁵, inspirado nessa passagem, refere-se à famosa anedota sobre o homem que comprou a lâmpada de barro de Epicteto por 3000 dracmas, por querer, com o auxílio de sua luz em suas leituras noturnas, tornar-se sábio como o filósofo. O próprio Epicteto se retrata manco, de cabelos brancos, com

⁷⁷ O capítulo 33.9 é parafraseado em *Homilia in Acta apostolorum* 14.4 (*Patrologia Graeca*, 60.118). Cf. SCHENKL, 1916, testemunho XXXV.

⁷⁸ BOTER, 2011, p. 6.

⁷⁹ SCHENKL, 1916, *fragmento* Xa. Arnóbio de Sica, morto por volta de 330, foi um apologético cristão que viveu sob o imperador Diocleciano (284 - 305).

⁸⁰ Em sua obra *De bono mortis*, 8.31. Ambrósio de Alexandria foi aluno de Orígenes e teólogo cristão. Viveu no século III.

⁸¹ Em sua obra *A Cidade de Deus*, 9.4.2. Cf. SCHENKL, 1916, frag. IX.

⁸² SCHENKL, 1916, testemunhos 36a e 37a. Paládio de Antioquia foi bispo de Antioquia entre 496 e 498. Teodoreto de Cirro, teólogo e exegeta, viveu entre c. 393 e 466 e foi arcebispo de Cirro.

⁸³ Quanto a Sinésio e Procópio, cf. SCHENKL, 1916, testemunho XLVI. Esses autores comentam o capítulo 17 do *Encheiridion*, no qual a vida humana é comparada à interpretação de uma peça teatral. Quanto a Cosme e Nonno, cf. SCHENKL, 1916, testemunhos 31a.

⁸⁴ EPICTETO, *Diatribes*, 1.18.15; 1.29.21.

⁸⁵ LUCIANO, *Contra um ignorante* 13 (= SCHENKL, 1916, testemunho XV).

longa barba e a toga da profissão, mas sempre asseado⁸⁶.

Era favorável ao casamento⁸⁷, embora considerasse que o verdadeiro filósofo (para ele, o cínico ideal⁸⁸) devesse se abster da criação de filhos e se manter celibatário⁸⁹. Ao final da vida, tomou uma serva para ajudá-lo a criar um menino que adotara ao saber que iria ser exposto pelo pai que se encontrava em extrema miséria⁹⁰. Alguns comentadores⁹¹ creem Epicteto ter, então, tomado uma esposa. Contudo, por meio de uma anedota, Luciano parece indicar que Epicteto jamais se casou ou teve filhos. Segundo a anedota, Epicteto urge um dos presentes à sua diatribe a se casar, e o ouvinte, em tom de gracejo, lhe responde: “Sim, dá-me uma de tuas filhas!”⁹².

⁸⁶ EPICTETO, *Diatribes*, 3.1.24 e 4.11.13-14.

⁸⁷ EPICTETO, *Diatribes*, 1.23.

⁸⁸ EPICTETO, *Diatribes*, 3.2.

⁸⁹ EPICTETO, *Diatribes*, 3.22.67 ss.

⁹⁰ SIMPLÍCIO, *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*, 44.77.80.

⁹¹ Cf. HIJMANS, 1956, p. 2 n. 6.

⁹² LUCIANO, *Vida de Demonax*, 55.

**SOBRE O EDITOR DAS *DIATRIBES DE EPICTETO*: LÚCIO FLÁVIO
ARRIANO XENOFONTE DA BITÍNIA**

Um bitínio, um senador romano, um filósofo, um caçador, um general e um historiador, ele é a nossa única fonte para o pensamento de [...] Epicteto, nossa melhor fonte para Alexandre, o Grande, o autor do único relato sobrevivente sobre a exata disposição de marcha e formação de batalha de um exército romano, e o [...] segundo grego conhecido a ser feito governador de uma província com duas legiões ao seu comando. (STADTER, 1980, p. 1 – minha tradução)

Arriano era grego da Bitínia e cidadão romano por nascimento. Seu nome completo: Lúcio Flávio Arriano Xenofonte. O prenome foi descoberto em uma base de estátua em Atenas⁹³. Antes dessa descoberta, achava-se que Arriano havia recebido a cidadania romana de algum dos imperadores Flavianos ou de Flávio Sabino, pai de Vespasiano. Entretanto, o prenome *Lucius*, observa Stadter⁹⁴, indica que a família de Arriano adquirira a cidadania romana por volta da segunda metade do século I. Sua ascensão aos altos cargos romanos e sua investidura nas funções sacerdotais a Deméter (a quem a Bitínia era dedicada) e a Cora, em Nicomédia⁹⁵, são outros indícios de que membros de sua família já possuíam a cidadania romana e de que ele pertencia à aristocracia.

O sobrenome Xenofonte, com o qual Arriano se intitula em suas obras, e que se pensava que adquirira tarde, é, na verdade, parte integral de seu nome desde o nascimento.

⁹³ PEPPAS-DELMOUSOU, 1970, p. 377-80.

⁹⁴ STADTER, 1980, p. 2.

⁹⁵ Cf. HASSE; TEMPORINI, 1990, p. 228.

Arriano chegou ao consulado por volta de 129⁹⁶. Como geralmente a idade para atingir o consulado era de 40 anos, podemos supor que Arriano nasceu entre 85 e 92. Sua cidade, Nicomédia, muito próspera em sua época, fora fundada em 274 AEC pelo rei Nicomedes, que fez dela sua capital. Arriano foi, entre seus 18 e 19 anos, estudar com Epicteto em Nicópolis (era costume na época que os filhos de famílias abastadas estudassem, nessa idade, retórica ou filosofia), lá permanecendo entre 105 e 113. Nesse período, escreveu as *Diatribes de Epicteto*. Contudo, a carta que prefacia as *Diatribes* foi escrita na velhice de Flávio, após a morte do mestre.

Durante o reinado de Adriano, Arriano avançou do cargo de pretor ao de cônsul. Naqueles tempos, havia entre quatro e seis pares de cônsules por ano, e cada par se mantinha no cargo por um período de dois meses⁹⁷. Arriano alcançou o posto de legado da Capadócia (*legatus augusti pro praetore Cappadociae*) entre 130 e 131, permanecendo nesse cargo até 136/137⁹⁸.

A Capadócia era uma região de fronteira do Império Romano. A missão de Arriano era assegurar essas fronteiras e, para isso, tinha sob seu comando duas legiões: a XV *Apollinaris* (estacionada em Satala, atual Sadak) e a XII *Fulminata* (estacionada em Metilene, atual Malatya), além de tropas auxiliares nativas. Uma das tarefas de Arriano era inspecionar as regiões fronteiriças, procedimento que o próprio Arriano descreveu em seu *Périplo do Ponto Euxino*⁹⁹. Arriano teria enfrentado os alanos em 135, conforme sugere fragmento de

⁹⁶ FÓCIO, *Bibl.* 58.4; *Suda*, verbete Arriano – A 3868. Fócio I de Constantinopla viveu entre 820 e 893 e foi o patriarca de Constantinopla entre 858 e 867 e entre 877 e 886.

⁹⁷ Cf. STADTER, 1980, p. 11.

⁹⁸ *Idem, ibidem*.

⁹⁹ ARRIANO, *Périplo do Ponto Euxino*, 6.2; 10.1. Tal obra foi escrita por volta de 130-131.

obra de sua autoria, na qual é descrita a formação dos romanos para a batalha¹⁰⁰.

Em 137, com cerca de 48 anos, Arriano foi para Atenas¹⁰¹, obtendo aí o arcontado e recebendo a cidadania ateniense. Que Arriano tenha recebido Adriano, em Atenas, como o retrata Marguerite Yourcenar em seu romance *Memórias de Adriano*¹⁰², é pura ficção.

Arriano escreveu obras de história, das quais nos chegou completa apenas a *Anábase de Alexandre*. Temos dele ainda um tratado de caça, o mencionado périplo e fragmentos de outros livros. Todas as obras, com exceção das consagradas a Epicteto, foram escritas em grego ático.

¹⁰⁰ Chegou-nos um fragmento dessa obra intitulada *A Formação da Batalha contra os Alanos*. Cf. BOSWORTH, 1977, p. 217-255.

¹⁰¹ Cf. STADTER, 1980, p. 16.

¹⁰² YOURCENAR, 1954, p. 162-63; p. 221, p. 277-9.

BREVE COMENTÁRIO FILOSÓFICO

A visão moderna sobre Epicteto foi estabelecida por Adolf Bonhöffer¹⁰³, que sustenta a tese de que Epicteto é ortodoxo em seu estoicismo. De fato, Epicteto, em *Diatribes*, 1.4.31, elogia Crisipo como alguém que descobriu a verdade e a expôs aos seres humanos, encômio que lembra o de Lucrécio a Epicuro em *Da Natureza*¹⁰⁴. Também Aulo Gélío¹⁰⁵ nos diz que os escritos de Epicteto concordam com os de Zenão e de Crisipo. Contudo, como faz notar Dobbin¹⁰⁶, Bonhöffer se excedeu ao estender isso a todos os aspectos da filosofia de Epicteto, pois hoje é sabido que nosso filósofo foi sensível a várias influências filosóficas.

A noção epictetiana de *prohairesis* (que traduziremos como “capacidade de escolha”), por exemplo, é derivada de Aristóteles¹⁰⁷, em uma estratégia de apropriação de conceitos típica da era helenística¹⁰⁸. Epicteto, segundo as evidências de que dispomos, é o primeiro filósofo a utilizar tal termo em sua ética depois de Aristóteles, provavelmente tendo acesso a essa noção por via indireta, através dos debates helenísticos sobre a relação entre determinismo cósmico e liberdade humana.

Enquanto Aristóteles associa a *prohairesis* ao que está sob nosso poder, fazendo dela um dos quatro princípios do movimento¹⁰⁹, Epicteto, aliando-a ao impulso, ao assentimento e ao desejo (cf. *Diatribes*, 1.17.21-4), afirma-a livre e desimpedida (cf.

¹⁰³ BONHÖFFER, 1890.

¹⁰⁴ LUCRÉCIO, 924.

¹⁰⁵ AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 19.1.14-21.

¹⁰⁶ DOBBIN, 2008, p. xiv-xv.

¹⁰⁷ ARISTÓTELES, *Ética Nicomaqueia*, III.1-5; *Ética Eudêmia*, II.10.

¹⁰⁸ DOBBIN, 2008, p. xvii.

¹⁰⁹ ARISTÓTELES, *Ética Nicomaqueia*, 1111 b 30; *Metafísica*, 1015 a 27.

Diatribes, 1.17.21; 1.18.17), o princípio da autonomia humana, o que está absolutamente sob nosso encargo, a capacidade de fazer uso das representações (*phantasiai* – cf. *Diatribes*, 1.30.4; 1.8.6; 2.22.29; 3.22.103).

Além disso, a fórmula *to eph' hemin*¹¹⁰, que traduziremos como “o que está sob nosso encargo” ou “o que depende de nós”, também se enraíza em Aristóteles¹¹¹. Tal expressão se tornou importante no período helenístico graças ao já mencionado debate sobre o determinismo e a liberdade humana.

Quanto a isso, é preciso notar que Crisipo, apesar de determinista, defendia a responsabilidade moral¹¹², pois (1) as representações estão ligadas à cadeia contínua de causas que os estoicos identificam com o destino; (2) a ação humana depende do ato de assentir a essas representações; (3) o ato de assentir tem como causa única a mente individual; logo, (4) o ser humano é responsável por seus atos. As representações são causas auxiliares sujeitas ao destino, tanto predeterminadas quanto necessárias, enquanto o assentimento, a negação e a suspensão de juízo são causas primárias¹¹³.

Nesse sentido, Epicteto afirma que o que está sob nosso encargo (*eph' hemin*) é o correto uso das representações, do desejo e do impulso (cf. *Diatribes*, 1.17.22-4; 2.8.29, 3.9.18; 4.1.69-71). Por outro lado, a capacidade racional (nossa tradução para *he dynamis logike*) é, para Epicteto, responsável tanto pela produção quanto pela avaliação das representações (cf. *Diatribes*, 1.20. 1-11; 2.23.5-6). A capacidade racional é a única que avalia a si mesma, a única capaz de realizar juízos de valor

¹¹⁰ PLUTARCO, *De Stoicorum repugnantiis*, 1056 d; ALEXANDRE DE AFRODÍSIAS, *Do Destino*, 181.13-182.20.

¹¹¹ ARISTÓTELES, *Ética Nicomaqueia*, III.1-3; *Física*, II.4-6.

¹¹² Cf. LONG & SEDLEY, 1987, vol. 1, p. 393.

¹¹³ AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 7.2.11-13.

(cf. *Diatribes*, 1.17.1-3; 1.17.12). O poder de usar corretamente as representações engloba o poder de assentimento, negação e suspensão de juízo, de impulso e repulsa, de desejo e aversão (cf. *Diatribes*, 1.1.7), e é identificado (em *Diatribes*, 1.1.4-5) com a capacidade racional. Epicteto salienta o “bom uso”, já que o mero uso se estende aos demais animais¹¹⁴.

Para que tal bom uso se efetive, é preciso avaliar as representações, tema que permeia a filosofia de Epicteto. Em *Diatribes*, 1.20.7, por exemplo, Epicteto observa que é tarefa do filósofo avaliar e julgar todas as representações (cf. *Diatribes*, 2.18.24; 2.22.5; 3.2.8; 3.12.15; 3.24.108; 4.3.7; *Encheiridion*, 1, 18, 20, 34, etc.). Simplício lista algumas regras pelas quais é preciso testar as impressões: (1) indagar se são referentes a algo relativo à mente ou ao corpo ou a algo externo; (2) indagar se são referentes ao prazer ou ao benefício; (3) indagar se são sobre algo que é praticável ou não¹¹⁵, de modo a evitar dois erros: o assentimento a uma falsa representação (que é preciso negar) ou ao que é obscuro (em relação a que é preciso suspender o juízo).

¹¹⁴ SEXTO EMPÍRICO, *Adversus Mathematicos* 8.275-6. Salientamos que, na obra *Adversus Mathematicos*, temos, na verdade, duas: *Adversus Mathematicos* (em português: *Contra os Professores* ou *Contra os Cientistas*, que vai do livro I ao VI) e *Adversus Dogmaticos* (em português: *Contra os Dogmáticos*, que vai do livro VII ao XI).

¹¹⁵ SIMPLÍCIO, *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*, 44 a.

SOBRE AS *DIATRIBES DE EPICTETO*: COMPOSIÇÃO E PRINCIPAIS EDIÇÕES

As *Diatribes de Epicteto* são prefaciadas por uma carta¹¹⁶ de Arriano endereçada a certo Lúcio Gélio (provavelmente parente de Aulo Gélio), na qual o autor afirma que (1) não compôs as *Diatribes*, mas que elas são meras transcrições das aulas de Epicteto em Hierápolis, e (2) não tomou a iniciativa de torná-las públicas, visto serem somente notas que escreveu para si mesmo e seus próximos, mas que elas se disseminaram sem que ele assim o desejasse. Diante da inesperada difusão dos escritos, Arriano decidiu dar-lhes forma final e publicá-los.

Quanto ao ponto (1), Dobbin¹¹⁷ observa que, ao fazer tal afirmação, Arriano quer diferenciar-se de Platão e Xenofonte no que se refere ao papel que tiveram em relação a Sócrates. Em outras palavras: Arriano assevera não ter a pretensão de compor obras tratando do pensamento de Epicteto como aqueles o fizeram em relação a Sócrates, mas tão somente declara haver feito a transcrição das palavras de Epicteto sem nenhum tratamento literário. Dobbin questiona essa asserção de Arriano, argumentando que, em sua época, as técnicas estenográficas eram primitivas e reservadas a escravos. Quanto a isso, podemos contra-argumentar que nada impede que Arriano tenha adquirido essa técnica com a finalidade de captar com precisão as palavras de seu professor¹¹⁸. E mesmo que não tenha transcrito *verbatim* tudo o que disse Epicteto, o que fez foi o suficiente para que ele próprio considerasse tê-lo feito na medida

¹¹⁶ Ver nossa tradução à frente.

¹¹⁷ DOBBIN, 2007, p. xx.

¹¹⁸ Essa também é a posição de HARTMANN (1905, p. 257; 274-5), que observa que a estenografia já era praticada há séculos pelos gregos e há pelo menos um século pelos romanos. MARCIAL, por exemplo, cita-a em 14.208, bem como SÊNECA, em *Cartas a Lucílio*, 90.25.

do possível e com fidelidade¹¹⁹. Dobbin também observa que várias diatribes que apresentam Epicteto em conversas pessoais (por exemplo: *Diatribes*, 1.11; 1.15; 2.14; 3.7) contradiriam essa afirmação de Arriano, pois este não teria acesso a tais diálogos. Entretanto, nada impede que Arriano, como aluno próximo a Epicteto, tenha efetivamente presenciado tais conversas e memorizado o seu cerne para depois transcrevê-las. Além disso, como o próprio Dobbin reconhece, concorda-se que, apesar de não se poder saber ao certo como as *Diatribes* foram escritas, elas refletem o pensamento de Epicteto, já que testemunhos antigos comprovam essa fidelidade¹²⁰. Por essas razões, embora organizadas e editadas por Arriano, a autoria das *Diatribes* é tradicionalmente atribuída a Epicteto¹²¹.

Quanto ao título da obra, desde a Antiguidade foram-lhe atribuídos diferentes títulos. O próprio Arriano, em sua carta-pré-fácio, chama-as de *Logoi (Discursos)* e, depois, de *Hyponemmata (Memórias)*. Aulo Gélcio as chama de *Dissertationes (Discursos)*, ora *ordenados*¹²², ora *compostos*¹²³ por Arriano. Também as denomina *Dialexeis*, termo grego que ele mesmo traduz por *Dissertationes*¹²⁴ (19.1). Marco Aurélio ecoa Arriano, referindo-se às *Diatribes* como *Epikteteia Hyponemmata (Memórias Epictetianas)*. Autores tardios dão ainda outros nomes à obra. Estobeu, em suas

¹¹⁹ Como observa SOUILHÉ (2002, p. xvi), ainda hoje é comum que alunos transcrevam as aulas de seus professores, mesmo sem dominar a técnica de estenografia, mas simplesmente recorrendo a abreviaturas. E indubitavelmente muitas dessas transcrições são fidedignas.

¹²⁰ DOBBIN, 2007, p. xxi.

¹²¹ DOBBIN (2007, p. xxii) “suspeita” (sic) que o próprio Epicteto tenha escrito as *Diatribes*. Entretanto não oferece evidências para fundamentar essa suspeição.

¹²² *Disgestae*. Cf. AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 1.2.6.5: “[...] dissertationum Epicteti digestarum ab Arriano”.

¹²³ AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 17.19.3.1: “[...] Quod Arrianus solitum eum dicitare in libris, quos de dissertationibus eius composuit.”

¹²⁴ AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 19.1.

Éclogas, muitas vezes as denomina simplesmente *Epiktetou* (*De Epicteto*); em outras oportunidades as intitula *Apomnemonemata* (*Registros*). Assim, temos vários títulos atribuídos à mesma obra, provavelmente por causa da difusão espontânea, pois, como observamos acima, o trabalho já circulava sem o consentimento de Arriano e sem sua edição final.

O nome atual em grego é aquele presente no mais antigo códice de que dispomos (e arquetipo de todos os demais): o *Bodleianus Graecorum Miscellaneorum* 251 (s), do fim do século XI ou do início do século XII, conservado na biblioteca Bodleiana, em Oxford. Quem primeiro constatou a precedência desse códice sobre os demais foi Mowat¹²⁵, que percebeu que havia uma parte borrada¹²⁶, no fólio 25r, e que todos os demais manuscritos apresentavam lacunas nesse mesmo lugar. O códice 251 foi adquirido pela biblioteca Bodleiana em 1820, por 500 libras esterlinas, em um lote de cinquenta manuscritos, todos provenientes da biblioteca de Giovanni Saibante, que teria cerca de 1300 livros, com oitenta códices em grego entre eles¹²⁷.

No presente trabalho, intitularemos a obra em questão com o termo correspondente em português (*Diatribes*). Dobbin (2007), George Long (1890) e Oldfather (1956) escolheram *Discourses* (*Discursos*) e Souilhé (2002), *Entretiens* (*Conversas*). Cremos, porém, que nenhuma dessas opções dá conta da palavra grega e da atividade que Epicteto empreende. *Discursos* pode ser compreendido em um sentido formal que não era o caso das falas de nosso filósofo, pois, em algumas diatribes, Epicteto se dirige aos presentes, enquanto, em outras, o que temos são conversas pessoais. Também *Conversas* não dá conta

¹²⁵ MOWAT, 1877, p. 60-3.

¹²⁶ Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.18.10 e a discussão sobre a reconstrução do texto.

¹²⁷ Cf. SELLARS, 2016.

da palavra grega e da atividade que Epicteto empreende, já que o termo pode ser compreendido em um sentido informal que não era o caso das falas de nosso filósofo. A maioria das diatribes é composta por transcrições de aulas do curso de filosofia do Epicteto. Por isso, como dissemos, usaremos a palavra *Diatribes* para tal, cujo sentido como atividade didática filosófica já está registado em nossa língua¹²⁸.

Quanto ao estilo, as diatribes epictetianas são abruptas, em decorrência não somente do carácter transcrito, mas também, como observa Dobbin¹²⁹, da prerrogativa filosófica de franqueza ao falar¹³⁰ (*parrhesia*), que confere uma extraordinária atmosfera de oralidade às *Diatribes*, e que Arriano atribui a Epicteto em sua carta a Gélío.

Outra característica das diatribes epictetianas é seu carácter preletivo: em todas ou quase todas as diatribes Epicteto coloca-se como o filósofo instrutor, enquanto ao seu interlocutor cabe invariavelmente o papel daquele que vai ao filósofo em busca de instrução.

As *Diatribes de Epicteto*, ao contrário das demais obras do próprio Arriano, são escritas em grego *koine*, o grego falado naqueles tempos, e não em grego ático, então somente literário. Foram publicadas por Arriano certamente após a morte de Epicteto, pois assim este é referido na carta-prefácio. Originalmente compreendiam ao menos oito livros, dos quais nos chegaram apenas quatro, sendo trinta diatribes no primeiro livro, vinte e seis no segundo e no terceiro e treze no quarto¹³¹.

¹²⁸ No dicionário Caldas Aulete, por exemplo, lemos: “Na antiga Grécia, exposição crítica que os filósofos (cínicos e estoicos) faziam a respeito de alguma obra”. Cf. <http://www.aulete.com.br/diatribes#ixzz3Qu8dwIKI>.

¹²⁹ DOBBIN, 2007, p. xxi.

¹³⁰ Tal franqueza já é afirmada como própria do filósofo, por exemplo, na *Apologia de Sócrates*, de PLATÃO (17 ss.).

¹³¹ AULO GÉLIO menciona um quinto livro (*Noites Áticas*, 19.1).

A primeira edição do texto grego é a de Trincavelli, de 1525. Destacam-se a seguir a edição de H. Wolf, de 1560-3, e a edição de Upton, de 1739-41. Esta última serviu de base para o trabalho de Schweighäuser, que estabeleceu o texto pela primeira vez, publicando sua obra entre 1799 e 1800. O estabelecimento foi novamente corrigido e publicado por Schenkl, primeiramente em 1899 e, depois, em edição bastante aperfeiçoada, em 1916. O texto de Schenkl serve até nossos dias de ponto de partida para todas as edições em línguas modernas, e por ele nos guiaremos em nossa tradução.

A primeira tradução das *Diatribes* para o latim (parcialmente preservada em um manuscrito) foi confeccionada por Carlo Valgulio, acadêmico de Brescia, em 1500¹³². Em 1554, Jacob Schenck publicou uma tradução latina das *Diatribes* em sua edição das obras de Epicteto¹³³. A primeira tradução para uma língua vernácula é a francesa de Jean Goulu (aluno de Justo Lipsio), publicada em Paris, em 1609. Tal tradução foi feita por encomenda da rainha Marguérite da França, a quem também é dedicada. A seguir, temos a tradução holandesa de Jan Hendrik Glazemaker, publicada em Amsterdã, em 1657. A primeira edição em língua inglesa é a de Elizabeth Carter, de 1758. No século XX, disseminaram-se as edições das *Diatribes de Epicteto* em línguas modernas. Cotejaremos nossa tradução¹³⁴ com as de George Long (1890), Oldfather (1928), Souilhé (1945) e Dobbin (1998).

FÓCIO, por sua vez, menciona oito livros (*Bibl.* 58).

¹³² Cf. BOTER, 2011, p. 16-18.

¹³³ SCHENCK, 1554. Cf. Boter, 2011, p. 18 ss.

¹³⁴ Publicamos versões prévias das 30 diatribes do livro 1 em revistas brasileiras de filosofia. A lista completa dessas traduções pode ser encontrada aqui: <http://www.anpof.org/portal/index.php/pt-BR/artigos-em-destaque/1348-lancamento-de-livros-diatribes-de-epicteto-livro-i>

(Página deixada propositadamente em branco)

**As Diatribes de Epicteto,
livro I**

(Página deixada propositadamente em branco)

DE ARRIANO A LÚCIO GÉLIO: SALVE!

(1) Nem *compus* os discursos de Epicteto (como se alguém pudesse escrever tais coisas!), nem eu mesmo, que digo não os ter escrito, os trouxe a público. (2) Quantas coisas ouvi Epicteto dizer, essas mesmas tentei, escrevendo como me era possível, guardar com cuidado para mais tarde para mim mesmo – as lembranças de seu pensamento e de sua franqueza ao falar¹³⁵. (3) São, pois, apropriadamente tais como se alguém, incitado, espontaneamente falasse com outrem, mas não são tais como se alguém os tivesse composto para outros os lerem posteriormente (4). Sendo eles de tal qualidade, não sei como (não tendo eu consentido, nem tendo eu conhecimento) esses escritos se tornaram conhecidos pelos seres humanos. (5) Se serei considerado incompetente para compô-los, é de pouca importância para mim; e não importa minimamente a Epicteto se alguém menosprezar suas palavras, já que é claro que ele, quando os pronunciava, não desejava nada senão mover o pensamento dos ouvintes para o que há de melhor. (6) Então se estes discursos puderem realizar isso, terão, penso eu, exatamente aquilo que os discursos dos filósofos devem ter. (7) Caso contrário, saibam os que leem estes discursos que o próprio Epicteto, quando os pronunciava, o ouvinte deles necessariamente sentia precisamente aquilo que aquele queria que ele sentisse. (8) Se os discursos por si mesmos não realizarem isso, quis talvez a fortuna que eu seja o responsável, quis talvez a fortuna que seja assim necessário. Adeus¹³⁶.

¹³⁵ *Parrhesia*.

¹³⁶ *Erroso*: o meio costumeiro de terminar uma carta.

DIATRIBE 1.1 – SOBRE AS COISAS QUE ESTÃO E AS QUE NÃO ESTÃO SOB NOSSO ENCARGO¹³⁷

(1) Entre as demais capacidades¹³⁸, nenhuma encontrareis que contemple a si mesma e, por essa razão, nenhuma que aprove¹³⁹ ou reprove¹⁴⁰ a si mesma. (2) Em que medida a gramática é contemplativa? Na medida em que julga as letras. E a arte da música? Na medida em que julga a melodia. (3) Alguma delas contempla a si mesma? De modo algum. Se escreveres algo a um amigo, a gramática dirá como deves escrever as coisas que devem escritas. Mas a gramática não dirá se tu deves ou não escrever ao amigo. Do mesmo modo também é a arte da música em relação às melodias. Ela não te dirá se deves ou não cantar ou tocar a cítara¹⁴¹ agora. (4) Então qual capacidade dirá? A mesma que contempla tanto a si mesma quanto as outras todas. E que capacidade é essa? A capacidade racional¹⁴². Pois somente essa nos foi dada compreendendo

¹³⁷ A *Diatribes* 1.1 é de fundamental importância para a compreensão do pensamento epictetiano, sendo o capítulo 1 do *Encheiridion de Epicteto* um resumo dela. Entre os parágrafos 1-6 desta diatribe, Epicteto observa que a razão tem o poder arquetônico de examinar a si mesma e tudo mais. Entre os parágrafos 7-17, Epicteto salienta que a razão, por sua capacidade reflexiva, deve se concentrar em si mesma e não em coisas externas, que não estão sob nosso encargo. Entre os parágrafos 18 e 32, tal princípio é ilustrado através de exemplos históricos de pessoas que tiveram a concepção certa quanto ao nosso controle sobre as representações (*phantasiai* – cf. nota à frente) e à nossa falta de controle sobre o corpo.

¹³⁸ *Dynamis* no sentido tanto de capacidade quanto de arte (*techné*).

¹³⁹ *Dokimastikos*.

¹⁴⁰ *Apodokimastikos*.

¹⁴¹ *Kythara*: instrumento musical de cordas da família da lira, usada, ao contrário desta última, por músicos profissionais.

¹⁴² *He dynamis he logike*. *Logike* é adjetivo de *logos*, conceito tomado de Heraclito pelos estoicos. Tal *logos*, para os estoicos, é o princípio da física e a razão universal que governa a realidade. Na psicologia estoica, o *logos* representa a capacidade da razão que compreende as funções da mente humana, que é equivalente ou co-extensiva à parte

tanto a si mesma (o que é, do que é capaz e que valor tem) quanto a todas as outras. (5) E que outra capacidade nos diz que o ouro é belo? Ele mesmo não nos diz. É evidente que a capacidade racional é a que faz uso¹⁴³ das representações¹⁴⁴.

diretriz (*to hegemonikon*) e governa a sensação, a representação, o impulso e o assentimento (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 7.159). A noção de *dynamis* cobre não apenas as artes (cf. parágrafo 2), mas também as capacidades da mente (cf. parágrafos 4-12). Para os estoicos, há uma *dynamis* da mente que, dependendo de sua disposição, ora pensa, ora torna-se irascível, ora deseja (cf. SVF, 2.823). A capacidade racional para Epicteto é responsável tanto pela produção quanto pela avaliação das representações (cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.20.1-11; 2.23.5-6). Para Epicteto e os demais estoicos, a razão é critério para si mesma. A razão também confere valor – o que é de fundamental importância para o pensamento epictetiano. A argumentação de Epicteto sobre a incapacidade de autoavaliação e avaliação das demais artes lembra o argumento de PLATÃO no *Laques* (195c), no qual o mesmo é dito sobre a medicina.

¹⁴³ *Chrestike*: no sentido ativo significa “apto a se servir”, “o que faz uso de”.

¹⁴⁴ A noção de *phantasia* é de fundamental importância para a compreensão da filosofia estoica por relacionar-se tanto a questões lógicas quanto epistemológicas e éticas. Entretanto, os comentadores divergem sobre como traduzir o termo: LESSES (1998), ANNAS (1991) e SORABJI (1990) traduzem *phantasia* por “aparência” (*appearance*); FREDE (1983) e LONG e SEDLEY (1987) empregam o termo “impressão” (*impression*); INWOOD e GERSON (1988) optam por “apresentação” (*presentation*); Long (1991) usa o termo “representação” (*representation*), substituindo sua tradução anterior, “impressão” (*impression*), para evitar confusão com o conceito homônimo em Hume. Embora tanto Cleanto quanto Crisipo considerem a *phantasia* uma modificação da parte diretriz, eles divergem ao explicar essa mudança. Para LESSES (1998, p. 6), Crisipo parece criticar Cleanto por aceitar uma concepção ingênua de representação mental, segundo a qual as *phantasiai* perceptivas são cópias de qualidades que os objetos representados possuem (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 7.50.4). Além disso, ANNAS (1991, p. 74-75) compreende estar implicado nas observações de Crisipo que as *phantasiai* são articuláveis em forma linguística. Ora, quanto às alternativas para traduzirmos o termo *phantasia*, parece-nos que “impressão” se adequa mais a Cleanto que a Crisipo, pois a metáfora utilizada por Cleanto para introduzir o conceito em questão é justamente a da impressão sobre a cera, metáfora que é criticada por Crisipo por seu caráter imagético. A concepção de Crisipo

Que outra capacidade julga¹⁴⁵ a música, (6) a gramática e as outras artes, avaliando o uso delas e indicando o momento propício¹⁴⁶ para o seu uso? Nenhuma outra.

(7) Desse modo, como era devido, os Deuses¹⁴⁷ puseram sob nosso encargo¹⁴⁸ apenas a melhor de todas as capacidades e a que comanda: aquela que usa corretamente as representações. As demais não estão sob nosso encargo. Então isso é assim porque os Deuses não quiseram colocar as demais também sob nosso encargo? (8) Parece-me que, se pudessem, confiariam a nós as demais, mas absolutamente não o puderam¹⁴⁹. (9) Pois,

sobre a *phantasia* – adotada desde então pelo estoicismo – é que ela tem duas facetas: uma sensível (pois, como dissemos, trata-se de uma modificação da parte diretriz) e outra virtual (aquilo que é articulável em forma linguística, o sentido que lhe é atribuído pelo pensamento, o *lekton*). Assim sendo, parece-nos que a palavra “representação” (que possui, de acordo com o dicionário *Aurélio*, o sentido filosófico geral de “conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento”) serve para o nosso propósito, e por ela traduziremos *phantasia*. Cf. DINUCCI, 2017 (meu artigo sobre o tema).

¹⁴⁵ *Diakrino*.

¹⁴⁶ *Kairos*.

¹⁴⁷ “Deuses”, “Deus” e “Zeus” ocorrem como sinônimos em Epicteto. Referem-se ao princípio cósmico que determina o fluxo de todas as coisas, sendo, por isso, também o destino (*heimarmene*); o princípio material de tudo o que existe (pois os estoicos não concebem nenhuma realidade senão a corpórea); o que confere aos seres vivos as habilidades que necessitam para sobreviver, sendo, por isso, também a providência (*pronoia*); e o conjunto das leis da Natureza, a Razão Universal (*logos*).

¹⁴⁸ A expressão *eph’ hemin* significa literalmente “o que está sobre nós”. Nesse caso, *epi* expressa uma relação de dependência, referindo-se a coisas que nos têm como causa única e que, portanto, dependem de nós.

¹⁴⁹ LONG (1996, p. 299-309) observa que Epicteto, nessas linhas, distingue-se dos estoicos antigos, afirmando limites para a atuação da divindade (cf. SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 65.2). DOBBIN (2007, p. 70) comenta também que, nos estoicos imperiais, há uma tendência a ver na matéria um obstáculo à onipotência divina (cf. SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 58.27; *Da Providência*, 5.8-9). Nessas linhas, Epicteto trata do corpo como matéria na qual o *logos* (o que realmente somos) se encontra. Embora Epicteto considere o corpo inferior à razão, ele não o condena, mas tão somente critica aqueles que se prendem em demasia a ele. Para

estando nós sobre a terra e tendo sido unidos a tais corpos e a tais companheiros, como seria possível, em relação a esses, não sermos entravados pelas coisas externas?

E o que diz Zeus?

– (10) Epicteto, se fosse possível, faria o teu diminuto corpo¹⁵⁰ e as tuas diminutas posses livres e desembaraçadas. (11) Assim, não te esqueças: este corpo, argila finamente trabalhada, não é teu. (12) Mas já que não te pude dar isso, dei-te uma parte nossa: a capacidade para o impulso e o refreamento¹⁵¹, para o desejo e a repulsa¹⁵² – em suma: aquela que faz uso das represen-

Epicteto, o corpo está entre as coisas que nos são externas e que, portanto, não dependem de nós, o que não impede que Epicteto recomende que ele seja cuidado e não negligenciado (cf. EPICTETO, *Diatribes*, 4.11; XENOFONTE, *Memoráveis*, 1.2.4; 3.12). Além disso, como observa DOBBIN (2007, p. 71-2), a independência da mente em relação ao corpo, como o temos em PLATÃO (por exemplo, no *Fédon* ou livro X da *República*) é estranha aos estoicos, para os quais não há transcendência, seja no âmbito metafísico, seja no pessoal (Epicteto expressamente afirma que não há Hades e coisas tais – cf. EPICTETO, *Diatribes*, 3.13.15). Como observa Simplício, comentando tal ausência de transcendência da alma em Epicteto: “Devemos admirar esta qualidade de seus discursos, sua habilidade de tornar felizes aqueles que os praticam sem prometer recompensas para a virtude após a morte” (SIMPLÍCIO, *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*, 3A).

¹⁵⁰ *Somation*: com o diminutivo de *soma* (“corpo”), Epicteto quer mostrar o carácter servil do corpo por oposição à capacidade de escolha, que é livre. O corpo, além de coisa ínfima se comparado à enormidade do Cosmos, está entre as coisas que não estão sob nosso encargo, sendo, portanto, determinado pelas cadeias causais externas à capacidade de escolha. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.12.26.

¹⁵¹ *ten hormetien te kai aphormetiken*: impulso traduz *horme*, que, em Epicteto, significa a tendência para agir desta ou daquela maneira diante de determinada coisa. *Aphorme* é o contrário de *horme*, daí nossa tradução por “refreamento”. Cf. CRISIPO, *SVF*, 3.42).

¹⁵² *Oretiken te kai ekkletiken*: literalmente “a capacidade de desejo (*orexis*) e de repulsa (*ekklisis*)”. *Orexis* é o nome da ação do verbo *orego*, que significa “estender ou tender na direção de algo”, donde “desejo”, “apetite”. *Orexis* se opõe a *ekklisis*, que expressa o movimento contrário, o de afastar-se.

tações. Se cuidares dela e nela colocares as tuas coisas, jamais sofrerás entraves, jamais serás impedimento para ti mesmo, não te queixarás, não censurarás ninguém, não adularás ninguém.

(13) E então? Essas coisas¹⁵³ te parecem insignificantes?

– De modo algum!

– E tu te contentas com elas?

– Juro pelos Deuses que sim!¹⁵⁴

(14) Mas agora, nós, podendo cuidar de uma só coisa e a uma só nos ligar, queremos, ao invés disso, de muitas cuidar e estar ligados a muitas: o corpo, a propriedade¹⁵⁵, o irmão, o amigo, o filho, o servo. (15) Assim, como estamos ligados a muitas coisas, ficamos sobrecarregados e somos arrastados por elas. (16) Por isso, quando é impossível navegar, sentamo-nos ansiosos e incessantemente olhamos pela janela:

– Que vento sopra?

– O Bóreas¹⁵⁶.

– Em que ele nos interessa? Quando soprará o Zéfiro¹⁵⁷?

– Quando a Zéfiro parecer bom, ó melhor dos humanos, ou a Éolo¹⁵⁸. Pois Deus não te fez intendente dos ventos, mas Éolo.

(17) Que fazer então? Usar da melhor maneira as coisas que estão sob nosso encargo e, quanto às outras, devemos nos servir delas como são por natureza.

– E como são por natureza?

– Como Deus as quer.

– (18) Mas só eu serei decapitado agora?

¹⁵³ O poder de usar corretamente as representações (parágrafo 7) é parafraseado como o poder de impulso e refreamento, de desejo e repulsa.

¹⁵⁴ Comparar com EPICETETO, *Diatribes*, 1.2.38.

¹⁵⁵ Luís Márcio Fontes sugere também “a casa”.

¹⁵⁶ O vento norte, que impedia a navegação, simbolizando aqui um impedimento.

¹⁵⁷ O vento oeste, favorável à navegação.

¹⁵⁸ O senhor dos ventos. Cf. *Odisseia*, 10.21.

– E daí? Desejas que todos sejam decapitados para que te encorajes? (19) Não desejas estender o pescoço como Laterano¹⁵⁹ em Roma, a quem Nero ordenou que fosse decapitado? Pois, estendeu o pescoço, foi golpeado e, tendo sido este golpe fraco, retirou o pescoço por um instante e o estendeu de novo. (20) Além disso, antes, ele, quando esteve com o liberto¹⁶⁰ de Nero, Epafrodito, que veio interrogá-lo sobre a revolta, disse: “Se eu quiser algo, falarei com teu senhor”.

(21) Então o que devemos ter à mão em tais situações? O que senão o conhecimento sobre o que é meu e o que não é meu? Sobre o que me é possível e o que não me é possível¹⁶¹? (22) Devo morrer. Mas também devo morrer gemendo? Devo ser aprisionado. E também devo ser aprisionado me lamentando? Devo ser exilado. O que me impede de ser exilado rindo, com bom humor e sereno?¹⁶²

(23) – Diz-me teus segredos.

¹⁵⁹ 18-32: nesses parágrafos, Epicteto exemplifica o que disse, relembrando célebres romanos que participaram da conspiração de Pisão contra Nero. Apesar de terem sofrido a morte ou o exílio, souberam manter a dignidade, concentrando-se naquilo que dependia deles (cf. SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 6.5). Quanto a Laterano, como dissemos acima em nota, submeteu-se à morte por duas vezes, ilustrando o controle sobre as representações. O fato de ter recuado e depois voltado à posição para a decapitação se refere aos movimentos involuntários (instintivos) que podem ser controlados após um espaço de tempo (cf. SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 82; *Da Ira*, 1.16.7; EPICETETO, *Diatribes*, 3.24.108; 2.1-4; AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 12.5.11-12).

¹⁶⁰ Lemos aqui *apeleuthero*, diferentemente de SCHENKL.

¹⁶¹ Ou sobre o que me é permitido ou não.

¹⁶² Cf. EPICETETO, *Diatribes*, 1.2.21; 2.16.15-17; 4.1.127; SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 95.40; *Da Providência*, 2.4; 3.4-14. O verbo aqui é *euroeo*. SCHWEIGHÄUSER (1799 (3), p. 342) define o termo como “*prosper rerum cursus, tranquillitas animi; vita beata*” (“curso próspero das coisas, tranquilidade da mente, vida feliz”). SOUILHÉ traduz o termo por “*serenité*” (“serenidade”). DOBBIN o verte por “*good flow of life*” (“bom fluxo de vida”). O verbo *euroeo* significa primariamente “*fluir bem, fluir abundantemente*”. Cf. SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 120.11.

– Não os digo: pois isso é algo que depende de mim.
– Mas te aprisionarei.
– Homem, o que dizes? Aprisionar-me? Aprisionarás minha perna, mas a minha capacidade de escolha¹⁶³ nem Zeus pode submeter.

(24) – À prisão te lançarei!

– Lançarás à prisão o meu diminuto corpo.

– Decapitar-te-ei.

– Quando eu te disse que meu pescoço é o único que não pode ser cortado?

(25) Os que filosofam devem praticar¹⁶⁴ essas coisas, devem escrever a cada dia sobre elas, devem exercitar-se nelas¹⁶⁵.

Trásea costumava dizer: (26) “Prefiro ser morto hoje a ser exilado amanhã”. E o que lhe disse Rufo? (27) “Se escolheres a morte como a pena mais pesada, que loucura de escolha! Mas se como a mais leve, quem te deu tal escolha? Não desejas praticar o contentar-te com o que te foi dado?”¹⁶⁶

(28) O que disse Agripino sobre esse assunto? “Não sou entrave para mim mesmo”¹⁶⁷? (29) “Estás sendo julgado no Senado, boa sorte!” – disseram-lhe. Era a quinta hora¹⁶⁸, momento em que ele costumava exercitar-se e depois tomar um

¹⁶³ *Prohairesis*. “Aprisionar-te-ei”: o corpo pode ser constringido, a escolha não. Cf. EPICETETO, *Diatribes*, 1.18.17; DIÓGENES LAÉRCIO, 9.59; PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 30c. Quanto a essa passagem da *Apologia de Sócrates* (“Anito e Meleto podem me matar, mas não podem me causar dano”), cf. EPICETETO, *Diatribes*, 1.29.18; 2.2.15; 2.23.21.

¹⁶⁴ O verbo aqui é *meletao*.

¹⁶⁵ Prática da filosofia. Cf. *Fédon* 64 a; EPICETETO, *Diatribes*, 4.1.172; MARCO AURÉLIO, 2.17.

¹⁶⁶ MUSÔNIO RUFO, *fragmento* 56 (Hense).

¹⁶⁷ Agripino é também mencionado em EPICETETO, *Diatribes*, 1.2.12 e *fragmentos* 21-2 (neste último, esse *dictum* é repetido). Cf. SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 94.28. Quanto a “Devolver o que foi emprestado”, cf. EPICETETO, *Diatribes*, 2.16.28; 4.1.102, 172; SÊNECA, *Da Providência Divina*, 5.5.

¹⁶⁸ 11 horas da manhã.

banho frio: (30) “Saíamos e nos exercitemos”. Enquanto ele se exercitava, alguém, vindo a ele, disse-lhe: “Foste condenado!”. “Ao exílio”, indagou Agripino, “ou à morte?”. “Ao exílio.” “E as minhas posses?”. “Não foram confiscadas.” “Vamos, pois, para Arícia¹⁶⁹ e almoçemos lá.”

(31) Isso é ter praticado as coisas que devem ser praticadas, ter tornado o desejo e a repulsa desimpedidos e não trôpegos¹⁷⁰. Devo morrer. (32) Se agora mesmo, morro. Se dentro de pouco tempo, agora almoço, já que é a hora. Então, depois, morrerei. Como morrerei? Como é próprio de quem abre mão de algo que pertence a outro.

¹⁶⁹ Arícia (em latim, *Arícia*) distava cerca de trinta quilômetros de Roma. Era a primeira parada de descanso da Via Ápia para os viajantes vindos da Cidade Eterna.

¹⁷⁰ *Aperiptota*.

DIATRIBE I.2 – COMO MANTER O CARÁCTER PRÓPRIO¹⁷¹
EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS¹⁷²

(1) Para o animal racional só é insuportável¹⁷³ o que é irracional. Mas o que é racional¹⁷⁴ é suportável. (2) Por natureza, pancadas não são insuportáveis.

– Como?

– Vê como: os lacedemônios¹⁷⁵ suportam ser chicoteados por aprenderem que isso é racional.

(3) – E não é insuportável enforçar-se?

– Quando alguém achar¹⁷⁶ que é racional, ele vai e se enforca.

(4) Em suma: se observarmos bem, por nada encontraremos o animal racional sendo mais oprimido que pelo irracional; e, em sentido inverso, por nada sendo mais atraído que pelo racional.

(5) Mas acontece que o racional e o irracional se revelam diferentes para cada um, assim como o bem e o mal, o vantajoso e o desvantajoso. (6) Principalmente para isto devemos nos instruir: para aprender a aplicar, de modo harmonioso à natureza,

¹⁷¹ *Kata prosopon*: SOUILHÉ traduz a expressão por “dignité personnelle” (“dignidade pessoal”); DOBBIN e OLDFATHER, por “proper character” (“caráter próprio”). Seguimos aqui estes últimos.

¹⁷² Agradeço ao meu aluno Carlos Enéas Moraes Lins da Silva pela ampla revisão e pelo minucioso estudo que realizamos juntos da tradução desta diatribe.

¹⁷³ *Aphoretion*. Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 43.

¹⁷⁴ *Eulogon*. O termo significa algo entre o racional e o razoável, ou ambas a coisas ao mesmo tempo.

¹⁷⁵ Os jovens espartanos eram ritualmente chicoteados diante do altar de Artêmis. Durante o ritual, sequer gemiam, mesmo sangrando muito. Alguns chegavam a morrer. Cf. CÍCERO, *Questões tuscianas*, 2.14; 5.27; SEXTO EMPÍRICO, *Esboços pirrônicos*, 3.208.

¹⁷⁶ O verbo aqui é *pascho*, que significa aqui estritamente “for levado a supor” - cf. *LSJ* s.v. *pascho* IV (especificamente um uso estoico, com referências a Epicteto, inclusive a essa passagem).

a pré-noção¹⁷⁷ do racional e do irracional às realidades particulares¹⁷⁸.

(7) Para julgar o racional e o irracional, não nos guiamos somente pelos valores das coisas exteriores, mas também pelos valores das coisas segundo o carácter próprio de cada um. (8) Pois para um é racional segurar um penico para alguém apenas porque considera que, se não o segurar, receberá pancadas e não terá alimentos, mas se o segurar, não sofrerá algo duro¹⁷⁹ ou doloroso. (9) Porém, para outro, não só lhe parece insuportável segurá-lo, como também suportar que outro o segure. (10) Assim, se me perguntares “Devo segurar o penico ou não?”, dir-te-ei que tem mais valor receber alimentos que não os receber, e que tem menos valor¹⁸⁰ ser castigado que não o ser. De modo que, se medes por essas coisas as tuas próprias, então vai segurá-lo.

(11) – Mas isso não seria próprio do meu carácter.

¹⁷⁷ *Prolepsis*: Para Crisipo, uma pré-noção é “uma concepção natural dos universais” (Cf. Diógenes Laércio 7.54). Epicteto nos diz que “pré-noções são comuns a todos os humanos, e uma pré-noção não entra em conflito com outra” (EPICTETO, *Diatribes* 1.22.1-3.10). Sandbach (1971) sugere que Epicteto é o primeiro estoico a tratar pré-noções como ideias inatas. Ver EPICTETO, *Diatribes* 2.11.1-8, em que Epicteto menciona *emphytos ennoia* (conceitos inatos) como sinônimo de pré-noções. Ver também EPICTETO, *Diatribes* 1.22; 4.1.44-5; 4.8.6; CÍCERO, *Tópica*, 7; *De Natura Deorum*, 1.16; *Questões tusculanas*, 1.24; *De Finibus*, 3.6.

¹⁷⁸ Os tradutores consultados (SOUILHÉ, OLDFATHER, GEORGE LONG, DOBBIN) vertem *tais epi merous ousiais* por “aos casos particulares”. “Realidade”, nesta expressão, traduz *ousia*. Esta opção de tradução nos foi sugerida pela Dra. Kelli Rudolph, professora de filosofia antiga do Departamento de Arqueologia da Universidade de Kent.

¹⁷⁹ *Trachy*. BAILLY (2000) define o adjetivo *trachys* primariamente como “áspero”. Simplício (*Comentário ao Encheiridion de Epicteto*, V. 1.5) observa que, em EPICTETO, *Encheiridion*, 1.5, a representação é dita *tracheia* por ser contrária à razão, tornando a vida áspera. Esse adjetivo só ocorre em conexão com o conceito de representação no *Encheiridion*. Nas *Diatribes*, refere-se sempre a situações ou coisas dolorosas, difíceis, duras de suportar. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.24.1; 2.1.19.2; 3.10.7; 3.24.32; 4.5.33.

¹⁸⁰ *Apaxia*.

– És tu que deves inserir isso na deliberação, não eu. Pois és tu que conheces a ti mesmo, quanto valor tens para ti mesmo e por quanto vendes a ti mesmo, e diferentes seres humanos vendem-se por diferentes preços.

(12) Por isso, quando Floro deliberava se devia descer ao espetáculo de Nero para dele participar, Agripino lhe disse: (13) “Desce”. E quando Floro lhe indagou: “Por que tu mesmo não descas?”, ele disse: “Sequer cogitei essa possibilidade¹⁸¹”. (14) Pois próximo está daqueles que esquecem o carácter que lhes é próprio quem, para investigar essas coisas de uma vez por todas, atribui seu voto logo após julgar o valor das coisas externas¹⁸². (15) E tu, o que me indagas? Entre morte e vida, o que devemos escolher? Digo que a vida. (16) Entre o prazer e a dor, o que devemos escolher? Digo que o prazer.

– Mas se eu não participar da tragédia¹⁸³, serei decapitado.

– Então vai e participa da tragédia, mas eu não participarei.

(17) – Por quê?

– Tu te crês uma linha entre as que compõem a túnica.

– E daí?

– É-te preciso refletir como não ser dissemelhante dos outros seres humanos, do mesmo modo que uma linha não deseja possuir nada de singular em relação às outras linhas. (18) Mas eu desejo ser a linha púrpura¹⁸⁴, aquela pequena e brilhante, causa

¹⁸¹ Literalmente: “Nem deliberei”.

¹⁸² Luís Márcio Fontes sugere: “quem uma vez se rebaixou à investigação dessas coisas e aos valores das coisas externas e os calcula” (Diz Fontes: “Parece-me mais razoável tomar *synkatheis* com as duas cláusulas como complemento - *synkathemi* + eis significa ‘rebaixar-se’: quem uma vez se rebaixou à investigação dessas coisas e aos valores das coisas externas e os calcula”).

¹⁸³ OLDFATHER (1928, p. 18, n.10) crê que a participação de Floro consistiria em representar um papel em uma tragédia. Cf. TÁCITO, *Anais*, 14. 14; SUETÔNIO, *Nero*, 21.

¹⁸⁴ *Porphyra*: referindo-se à *porphyra plateia* (*latus clavus*), faixa

das demais se mostrarem graciosas e belas. Então por que me dizes: “Age de modo semelhante aos muitos¹⁸⁵?” Como ainda serei a linha púrpura?

(19) Também Helvídio Prisco percebeu essas coisas e, após considerá-las, agiu. Quando Vespasiano enviou-lhe um pedido para que não comparecesse ao Senado, Prisco respondeu: “Depende de ti¹⁸⁶ não me permitir ser senador. Mas enquanto eu o for, devo comparecer”.

(20) –Vai – disse Vespasiano – porém, ao comparecer, fica em silêncio.

– Não me interrogues e ficarei em silêncio.

– Mas devo interrogar-te.

– E devo dizer o que se me afigura justo.

– Se falares, te condenarei à morte.

(21) – Quando eu te disse que sou imortal? Tu farás o que é teu, e eu farei o que é meu. É teu condenar-me à morte. É meu morrer sem tremer. É teu condenar-me ao exílio. É meu retirar-me sem me afligir.

(22) Mas para que Prisco foi útil, sendo apenas um? Para que é útil a linha púrpura em relação à toga¹⁸⁷? Pois que outra coisa se apresenta em Prisco notável como a linha senão o belo exemplo que expõe aos demais? (23) Outro, quando César¹⁸⁸ lhe

púrpura vertical que adornava a toga laticlávica, usada exclusivamente pela classe senatorial romana. Cf. CÍCERO, *Filípicas*, 2.43; HORÁCIO, *Sátiras*, 1.6.28; OVÍDIO, *Tristitia*, 4.10.35; SUETÔNIO, *Tibério*, 35; *Vespasiano*, 2, 4; *Augusto*, 38.

¹⁸⁵ “Os muitos” (*hoi polloi*): com isso Epicteto designa a massa de seres humanos sem instrução filosófica.

¹⁸⁶ *Epi soi*: assim, segundo Epicteto, Prisco toma decisões moralmente acertadas a partir da distinção entre o que está e não está sob seu encargo, sobre o que depende de si ou não.

¹⁸⁷ *Himation*: termo grego para a toga romana, peça de vestuário de origem etrusca que era usada exclusivamente pelos cidadãos romanos.

¹⁸⁸ Aqui se referindo ao título de imperador. No caso de Prisco, tratava-se de Vespasiano.

falasse em tais circunstâncias para não ir ao Senado, diria: (24) “Dou-te graças por me ter poupado”. Talvez César nem mesmo impedisse tal indivíduo de ir ao Senado, já que saberia que ele iria sentar-se calado como um túmulo ou, se falasse, diria o que sabia que César queria ouvir, e acrescentaria ainda outras coisas mais.

(25) Do mesmo modo agiu também um atleta que corria o risco de morrer se não lhe amputassem o membro viril. Quando foi ter com ele, que era filósofo, o irmão – que lhe disse: “Então, irmão, o que pretendes fazer? Amputaremos essa parte e depois iremos ao ginásio?”, o atleta não se submeteu e perseverou até morrer. (26) Quando alguém indagou: “Como ele fez isso? Como atleta ou como filósofo?”, Epicteto lhe disse: “Como homem, homem que foi aclamado e competiu nos Jogos Olímpicos e que se sentia em casa nesses lugares sem (27) ter sido untado na escola de Batão”¹⁸⁹.

Outro teria o pescoço decepado se fosse possível viver sem ele. (28) Tal é o que está de acordo com o caráter próprio: muito grande é a sua força para os que estão habituados a, por si mesmos, inseri-lo nas deliberações.

(29) – Então, Epicteto, faz a barba.

Se eu for filósofo, direi: “Não a farei”¹⁹⁰.

– Mas te cortarei o pescoço.

– Se é melhor para ti, corta-o.

(30) Alguém indagou a Epicteto: “Como, então, cada um de nós perceberá o que é apropriado a seu caráter?” Não é somente

¹⁸⁹ Um famoso treinador da época. “Sem ter sido untado”: quer dizer, sem ter sido preparado ou sem ter treinado na escola de Batão. Na Antiguidade, os atletas, antes de seus exercícios, tinham o corpo untado. Epicteto, portanto, refere-se ao atleta em questão como alguém que se fez por si mesmo.

¹⁹⁰ Nesse tempo, a barba era signo do filósofo. Assim, retirar a barba equivale a deixar de ser filósofo.

quando o leão ataca – disse Epicteto – que o touro percebe a sua constituição natural¹⁹¹ e se lança em defesa de toda a manada? Não é evidente que, imediatamente, por possuir a constituição natural, está ao mesmo tempo ciente¹⁹² dela? (31) Desse modo, se algum de nós possui tal disposição natural, não a ignorará. (32) Mas o touro não se torna subitamente touro, nem o ser humano se torna subitamente nobre: é preciso ter passado por um treinamento de inverno¹⁹³, é preciso ter se preparado e não se lançar ao acaso sobre coisas que não são adequadas. (33) Apenas delibera por quanto vendes a tua capacidade de escolha. Homem, se não puderes fazer outra coisa, ao menos não a vendas por pouco. Mas talvez as grandes e singulares ações pertençam a outros, a Sócrates e outros tais.

(34) – Então se somos assim por natureza¹⁹⁴, por que nem todos nem muitos se tornam tais?

– E por acaso todos os cavalos se tornam velozes? Todos os cães se tornam farejadores? (35) E então? Se eu for naturalmente sem talento, deverei, por causa disso, pôr de lado o cuidado? (36) De modo algum. Epicteto não será melhor que Sócrates, mas se eu não o for, ser-me-á suficiente não ser pior. (37) Pois não serei Milão¹⁹⁵ e nem por isso descuido do corpo¹⁹⁶. Pois

¹⁹¹ *Paraskeue*: esse termo é muitas vezes usado em sentido militar, referindo-se ao equipamento que cada soldado traz consigo (equipagem). Aqui, é usado em conotação estritamente estoica: a constituição natural, recebida da Natureza e própria de cada um.

¹⁹² *Synaisthesis*. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 2.11.1. DOBBIN traduz o termo por “awareness” (que significa algo como “consciência”).

¹⁹³ *Cheimaskeo*: literalmente “exercitar-se no inverno”. Termo relativo aos acampamentos de inverno nos quais os soldados romanos treinavam, preparando-se para batalhas vindouras.

¹⁹⁴ Como Sócrates.

¹⁹⁵ Um célebre lutador grego que teria vencido seis vezes os Jogos Olímpicos e seis vezes os Jogos Píticos. Diz-se que era tão forte que carregava a própria estátua (cf. PAUSÂNIAS, *Descrição da Grécia*, 6.14.6).

¹⁹⁶ Quanto à conclusão atingida, cf. HORÁCIO, *Epístolas*, 1.1.28.

não serei Creso¹⁹⁷ e nem por isso descuido das posses. Nem, em geral, deixamos de cuidar de alguma outra coisa por não esperarmos ser os melhores.

¹⁹⁷ Creso: último rei da Lídia (entre 560 e 547 AEC). Imensamente rico, deixou magníficas oferendas em Delfos, entre as quais se incluía um leão de ouro (cf. PAUSÂNIAS, *Descrição da Grécia*, 10.5.13).

DIATRIBE 1.3 – COMO CHEGAR ÀS CONSEQUÊNCIAS DA
TESE DE QUE DEUS É PAI DE TODOS OS HUMANOS

(1) Se alguém simpatizasse¹⁹⁸ com esta opinião - como se deve, dado seu mérito -, que todos primariamente nascemos de Deus e que Deus é pai dos humanos e dos Deuses, penso que nada sórdido ou abjeto ponderaria sobre si mesmo. (2) Se César¹⁹⁹ te adotasse, ninguém te olharia com desdém, mas se souberes que tu és filho de Zeus, não te exaltarás? (3) Mas, na verdade, não fazemos isso, visto que estes dois elementos foram misturados em nossa gênese: o corpo, em comum com os animais; e a razão, isto é, o pensamento²⁰⁰, em comum com os Deuses. Uns se inclinam para o primeiro parentesco, que é desafortunado e mortal. Outros poucos, para o divino e bem-aventurado²⁰¹.

(4) Com efeito, já que é necessário que todo e qualquer um use cada coisa segundo o que supõe²⁰² sobre ela, aqueles poucos que pensam ter nascido tanto para a confiabilidade e para a dignidade quanto para a firmeza no uso das representações nada sórdido ou abjeto supõem sobre si mesmos. A maioria pensa o contrário: (5) “O que sou? Um diminuto e miserável ser humano, (6) um desgraçado pedaço de carne”. A carne é desgraçada, mas tu possuis também algo melhor que ela. Por que abandonas o melhor e te agarras à carne?

(7) Por esse parentesco, alguns, inclinando-se para a

¹⁹⁸ O verbo aqui é *sympatheo*.

¹⁹⁹ “César” significando aqui o título.

²⁰⁰ Respectivamente *logos* e *gnome*.

²⁰¹ *Makarian*, acusativo feminino de *makarios*.

²⁰² O verbo aqui é *hypolambano*, que, em Epicteto, pode significar “ser de opinião que” ou “supor”, ou ainda, quando em conjunção com *eimi* (ser), “aceitar a hipótese que” (cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.25.12; DINUCCI, 2017).

carne, tornam-se semelhantes aos lobos: desleais²⁰³, traiçoeiros e nocivos. Outros se tornam como os leões: agrestes, bestiais e selvagens. Mas muitos de nós se tornam raposas e, portanto, o que há de desafortunado²⁰⁴ entre os animais. (8) Pois que outra coisa é um ser humano ofensivo e malévolos senão uma raposa ou algum outro animal mais desafortunado e abjeto? (9) Assim, vigiai e tomai cuidado para que não proveis ser algum desses seres desafortunados.

²⁰³ *Apistos*: contrário de *pistos* (“leal”).

²⁰⁴ Cf. Epicteto, *Encheiridion*, 21.

DIATRIBE I.4 – SOBRE O PROGRESSO

(1) Aquele que progride²⁰⁵, tendo aprendido dos filósofos que o desejo é pelas coisas boas e que a repulsa é em relação às más, tendo aprendido também que o curso sereno de vida²⁰⁶ e a ausência de sofrimento na mente²⁰⁷ não advêm de outro modo ao ser humano senão não falhando no desejo e não se deparando com o objeto da repulsa, remove de si mesmo por completo o desejo, e o defere²⁰⁸, e faz uso da repulsa somente em relação às coisas passíveis de escolha²⁰⁹. (2) Já que sabe que, se repudiar alguma das que não são passíveis de escolha²¹⁰, um dia se deparará com algum objeto de sua repulsa e será desafortunado. (3) Mas se a própria virtude²¹¹ é a promessa de produzir felicidade, ausência de sofrimento na mente, curso sereno de vida²¹², também o progresso em direção à virtude é indubitavelmente o progresso em direção a cada uma dessas coisas. (4) Pois para onde quer que a realização completa de algo conduza, para aí tende o progresso.

Então como concordamos ser a virtude algo tal, (5) mas buscamos e exibimos progresso em outras coisas? Qual é a obra da virtude? (6) O curso sereno de vida. Então quem progride?

²⁰⁵ *Ho prokopon*: o estoicismo epictetiano, ao contrário do antigo e do médio, é caracterizado pela ênfase no indivíduo que progride, que caminha para a sabedoria. Anteriormente, o discurso estoico centrava-se na figura do sábio ideal.

²⁰⁶ *To euroun*.

²⁰⁷ *Apathes*: SCHWEIGHÄUSER (1799 (3), p. 247) define o termo como “*passionum, perturbationum animi vacuitas*” (“ausência de paixões e perturbações da mente”).

²⁰⁸ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 2.2. Oldfather imprime uma alternativa interessante: *e* (‘ou’) em vez de *kai* (‘e’) – Luís Márcio Fontes.

²⁰⁹ *Ta probairetika*. De *prohairesis*.

²¹⁰ *Ta aproairetika*. De *prohairesis*.

²¹¹ *Areta*.

²¹² *Euroia*.

Aquele que leu as muitas obras de Crisipo? (7) Por acaso a virtude é isto, conhecer as obras de Crisipo? Ora, se for isso, admitidamente o progresso nada será senão conhecer as muitas obras de Crisipo. (8) Mas, de fato, concordamos que a virtude leva a uma coisa, enquanto declaramos que o progresso tende para outra.

(9) – Esse indivíduo – diz²¹³ alguém — já é capaz de ler Crisipo sozinho.

– Bom! Pelos Deuses, tu progrides, homem! E que progresso!

(10) Por que ris dele? Por que o desvias da ciência²¹⁴ de seus males? Não desejas mostrar-lhe a obra da virtude para que ele aprenda onde buscar o progresso? (11) Busca-o, infeliz, aí mesmo onde está a tua tarefa. E onde ela está? No desejo e na repulsa, para que sejas infalível²¹⁵ nos seus desejos e irrepreensível²¹⁶ nas suas repulsas; nos impulsos e nos refreamentos, para que tu não cometas faltas²¹⁷; no assentimento²¹⁸ e na suspensão de juízo²¹⁹, para que não sejas ludibriado. (12) Em primeiro lugar estão os principais e mais necessários tópicos²²⁰. Como progrides se

²¹³ *Phesin*. Essa é a senha epictetiana para inserir um interlocutor durante a exposição. Pode indicar uma pergunta feita por alguém no auditório ou pode ser somente um recurso retórico pelo qual Epicteto cria um interlocutor imaginário para introduzir um questionamento cuja resposta auxiliará a audiência quanto à compreensão do tema em pauta. Como observa OLTRAMARE (1926, p 11), esse interlocutor expressa invariavelmente uma opinião do senso comum que Epicteto refutará.

²¹⁴ *Synaisthesis*.

²¹⁵ *Anapoteuktos*: literalmente “infalível em seu desejo”.

²¹⁶ *Aperiptotos*: literalmente “o que não tropeça”.

²¹⁷ *Anamartetos*.

²¹⁸ *Prosthesis*, sinônimo de *synkatathesis* (“assentimento”).

²¹⁹ *Epoche*.

²²⁰ Referindo-se aos três campos de estudo que caracterizam o programa educacional epictetiano. São eles: (1) a disciplina do desejo e da repulsa (*orexis* e *ekklisis*), pela qual se busca conhecer o que é propriamente bom e desejável; (2) a disciplina da ação (*horme* e *aphorme*), pela qual se busca saber qual ação é adequada para a vida de um ser racional que

buscas ser irreprensível temendo e se lamentando?

(13) Então me mostra nisto o teu progresso. Do mesmo modo que, se eu dissesse a um atleta “Mostra-me teus ombros e teus braços²²¹”, e ele respondesse “Olha meus halteres²²²”. Tu olharás teus halteres²²³. Eu desejo ver o efeito²²⁴ dos halteres.

(14) – Toma a obra²²⁵ *Sobre o Impulso*²²⁶ e sabe como eu a li²²⁷.

Prisioneiro²²⁸! Não busco saber isso, mas como usas o impulso e o refreamento, como usas o desejo e a repulsa, como te

vive em comunidade; (3) a disciplina do assentimento (*synkatathesis*), pela qual se testam as representações de modo a distinguir quais são concordes à realidade e quais não são. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.4.11; 1.17.20–6; 1.21.1–2; 2.8.29; 2.17.14–18; 2.24.19–20; 3.2.1–6; 3.12.8–15; 3.26.14; 4.4.13; 4.6.26; 4.10.13; 4.11.6; MARCO AURÉLIO, 7.54; 8.7; 9.6.

²²¹ “Espáduas e braços” traduz *omous*, acusativo plural de *omos*, termo que designa a região que compreende o ombro e o braço.

²²² Quanto ao uso de halteres na Antiguidade, cf. MARCIAL, 14.49.

²²³ Cf. MARCO AURÉLIO, 8.41.25.

²²⁴ *Apotelesma*: oposto de *aitia* (causa).

²²⁵ *Syntaxis*: tratado sistemático.

²²⁶ Possivelmente um tratado perdido de Crisipo. Não se tem outra notícia dele senão sua referência nesta passagem.

²²⁷ Arriano inspirou-se nesta linha e nas que seguem para escrever o capítulo 49 do *Encheiridion*.

²²⁸ *Andrapodon*: SCHWEIGHÄUSER (1798 (3), p. 239) observa que Epicteto frequentemente adjetiva assim seus interlocutores ao criticar suas concepções. Tal se dá simultaneamente com severidade e humor. Cumpre notar que, para os estoicos, apenas o sábio é livre, enquanto os demais estão presos às suas equivocadas concepções sobre si mesmos e o mundo. *Andrapodon* era o termo grego aplicado aos cativos de guerra que, recém-escravizados, chegavam à cidade com os pés e as mãos acorrentados. XENOFONTE nos informa que esse termo já era usado por Sócrates quanto este se referia àqueles que não dispunham de noções éticas básicas e senso crítico: “Suas conversas eram sempre sobre as coisas humanas. Os problemas que ele discutia eram o que é o pio, o que é o ímpio; o que é o belo, o que é o feio; o que é o justo, o que é o injusto; o que é a prudência, o que é a loucura [...] Esses e outros como esses, conhecimentos que, pensava ele, tornam o ser humano moralmente bom e belo (*kalos kai agathos*), enquanto os que ignoram tais coisas com justiça são chamados “prisioneiros” (*andrapoda*)” – XENOFONTE, *Memoráveis* 1.1.16.

devotas, como te aplicas, como te preparas: se de modo harmonioso ou não harmonioso à natureza. (15) Pois se ages de modo harmonioso, mostra-me isso, e te direi que progrides. Porém, se não ages de modo harmonioso, vai e não só interpreta os livros, mas escreve os teus próprios. (16) Que vantagem há para ti? Não sabes que o livro inteiro custa cinco denários²²⁹? Então parece que quem interpreta o livro vale muito mais que cinco denários? (17) Assim, jamais busques em uma parte a obra e noutra o progresso!

(18) Onde, então, está o progresso? Se algum de vós, ao afastar-se das coisas exteriores, voltou-se sobre a sua capacidade de escolha, aperfeiçoando-a e exercitando-a, de modo a torná-la harmoniosa à natureza, elevada, livre, desimpedida, desembaraçada, leal, digna²³⁰; (19) e aprendeu que não é possível ser

²²⁹ O denário (em latim: *denarius*) era uma pequena moeda romana de prata que foi primeiramente cunhada em 211 AEC, durante a Segunda Guerra Púnica. Sob Augusto, seu peso era de 3,9 gramas. Equivalia ao ganho diário de um trabalhador não qualificado. Foi a moeda mais comum em circulação até ser substituída pelo denário duplo (*Antoninianus*) em 3 EC.

²³⁰ *Aidemona*: de *aidemon*, “digno”, “decente”, “que tem autorrespeito”, “que tem decoro”. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.25.4; 1.3.4; 1.16.7; 2.1.11; 2.2.4; 2.8.23; 2.10.15/18; 2.20.32; 2.22.20/30; 3.7.27; 3.17.5; 3.18.6; 3.22.15; 4.1.106; 4.2.8; 4.3.1–2/7–9; 4.4.6; 4.5.21–2; 4.8.33; 4.9.6/9/11; 4.12.6; 4.13.19–20; *Encheiridion*, 33.15, 40; *fragmento* 14. Para *aidemon* em conjunção com *pistos*, cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.4.18–20; 1.25.4; 1.28.20–1/23; 2.4.2; 2.8.23; 2.10.22–3/29; 2.22.20/30; 3.3.9–10; 3.7.36; 3.13.3; 3.14.13; 3.17.3; 3.23.18; 4.1.161; 4.3.7; 4.9.17; 4.13.13/15; *Encheiridion*, 24.12; 16; 23; 26; 40.6. A concepção tradicional estoica, segundo nos informa DIÓGENES LAÉRCIO (7.126), caracteriza o virtuoso como *andreios* (corajoso, viril), *sophron* (temperante), *phronimos* (prudente) e *dikaios* (justo). Epicteto se distingue (junto com MARCO AURÉLIO, 2.6; 3.6) por enfatizar outros aspectos da virtude e caracterizar o virtuoso como *eleutheros* (livre), *aidemon* (digno) e *pistos* (leal, confiável) e, menos frequentemente, *gennaios* (nobre), *atarachos* (imperturbável), *eustathes* (equilibrado) e *megalophron* (que tem sentimentos elevados, que tem a alma grande). O *aidemon* é aquele que tem seu sentimento de vergonha e autorrespeito intacto. Isso, para

leal e livre quem deseja ou evita as coisas que não estão sob seu encargo, mas é necessário modificar-se e vagar junto com elas²³¹, bem como sujeitar-se aos que podem provê-las ou impedir o acesso a elas. (20) E então, na alvorada, ao acordar, vela e guarda o que aprendeu, banha-se como ser humano leal, come como ser humano digno e, do mesmo modo, sempre, sobre o que quer que ocorra, exercita os princípios filosóficos²³², como o corredor exercita o que é relativo à corrida e o cantor exercita o que é relativo ao canto: (21) esse é quem verdadeiramente progride, esse é quem não viajou ao acaso. (22) Mas se objetiva se apossar das coisas que estão nos livros, e nisso se exercita, e por isso viaja, digo a ele para imediatamente voltar para casa e não descuidar de seus assuntos por lá, (23) já que isso pelo que viajou é nada. Este é o objetivo: praticar remover de sua própria vida as aflições e os lamentos, o “ai de mim” e o “sou um infeliz”, a má fortuna e o infortúnio; aprender (24) o que é a morte, o que é o exílio, o que é a prisão, o que é a cicuta²³³, para que seja capaz de dizer na prisão “Ó amigo Críton, se assim é agradável aos Deuses, que assim seja”²³⁴ e não frases como “Sou um infeliz, um velho! Para isso velo pelos meus cabelos grisalhos?”. (25) Quem diz tais palavras? Pensais que falarei de alguém baixo e obscuro para

Epicteto, “é uma capacidade natural e distintamente humana de autoavaliação, manifesta em atitudes como vergonha e respeito por si mesmo” (KAMTEKAR, 1998, p. 136).

²³¹ Quer dizer: quem deseja ou evita coisas que não estão sob seu encargo acaba por prender-se a elas, sendo por elas impelido ou repelido. Em ambos os casos, é orientado pela coisa externa. *Metarripizesthai* (que traduzimos por “vagar”) significa aí literalmente “ser soprado para lá e para cá”.

²³² *Ta proegoumena*: as principais doutrinas filosóficas (cf. SCHWEIGHÄUSER, 1798 (3), p. 429).

²³³ *Koneion: conium maculatum* (“cicuta”).

²³⁴ Cf. PLATÃO, *Críton*, 43d; EPICTETO, *Encheiridion* 53.

vós? Príamo²³⁵ não as diz? Édipo²³⁶ não as diz? Outros tantos reis não as dizem? (26) Portanto, que são as tragédias senão os sofrimentos²³⁷, exibidos em versos como esses, de humanos que admiram²³⁸ as coisas externas? (27) Pois se alguém tivesse que ser enganado para aprender que as coisas externas e não passíveis de escolha nada são em relação a nós, eu desejaria esse engano para, por conta dele, ter curso sereno de vida e ausência de agitação na mente. Mas vede vós por vós mesmos o que desejais.

(28) Então o que nos oferece Crisipo? “Para que saibas – diz Crisipo – que não são falsas essas coisas das quais se obtêm o curso sereno de vida e a ausência de sofrimento na mente: (29) toma meus livros e sabe como são conformes²³⁹ e harmoniosas à natureza as coisas que me tiram o sofrimento da mente”. Ó

²³⁵ Rei de Troia durante a célebre guerra. Sua lamentação dever-se-ia à visão de Troia destruída e em chamas.

²³⁶ Personagem trágico que matou o próprio pai e casou-se com a própria mãe, ignorando quem verdadeiramente eram. Sua lamentação ocorreria no momento da descoberta do que fizera.

²³⁷ “Sofrimento” é nossa tradução para *pathos*. O termo é muitas vezes vertido por “paixão” ou “emoção”, e, como os estoicos declaram muitas vezes que o filósofo ideal é livre de *pathos*, conclui-se erroneamente que tal sábio ideal é desprovido de emoções ou sentimentos. O erro aí está em não compreender o sentido preciso de *pathos* para os estoicos, que é paixão no sentido de sofrimento mental e moral. Tanto é o caso que, para os estoicos, o sábio ideal possui *eupatheia*, termo comumente traduzido por “presença de bons sentimentos”, mas que é mais bem traduzido por “presença de emoções boas e jubilosas”. Assim, temos, por um lado, *pathos* (emoção ruim ou sofrimento), cuja presença caracteriza o estado “patológico” daquele que não filosofa, e, por outro, o estado mental do sábio, caracterizado pela presença da *eupatheia* (emoção boa ou jubilosa), e da *apatheia* (ausência de sofrimento na mente).

²³⁸ *Tethaumakoton*: participio perfeito de *thaumazo* (“espantar-se”, “admirar-se”).

²³⁹ O texto do códice apresenta aqui uma lacuna, que preenchemos com a palavra “conformes”, lendo *akoloutha*, com OLDFATHER, que diz seguir SCHENKL, embora este sugira *akoloutha e alethe* no aparato crítico, sem se decidir por uma delas. GEORGE LONG traduz como se lesse *alethe*. (Luís Márcio Fontes).

grande boa fortuna! Ó grande benfeitor que nos mostra o caminho! (30) Ora, todos os seres humanos erguem templos e altares a Triptólemo²⁴⁰, (31) porque ele nos deu os alimentos cultivados. Porém, àquele que descobriu e iluminou a verdade e a exibiu a todos os humanos, não só a verdade sobre o viver, mas a verdade em relação ao bem viver²⁴¹, qual de vós lhe construiu um altar, ou lhe ergueu um santuário ou uma estátua, ou agradeceu a Deus por ele? (32) Oferecemos sacrifícios porque os Deuses nos deram as vinhas ou o trigo, mas não damos graças a Deus porque produziu fruto de tal qualidade no pensamento humano, pelo qual predestinou mostrar-nos a verdade sobre a felicidade?

²⁴⁰ De acordo com a mitologia grega, Triptólemo recebeu de Deméter, em Elêusis, o primeiro grão de trigo, com o qual iniciou a agricultura. Como “pai da agricultura”, os gregos lhe ergueram muitos templos.

²⁴¹ Cf. PLATÃO, *Críton*, 48b.

DIATRIBE 1.5²⁴² – CONTRA OS ACADÊMICOS²⁴³

(1) Se alguém, diz Epicteto, põe-se contra coisas excessivamente manifestas, não é fácil descobrir um raciocínio²⁴⁴ contra ele através do qual se poderá dissuadi-lo. (2) Isso não se deve nem à força dele, nem à fraqueza do professor. Mas como lidar com argumentos com alguém distraído e petrificado²⁴⁵? (3) Duas são as petrificações: a intelectual²⁴⁶ e a do sentimento de vergonha²⁴⁷, quando alguém, ao adotar postura beligerante²⁴⁸, nem assente²⁴⁹ a coisas evidentes, nem renuncia a proposições que estão em conflito²⁵⁰.

(4) Muitos de nós tememos a mortificação do corpo e tudo faríamos para não cair em tal estado, mas da mortificação da

²⁴² O plano geral da diatribe que ora apresentamos é o seguinte:

Parágrafo 1-5: Afirmção da tese: É impossível comunicar-se racionalmente com alguém que desvia sua razão de seu modo natural de operar. Parágrafo 6-10: Exemplos de insensibilidade oriunda da perda da capacidade de vergonhar-se moralmente (*aidos*) e afirmação que tal insensibilidade é pior que erros da razão.

²⁴³ Referência aos céticos antigos. Destacam-se duas correntes no ceticismo antigo: (i) a dogmática negativa (ou acadêmica), segundo a qual nenhum conhecimento é possível e (ii) a não-dogmática (ou pirrônica), segundo a qual não se pode afirmar a impossibilidade do conhecimento ou seu contrário. Os argumentos de Epicteto nesta diatribe dirigem-se então contra os dogmáticos negativos.

²⁴⁴ O manuscrito está danificado entre os parágrafos 1 e 2. A conjectura estabelecida é a seguinte: *heu<pein log>on*.

²⁴⁵ Quanto à petrificação, cf. CÍCERO, *Ad. Fam.*, 9.8.1; PLUTARCO, *Contra Colotes* 1122b-c; DIÓGENES LAÉRCIO, 7.47.

²⁴⁶ *Noetikos*.

²⁴⁷ *To entreptikon*: aqui como sinônimo de *aidos*.

²⁴⁸ *Paratetagmenos*: particípio de *paratasso*, que significa, na voz ativa, literalmente “pôr-se em ordem de batalha” e, nas vozes média e passiva, “preparar-se, recusar obstinadamente”. Cf. MARCO AURÉLIO, 8.48; 11.3. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.27.6; 2.20.1.; 3.3.4; 4.1.136.

²⁴⁹ O verbo é *epineuo*, que significa, aqui, o mesmo que *synkatatithemi* (“assentir”).

²⁵⁰ *Machomena*: quando relativo aos *axiomata*, as proposições da lógica estoica, se refere a proposições que estão em conflito.

mente descuidamos por completo. (5) E, por Zeus, em relação à própria mente, se alguém estiver de tal modo disposto que não possa nem entender²⁵¹ nem acompanhar nenhum raciocínio, também pensamos esse ser humano estar em más condições. Porém, se o sentido de vergonha e de dignidade²⁵² de alguém estiver mortificado, chamamos isso ainda de “força”!²⁵³

(6) – Percebes²⁵⁴ que estás acordado?

– Não – ele diz – pois tampouco percebo quando, em meus sonhos, imagino que estou acordado.

– Então em nada difere essa representação daquela?

– Em nada²⁵⁵.

(7) Ainda posso com ele dialogar? Devo tratar-lhe a ferro e fogo para que ele perceba que está mortificado? (8) Ele, percebendo, finge o contrário. É ainda pior que um cadáver²⁵⁶. (9) Esse ser humano não é capaz de ver um conflito²⁵⁷ entre proposições: está em más condições. Aquele, sendo capaz de ver o conflito, não muda, nem progride – está em uma condição mais lamentável ainda. A dignidade e o sentimento de vergonha lhe foram extirpados²⁵⁸. (10) A capacidade racional não lhe foi

²⁵¹ “Entender” traduz aqui o verbo *parakolotho*, que significa literalmente “seguir”, “seguir atentamente”, “seguir com a mente”.

²⁵² *Aidemon*.

²⁵³ *Dynamis*: provavelmente significando aqui “força moral”. DOBBIN traduz o termo por “strength of character” (“força de caráter”); SOUILHÉ, por “force” (“força”).

²⁵⁴ *Katalambaneis*: presente indicativo de *katalambano*: “apreender”, forma verbal do *katalepsis* (apreensão cognitiva). Quanto à *akatalepsia* (“incognicibilidade”) cética, cf. CÍCERO, *Academica Posteriora* 2.47-8; 51-4; 88-90; SEXTO EMPÍRICO, *Esboços pirrônicos* 1.104, 113, 209.

²⁵⁵ Quanto à distinção estoica entre sonho e realidade, cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 7.50. Sobre o ataque epicurista a esta doutrina estoica, cf. DIÓGENES DE OINOANDA, *fragmento* 9.

²⁵⁶ Quantos aos parágrafos 7-9, cf. EPICTETO, *Diatribes*, 4.5.21; 2.21.6.

²⁵⁷ *Mache*: literalmente “conflito”, “combate”.

²⁵⁸ Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 2.15; CÍCERO, *Acad. Post.* 2.9.

amputada, mas tornou-se embrutecida. Eu chamo isso de força? De modo algum! Caso contrário, também chamaria de força a disposição dos catamitos²⁵⁹ de fazer e falar em público tudo o que lhes vem à mente.

²⁵⁹ *Kinaidos* parece derivado do latim *catamitos*. Na Grécia sob a dominação romana, *catamitus* designa uma condição não honrosa de submissão, própria de escravos, o que é uma interpretação romana do papel passivo na pederastia. O papel ativo não era visto pelos romanos como desonroso, por ser do dominador, contudo tendia a ser encarado culturalmente como um vício (o “vício grego”).

DIATRIBE I.6 – SOBRE A PROVIDÊNCIA

(1) Se alguém possui em si mesmo estas duas capacidades, é fácil elogiar a Providência²⁶⁰ por cada uma das coisas que acontecem no Cosmos: ver em conjunto²⁶¹ as coisas que ocorrem a cada um e ser grato²⁶². (2) Caso contrário, não verá a utilidade das coisas que ocorrem e não dará graças por elas nem se as vir. (3) Se Deus tivesse produzido as cores e não a capacidade própria para vê-las, que vantagem haveria?

– Absolutamente nenhuma.

(4) Em sentido inverso, se produzisse a capacidade, mas não as tais coisas sujeitas à capacidade da visão, também aí que vantagem haveria?

(5) – Absolutamente nenhuma.

E ainda: se também tivesse produzido ambas, porém não a luz?

— Nem assim haveria alguma vantagem.

E então? Quem adaptou isto em relação àquilo e aquilo em relação a isto? (6) Quem adaptou a espada à bainha e a bainha à espada²⁶³? (7) Ninguém? Certamente, costumamos declarar, a partir da própria constituição dos objetos manufaturados, que são obras de algum artífice e que não foram constituídos ao acaso.

(8) Então cada uma dessas coisas exhibe o artífice, mas as coisas visíveis, a visão e a luz não? (9) E o macho e a fêmea? E a propensão²⁶⁴ de cada um por intercurso sexual? E a capacidade de usar as partes constituídas para isso? Nem essas coisas exibem o artífice? Decerto que sim. (10) E tal constituição do

²⁶⁰ *Pronoia*: a providência divina.

²⁶¹ O termo aqui é *synoratiike*.

²⁶² *Eucharistos*.

²⁶³ Cf. Xenofonte, *Arte da cavalaria* XII, 11.

²⁶⁴ *Prothymia*: cf. SCHWEIGHÄUSER, 1799 (3), p. 430.

pensamento, pela qual, ao sermos expostos às coisas sensíveis, não só recebemos as impressões²⁶⁵ delas, mas também selecionamos, subtraímos, adicionamos algo, combinamos umas com outras e, por Zeus, passamos de umas para outras de algum modo relacionadas – nem essas coisas são suficientes para mover alguns e detê-los quanto a deixar de fora o artífice? (11) Que nos expliquem o que produz cada uma dessas coisas ou como é possível surgirem coisas tão fascinantes e engenhosas ao acaso e espontaneamente.

(12) E então? Essas coisas vêm à existência só por nossa causa? Muitas, das quais o animal racional tem necessidade em especial, o são, mas muitas outras tu descobrirás que são comuns a nós e aos animais irracionais. (13) Estes últimos compreendem as coisas que ocorrem? De modo algum. Já que uma coisa é o uso e outra é a compreensão. Deus tem necessidade dos animais irracionais que usam as representações e de nós que compreendemos o uso.

(14) Por isso, basta, para os irracionais, comer, beber, repousar, copular e as quantas outras coisas que cada um deles realiza. (15) Porém, para nós, aos quais também a capacidade de compreender foi dada, essas coisas apenas não bastam, mas se não agirmos de modo correto, ordenado e condizente com a natureza e com a constituição²⁶⁶ de cada um, não realizaremos nosso fim. (16) Pois sendo diferentes as constituições, também o serão suas obras e seus fins. (17) Para quem a constituição implica apenas o uso, o mero ato de usar basta. Entretanto, para quem a constituição implica também a compreensão do uso, se essa capacidade não é exercitada de modo correto, jamais seu

²⁶⁵ *Typoumetha*.

²⁶⁶ *kataskene*: “constituição, natureza”. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.6.7; 1.6.15; 2.8.20; 2.10.4; MARCO AURÉLIO, 4.32; 6.44; 7.20; 11.5.

fim será realizado. (18) E então? Deus constituiu cada um deles, um para ser comido, outro para servir à agricultura, outro para produzir queijo e outro ainda para outro uso semelhante. Que uso há, no que se refere a essas coisas, em compreender as representações e ser capaz de julgá-las? (19) Deus introduziu o ser humano como seu espectador²⁶⁷ e de suas obras. E não só como espectador, mas também como exegeta²⁶⁸ de suas obras. (20) É, por isso, vergonhoso²⁶⁹ para o ser humano começar e terminar como os irracionais: é preciso antes aí começar e terminar lá onde a natureza, em nosso caso, determinou. (21) E ela o determinou para a contemplação²⁷⁰, para a compreensão e para um modo de vida em harmonia com a natureza. (22) Assim, cuidai para não virdes a morrer sem serdes espectadores dessas coisas.

(23) Viajais para Olímpia para verdes a obra de Fídias²⁷¹, e cada um de vós pensa ser um infortúnio²⁷² morrer sem ter visto essas coisas. (24) Mas quando não é preciso viajar e estais onde também estão tais obras, não desejareis contemplá-las e conhecê-las bem? (25) Não percebereis, por essa razão, quem sois, nem para que viestes à existência, nem por qual razão contempiais tais coisas? (26) Há, porém, coisas desagradáveis e difíceis na vida. E elas não ocorrem em Olímpia? Não sofreis com o calor? Não ficais em lugares apertados? Não vos banhais

²⁶⁷ *Theates*: substantivo relacionado ao verbo *theomai* (“ver, contemplar”) que significa literalmente “alguém que vê ou vai ver algo”. No teatro é o “espectador”.

²⁶⁸ *Exegetes*: “exegeta, intérprete”.

²⁶⁹ *Aischron*: literalmente o que causa vergonha, desonra, reprimenda. Relativamente à aparência, significa “feio”.

²⁷⁰ *Theoria*.

²⁷¹ Fídias (ca. 480 – 430 AEC) foi pintor, escultor e arquiteto grego. Como escultor, é tido como um dos maiores da era clássica. Sua estátua de Zeus foi considerada uma das sete maravilhas do mundo antigo. Projetou a gigantesca estátua de Atenas que havia no interior do Partenon.

²⁷² *Atychema*.

mal? Não ficais encharcados quando chove? Não aproveitais o tumulto e o burburinho, entre outras dificuldades? (27) Penso que suportais e tolerais todas essas dificuldades comparando-as com o carácter memorável do espetáculo.

(28) Pois bem: não recebestes capacidades com as quais podeis suportar todas as coisas que acontecem? (29) Não recebestes grandeza de alma²⁷³? Não recebestes coragem²⁷⁴? Não recebestes paciência²⁷⁵? Assim, quanto às coisas que acontecem, o que ainda me causará preocupação se eu tiver grandeza de alma? O que me confundirá ou me agitará? Ou o que me parecerá aflitivo²⁷⁶? Não usarei a capacidade que recebi, mas lamentarei e gemerei por causa das coisas que acontecem?

(30) – Sim, mas catarro escorre do meu nariz.

– Para que possuis mãos, prisioneiro? Não é também para te assoares?

(31) – Então é racional haver no mundo narizes escorrendo?

(32) – E quão melhor te seria assoar o nariz que acusar! O que pensas que Hércules teria se tornado se não houvesse um leão, uma hidra, um cervo, um javali e humanos injustos e ferozes que ele expulsou e expurgou? (33) E o que faria se nada de tal tivesse acontecido? Não é evidente que se envolveria em um cobertor e dormiria? Portanto, em primeiro lugar, ele não teria se tornado Hércules se desperdiçasse toda a vida na luxúria²⁷⁷ e na inação²⁷⁸. E mesmo se tivesse se tornado Hércules, qual lhe seria a vantagem? (34) Que uso teriam seus braços, o restante

²⁷³ *Megalopsychia*: ou também “carácter magnânimo”.

²⁷⁴ *Andreia*: literalmente “virilidade”.

²⁷⁵ *karteria*: literalmente “paciente perseverança”.

²⁷⁶ *Odyneros*: literalmente “doloroso”.

²⁷⁷ *Tryphe*: “vida mole, luxuriosa, efeminada”.

²⁷⁸ *Hesychia*: “descanso”.

de sua força, sua constância e sua nobreza²⁷⁹ se certas dificuldades²⁸⁰ e assuntos tais não o sacudissem e não o exercitassem?

– (35) E então? Ele deveria suprir essas coisas para si mesmo, e procurar o leão e a hidra e o javali, e os levar para a sua terra natal?

– (36) Isso seria tolice e loucura. Porém, tendo surgido e sido descobertas, essas coisas foram úteis para exercitar Hércules e torná-lo conhecido. (37) Assim, vem tu também, sabendo disso, e presta atenção nas capacidades que possuis e, uma vez tendo-as examinado, diz: “Traz agora, ó Zeus, a dificuldade que quiseres: pois possuo a constituição que me foi dada por ti e os recursos para me manter em ordem²⁸¹ em meio ao que ocorrer”. (38) Mas não: permaneceis sentados, tremendo de medo pelo que não ocorreu, lamentando, chorando e gemendo diante dos acontecimentos. Logo acusais os Deuses. (39) Então, que outra coisa segue tal sordidez senão a impiedade? (40) E certamente Deus não só nos deu essas capacidades com as quais suportaremos tudo o que acontecer, sem, por isso, sermos diminuídos nem rebaixados, mas, como é próprio do bom rei e do verdadeiro pai, também deu aquela capacidade desimpedida, não constrangida, desembaraçada, e a fez totalmente sob nosso encargo²⁸², não reservando nem para si mesmo qualquer poder de obstruí-la ou entravá-la. (41) Possuindo essas capacidades livres e vossas, não as utilizais, nem percebeis o que recebestes, nem de quem, mas permaneceis lamentando e gemendo: (42) uns, cegos em relação a quem as concedeu e não reconhecendo o seu benfeitor, outros,

²⁷⁹ *Gennaiotes*: “nobreza” – Isto é: o carácter de um *gennaios* (“nobre”).

²⁸⁰ *Peristasis*: “circunstância, situação ou posição difícil, crise” (nestes dois últimos sentidos, cf. EPICTETO, *Diatribes*, 2.6.17, MARCO AURÉLIO, 1. 9.13).

²⁸¹ *Kosmesai*: infinitivo aoristo de *kosmeo*, verbo que significa “ordenar, reger, adornar, equipar, embelezar”.

²⁸² Epicteto refere-se aqui à capacidade de escolha (*prohairesis*).

por sordidez, lançando censuras e acusações contra Deus. (43)
Eu te mostrei que possuis recursos²⁸³ e constituição para a
grandeza de alma e para a coragem: mostra-me quais pretextos
possuis ainda para censurar e acusar.

²⁸³ *aphorme*: literalmente “ponto de partida”.

DIATRIBE I.7 – SOBRE A UTILIDADE DOS ARGUMENTOS QUE SE MODIFICAM, DOS HIPOTÉTICOS E DOS SEMELHANTES

(1) Escapa ao conhecimento dos muitos que é sobre o que é adequado²⁸⁴ o estudo sobre os argumentos que se modificam²⁸⁵, dos hipotéticos, dos que chegam a uma conclusão por questionamento²⁸⁶ – em suma: todos os argumentos tais. (2) Pois buscamos como o ser humano moralmente bom e belo²⁸⁷ pode descobrir em toda e qualquer questão uma solução e, por meio desta, a conduta adequada. (3) Portanto, que digam ou que o ser humano virtuoso não se envolverá em perguntas e respostas²⁸⁸, ou que, se envolver-se, não se importará com se comportar aleatoriamente²⁸⁹ ou ao acaso. (4) Se não aceitar nenhuma dessas al-

²⁸⁴ *kathekontos*: a expressão *ta kathekonta* (do verbo *katheko*, que significa primariamente “ser conveniente”, “ser adequado”) é o termo técnico estoico para as ações conformes à natureza (razão), ações que são adequadas em cada caso. As ações adequadas assim o são por não ferirem a razão do agente e permitirem a ele manter-se não agitado em todas as circunstâncias. Agradeço a Germano Martinelli pela indicação de tradução do termo grego em português.

²⁸⁵ *Metapiptontes logoi*: “argumentos que se modificam”. Seguimos aqui BARNES (1997, p. 136). Outras opções: “argumentos sofisticos” (Long); “argumentos equívocos” (OLDFATHER, SOUILHÉ). DIÓGENES LAÉRCIO se refere a dois livros de Crisipo sobre tais argumentos (DIÓGENES LAÉRCIO, 7.195-196); SEXTO EMPÍRICO oferece o que talvez seja um exemplo deles (*Esboços pirrônicos*, 2.231; 234). Entretanto, somente em Epicteto vemos referência explícita a eles.

²⁸⁶ Aparentemente, uma classe de argumentos estudados pelos estoicos. SCHWEIGHÄUSER (1799 (2), p. 103-4) crê referir-se ao Sorites. HADOT (1978, p. 69, nota 15) crê tratar-se de argumentos dialéticos. Atherton (1993, p. 433-434), de um tipo de sofisma (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 7.44). BARNES (1997, p. 137) especula serem argumentos que possuem questões entre as premissas (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 7.191).

²⁸⁷ *Kalos kai agathos*.

²⁸⁸ *Erotesin kai apokrisin*: frase padrão usada para distinguir a dialética da retórica. Cf. ALEXANDRE DE AFRODÍSIAS, *Comentário aos Tópicos*, 5.7-9.

²⁸⁹ *Eikei*: BARNES (1997, p. 138) observa que esse advérbio “é usado

ternativas, é necessário concordar que alguma investigação deve ser feita sobre os tópicos sobre os quais principalmente recaem as perguntas e respostas. (5) O que se requer nos raciocínios? Afirmar²⁹⁰ o verdadeiro, negar o falso, suspender o juízo²⁹¹ em relação às coisas não-evidentes²⁹². (6) Então basta aprender isso?

– Basta, diz alguém.

– Portanto, também basta, para quem deseja não errar no uso do dinheiro, ouvir: “Aceita as dracmas genuínas, mas recusa as falsificadas”?

– Não basta.

(7) E o que devo acrescentar a isso? O que senão a capacidade própria para avaliar e julgar as dracmas genuínas e as falsificadas? (8) Portanto, também para os raciocínios não basta o que foi dito, mas é necessário tornar-se capaz de avaliar e julgar²⁹³ o que é verdadeiro, falso e não-evidente?

– É necessário.

(9) – O que se ordena em matéria de pensamento em relação a essas coisas? Seguir²⁹⁴ as premissas²⁹⁵ que aceitaste²⁹⁶ corretamente. (10) Então basta conhecer isso? Não basta, devemos aprender como uma coisa segue de outra, quando segue de uma

de modo padrão para caracterizar o modo pelo qual o filósofo não deveria falar ou agir” (cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, 984 b 17; ALEXANDRE DE AFRODÍSIAS, *Comentário aos Primeiros Analíticos*, 3.24-30).

²⁹⁰ *Tithemi* no sentido de afirmar, em oposição a *airo* (negar).

²⁹¹ *Epechein*.

²⁹² *Adela*.

²⁹³ Epicteto faz aqui alusão à concepção padrão de lógica dos estoicos (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 7.62; SEXTO EMPÍRICO, *Esboços pirrônicos*, 2.94; *Adversus Mathematicos*, 11.187).

²⁹⁴ *To akolouthon*.

²⁹⁵ “Premissas” aqui traduz *dotheisin*, particípio aoristo passivo neutro dativo plural de *didomi* (“dar”). Aqui, *dotheisin* significa literalmente “as coisas dadas”, referindo-se às proposições aceitas durante um diálogo a partir das quais se deduz uma conclusão.

²⁹⁶ O verbo aqui é *paradechomai* (“receber, admitir, aceitar”).

só coisa e quando segue de muitas em conjunto. (11) Não é necessário adquirir esse conhecimento quem quiser lidar inteligentemente em matéria de pensamento e também demonstrar²⁹⁷ cada uma das coisas expostas, compreender as demonstrações e não ser trapaceado²⁹⁸ pelos que sofismam como se estivessem demonstrando algo?

(12) Portanto, surgiram entre nós e tornaram-se necessários um estudo e uma prática sobre os argumentos conclusivos²⁹⁹ e seus modos³⁰⁰. (13) Porém, há momentos em que concedemos³⁰¹ corretamente as premissas³⁰², e tal ou qual conclusão é obtida a partir delas – embora falsa, ainda assim é obtida. (14) Então o que me convém fazer?³⁰³ (15) Aceitar o falso? Como isso seria possível? Direi que “Não aceitei corretamente³⁰⁴ o que foi acordado”? Certamente isso também não me é dado. E ainda: “Isso não resulta³⁰⁵ das coisas aceitas”? Entretanto, isso também não me é dado.

(16) O que fazer em relação a isso? Do mesmo modo que certamente não basta, para se dever dinheiro, tê-lo tomado emprestado, mas é necessário devê-lo a alguém que espera pelo

²⁹⁷ *Apodeixein.*

²⁹⁸ O verbo aqui é *diaplanao*.

²⁹⁹ *Synago*, na lógica antiga, significa “concluir a partir de premissas”, “inferir”, “provar” (cf. ARISTÓTELES, *Retórica*, 1357a8, 1395b25; *Metafísica*, 1042a3, *Política*, 1299b12); *synagontes logoi*, na lógica estoica, significa “argumentos cogentes” (cf. *SVF*, 2.77).

³⁰⁰ *tropon*: genitivo plural de *tropos*: termo estoico para esquema argumentativo (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 7.76; SEXTO EMPÍRICO, *Adversus Mathematicos*, 8, 227).

³⁰¹ O verbo aqui é *didomi*.

³⁰² *Ta lemmata*.

³⁰³ *Ti oun moi kathekei poiein*;

³⁰⁴ *Hygios*.

³⁰⁵ *Symbainei*: 3ª do singular do presente indicativo ativo de *symbaino*, verbo que, aplicado a conclusões lógicas, significa “resultar”, “seguir” (cf. ARISTÓTELES, *Tópicos*, 156b38).

pagamento da dívida e não a tenha perdoado, assim também, em relação à precisão de aceitar uma conclusão³⁰⁶, não basta ter concedido as premissas, mas devo continuar aceitando-as.

(17) E se essas premissas mantêm-se as mesmas até o fim como foram aceitas, é-nos absolutamente necessário continuar aceitando-as, bem como o que segue delas, (18) mas se não se mantiverem as mesmas, não devo aceitá-las³⁰⁷. (19) Pois o que segue não é para nós a conclusão, já que descartamos o assentimento³⁰⁸ às premissas.

(20) Assim, devemos examinar³⁰⁹ também, entre as premissas, as de tal qualidade, bem como a transformação e a modificação delas³¹⁰, razão pela qual as premissas, quando se modificam durante perguntas e respostas (ou em um silogismo ou outro argumento do tipo) produzem aversão³¹¹ nos ignorantes incapazes de prever a conclusão.

(21) Para que devemos estudar essas mudanças? Para que, nesse tópico, não nos comportemos de modo inadequado, nem ao acaso, nem de modo confuso.

(22) Dá-se o mesmo em relação às hipóteses e aos argumentos hipotéticos, pois às vezes é necessário postular³¹² alguma hi-

³⁰⁶ *To epipheromenon*: participípio presente passivo neutro de *epiphero*, que, na lógica, significa “asserir como uma conclusão ou inferência” (cf. *to legon*, *to loipon* – SVF, 2.80). No participípio, tal como aparece no texto, significa a “conclusão que segue de premissas” (cf. SVF, 2.89).

³⁰⁷ Lacuna do texto. Seguimos aqui a conjectura de BARNES: “*Me menonton de, ou dei prosdechesthai*” (1997, p. 142).

³⁰⁸ *Synchoreis*.

³⁰⁹ *Histoiresai*: infinitivo aoristo de *historeo*, que significa “inquirir, examinar, observar”.

³¹⁰ *Toiauten metabolen te kai metaptosin auton*.

³¹¹ Aqui julgamos ser esta a melhor tradução para *aphormen*, que alhures traduzimos por “refreamento”, quando significando o conceito oposto a *horme* (“impulso”).

³¹² *Aitesai*: infinitivo aoristo de *aiteo*, que, na lógica clássica, significa

pótese como degrau para o argumento consequente. (23) Então devemos aceitar toda hipótese que nos é apresentada? Ou nem toda? E se nem toda, quais devemos aceitar? ³¹³ (24) E, ao aceitar uma hipótese, devemos nos prender de modo resoluto ao que foi mantido ou às vezes devemos descartá-lo? Não é preciso aceitar as proposições que seguem e rejeitar as que estão em conflito?

– Sim.

(25) Porém, alguém diz: “Farei com que, aceitando uma hipótese possível, sejas levado a uma impossibilidade”. O sábio³¹⁴ não se envolverá com alguém assim, mas evitará o escrutínio³¹⁵ e o diálogo³¹⁶ filosófico? (26) E que outro ser humano é capaz³¹⁷ em matéria de raciocínios e competente em questionamentos e, por Zeus, impossível de ser ludibriado³¹⁸ e insofismável? (27) Ou envolver-se-á e não se importará com comportar-se ao acaso ou de modo confuso nos raciocínios? Será ainda tal como o concebemos? (28) Sem tal exercício e tal preparo³¹⁹, será capaz de manter a coerência em argumentos³²⁰? (29) Que eles demons-

“postular”, “assumir” (cf. ARISTÓTELES, *Primeiros Analíticos*, 41b9; *Tópicos*, 163a6).

³¹³ Lacuna que foi suprida por WOLF (1560-3) com as palavras *Peri tinos he skepsis: Peri kathekontos* (“Sobre o que é a investigação? Sobre o que é adequado”). Seguimos BARNES suprimindo-a (1997, p. 133, p. 132-135), pois nada acrescenta ao que está sendo dito no texto.

³¹⁴ *Phronimos*: essa é a designação estoica padrão para “sábio”, assim como *sophos* e *spoudaios*.

³¹⁵ *Exetasis*.

³¹⁶ *Koinologia*: “consulta”, “discussão”, “conferência”, “diálogo”.

³¹⁷ *Chrestikos*: adjetivo derivado de *chraomai* que, quando aplicado a pessoas, significa: “aquele que sabe usar”, “que compreende o uso de”.

³¹⁸ *Anexapatetos* (cf. ARISTÓTELES, *Tópicos*, 132a32).

³¹⁹ *Paraskeue*.

³²⁰ *Phylattein* [...] *to hexes*: DOBBIN traduz a frase por “can he maintain coherence in argument?” (“pode ele manter a coerência em argumentos?”). SOUILHÉ, por sua vez, a traduz por “est-il capable de raisonner logiquement?” (“ele é capaz de raciocinar logicamente?”). Seguimos aqui Dobbin.

trem isso, e o ser humano prudente porá de lado todos esses teoremas³²¹ como fossem absurdos e como não decorressem da pré-noção³²² de ser humano probo e sério³²³.

(30) Por que ainda somos preguiçosos, descuidados e lerdos, e buscamos pretextos para não nos fatigarmos nem velarmos cultivando a nossa própria razão? (31) “Mas se eu errar nessas coisas, não matarei meu pai, não é mesmo?” “Prisioneiro, onde, aí, está o teu pai para que o mates? O que fizeste? A única falta que há nesse assunto, tu a cometes”. (32) Pois te digo o mesmo que eu disse a Rufo quando me criticou porque não descobri o que estava omitido em um silogismo³²⁴: “Com certeza – disse eu— não é como eu tivesse posto fogo no Capitólio³²⁵”. E ele me disse: “Prisioneiro, a falta aqui é o Capitólio”. (33) Ou só são faltas incendiar o Capitólio e matar o pai, mas servir-se das próprias representações ao acaso e de modo confuso e não compreender um raciocínio, nem uma demonstração, nem um sofisma, nem, em suma, perceber, durante perguntas e respostas, o que é consistente ou não com sua própria posição³²⁶ – nenhuma dessas coisas é uma falta?

³²¹ O termo aqui é *theoremata*.

³²² *Prolepsis*.

³²³ *Spoudaios*: “vir probus et gravis” (SHWEIGHÄUSER, 1799 (3), p. 443). SOUILHÉ traduz o termo por “sage” (“sábio”); DOBBIN, por “good man” (“homem bom”); BARNES (1997), por “virtuous man” (“homem virtuoso”).

³²⁴ *To paraleipomenon hen en syllogismois tini ouch heuriskon*: provavelmente o exercício lógico de descobrir as premissas não explícitas de um entimema (cf. ALEXANDRE DE AFRODÍSIAS, *Comentário aos Tópicos*, 9.16; SIMPLÍCIO, *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*, XXXV 527; cf. também *paraleipsis* (“omissão”) em SEXTO EMPÍRICO, *Esboços pirrônicos*, II, 150).

³²⁵ De acordo com UPTON (apud SCHWEIGHÄUSER, 1799 (2), p. 120), esse era um exemplo padrão para “grande erro”.

³²⁶ *To kath’hauton kai ou kath’hauton*.

DIATRIBE I.8 – POR QUE AS CAPACIDADES DOS NÃO INSTRUÍDOS NÃO SÃO FIRMES

(1) Por quantos modos os termos equivalentes substituem uns aos outros, assim também se realiza a substituição das formas dos epiqueremas³²⁷ e dos entimemas³²⁸ nos argumentos³²⁹. (2) Por exemplo, o modo seguinte: “Se tomaste emprestado e não restituíste, me deves o empréstimo”; “Não é o caso que tomaste emprestado e não restituíste e não me devas o empréstimo”³³⁰. (3) É principalmente isso cabe³³¹ ao filósofo fazer com prática³³².

³²⁷ *Epicheirema*: Em *Tópicos* VIII, 11, ARISTÓTELES diz: “um filosofema é um raciocínio demonstrativo; um epiquerema é um raciocínio dialético”. Para a lógica atual um epiquerema é um silogismo em que ocorre premissa acompanhada de prova, tal como em “todo B é C, porque todo B é D, e todo A é B, logo, todo A é C”. O epiquerema assim entendido pode ser simples, quando uma só das premissas é acompanhada de sua prova, ou complexo, quando ambas são acompanhadas de suas provas. Nessas provas, as premissas do argumento principal aparecem como conclusões em entimemas, como no exemplo acima (todo B é C, porque todo B é D).

³²⁸ *Enthymema*: como o define ARISTÓTELES, “uma demonstração retórica” (cf. ARISTÓTELES, *Retórica*, 1.1.11). Para os estoicos, é um silogismo ao qual falta uma premissa. ARISTÓTELES nos diz que “o entimema deve consistir de poucas proposições, frequentemente menos que as que perfazem um silogismo normal”. Pois se alguma dessas proposições é fato familiar, não há necessidade sequer de mencioná-la, já que o ouvinte a adiciona por si só. Cf. ARISTÓTELES, *Retórica*, 1.1.12 ss.

³²⁹ *Logois*.

³³⁰ Seguimos aqui a correção de BARNES (1997, p. 31-32), também adotada por DOBBIN (2007). Na passagem, vemos que Epicteto está afirmando a seguinte equivalência lógica: “Se a, então b” equivale a “Não é o caso que a e não b”. BARNES observa que Epicteto está se referindo à prática retórica de coletar grupos de expressões sinônimas (*isodynamounta* – cf. Fronto, *Eloq.* 2.19). Segundo BARNES, Epicteto tem em mente, nesta passagem, proposições e não silogismos. Entretanto, o texto em grego foi corrigido por SCHWEIGHÄUSER a partir da conjectura de que Epicteto fala aí de silogismos, o que levou outros tradutores a verterem equivocadamente a passagem.

³³¹ *Proseko*.

³³² *Empeiros*: advérbio que significa “com experiência, com prática”.

Pois se realmente um entimema é um silogismo incompleto, é evidente que aquele que se exercitou quanto ao silogismo completo é também quem seria não menos suficientemente exercitado quanto ao incompleto.

(4) Então por que não exercitamos tanto a nós mesmos quanto uns aos outros nesse modo? (5) Porque certamente, agora, ao não nos exercitarmos quanto a essas coisas, nem nos engajarmos (eu pelo menos) de modo semelhante quanto às ocupações morais, em nada avançamos rumo ao carácter e à conduta do ser humano moralmente bom e belo³³³. (6) O que devemos esperar se emprendermos essa ocupação? Em especial porque ela não só poderia se mostrar uma das mais necessárias, mas também ocasião³³⁴ para presunção e vaidade, (7) já que grande é o poder da capacidade da demonstração e da arte de usar argumentos persuasivos³³⁵, sobretudo se for exercitada em excesso e se receber também certo ornamento de linguagem. (8) Porque também, em geral, toda capacidade que é adquirida pelos não-instruídos e pelos fracos, ao unir-se à exaltação e à presunção por causa dela, lhes é perigosa. (9) Pois por qual meio ainda o jovem que se destaca nessas coisas seria convencido de que não deve tornar-se um apêndice delas, mas que deve torná-las um apêndice seu? (10) Não anda de lá para cá entre nós espezinhando todos esses conselhos, exaltado e de peito estufado, não tolerando se alguém o advertir ao fazê-lo lembrar do que deixou para trás e onde se desviou?

³³³ *kalokagathia*: o carácter e a conduta do que é *kalos* (“bom”, no sentido moral) e *agathos* (“bom”). SCHWEIGHÄUSER (1799 (3), p. 363) verte o termo por “probidade e honestidade” (*probitas et honestas*), o que é belo e honesto (*quod pulchrum & honestum*), denotando plenitude e perfeição moral. Cf. XENOFONTE, *Memoráveis*, 1.6.14; ARISTÓTELES, *Ética Nicomaqueia*, 1124a4.

³³⁴ “Ocasão” aqui traduz *aphorme*.

³³⁵ *Megale gar esti dynamis he epicheiretike kai pithanologike*.

(11) – E então? Platão não era filósofo?

– E Hipócrates³³⁶ não era médico? Vê, porém, como Hipócrates se expressa. (12) Hipócrates assim se expressa na medida em que é médico? Por que misturas coisas que estão unidas incidentalmente nos mesmos seres humanos? (13) Se Platão era belo e forte, devo também eu me sentar e me esforçar para me tornar belo ou forte, como se isso fosse necessário para a filosofia, já que certo filósofo era simultaneamente belo e filósofo? (14) Não queres perceber e julgar pelo que os humanos se tornam filósofos e o que pertence a eles incidentalmente? (15) Pois bem, se eu fosse³³⁷ filósofo, seria preciso que também vos tornásseis mancos? E então? Removo essas mesmas capacidades? De modo algum. (16) Nem tampouco a capacidade da visão. Entretanto, se me fosse perguntado qual é o bem do ser humano, não poderia dizer outra coisa senão que é uma capacidade de escolha de certa qualidade.

³³⁶ Hipócrates de Cós (460 AEC - 370 AEC), famosíssimo médico grego, considerado o pai da medicina.

³³⁷ Observe a profissão de ignorância de Epicteto e a consequente recusa de chamar a si mesmo de filósofo.

DIATRIBE 1.9 – COMO CHEGAR ÀS CONSEQUÊNCIAS DO NOSSO PARENTESCO³³⁸ COM DEUS?

(1) Se são verdadeiros os ditos dos filósofos sobre o parentesco dos Deuses e dos humanos, que resta aos humanos senão repetir o dito de Sócrates, que, quando se lhe perguntava de que país era, jamais se dizia ateniense ou coríntio, mas cidadão do Cosmos³³⁹? (2) Por que dizes tu mesmo ser ateniense e não somente declaras em que canto do mundo o teu diminuto corpo foi lançado ao nascer? (3) Não é evidente que chamas a ti mesmo de ateniense ou coríntio pelo que é mais importante e que abarca não só este mesmo canto, mas também toda a tua família e, em suma, a estirpe da qual teus antepassados descenderam até chegar a ti?

(4) Portanto, por que não chama a si mesmo de “cidadão do Cosmos” quem entendeu a administração do Cosmos e aprendeu que “o maior, mais importante e mais universal sistema de todos é o composto pelos humanos e por Deus, do qual foram lançadas as sementes que geraram não só meu pai e meu avô, mas todas as coisas que surgiram e cresceram sobre a terra, principalmente os animais racionais³⁴⁰, (5) porque só estes por natureza formam uma comunidade³⁴¹ com Deus, entrelaçados pela razão em uma vida em comum”³⁴²? (6) Por que tal ser humano não chama a si mesmo de “filho de Deus”? Por que ainda

³³⁸ *Syngeneia*.

³³⁹ *Kosmos*.

³⁴⁰ *Ta logika*.

³⁴¹ *Koinoneo*: significa literalmente “partilhar, tomar parte em”, daí “formar uma comunidade”. Tal verbo relaciona-se com *koinonia*, substantivo que significa “comunhão, associação, comunidade”. Quanto à comunidade humana com Deus através da razão, cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.14.6; 2.8, 11; 17; 33.

³⁴² *Synanastrophe*. OLDFATHER (p. 65, n. 32) crê ser essa uma citação de Posidônio (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 7.138).

temerá algo que aconteça aos humanos? (7) O parentesco com César ou com algum outro dos muitos poderosos em Roma fornece segurança suficiente, mantendo os amigos sem adversários e sem temer o que quer que seja, e Deus, nosso criador, nosso pai, nosso defensor, não tirará ainda mais de nós os sofrimentos e os medos?

(8) – E o que comerei, diz alguém, se nada possuir?

– Em que se amparam os servos³⁴³ e os fugitivos quando escapam dos seus senhores? Em suas terras? Ou em seus servos domésticos? Ou em vasos de prata? Em nada senão em si mesmos. E apesar disso não deixam de ter o que comer. (9) E nosso filósofo precisará dos outros para viajar, depositando sua confiança neles e pernoitando com eles? Não cuidará de si mesmo? Será pior e mais covarde que os animais irracionais, que, defendendo-se, nem ficam sem o alimento que lhes é próprio, nem sem o modo de viver que lhes é adequado³⁴⁴ e segundo a sua natureza?

(10) Eu penso que não é preciso que este velho aqui³⁴⁵ se sente maquinando de que modo não vos rebaixareis nem levareis em conta cálculos abjetos e sórdidos sobre vós mesmos, (11) mas antes que não apareçam jovens que, reconhecendo o parentesco com os Deuses e que estamos amarrados como que por correntes ao corpo, às posses e às quantas coisas que nos são necessárias para a administração do lar e para o dia a dia, queiram lançá-los fora como fardos pesados e inúteis e partir rumo aos seus congêneres. (12) E é essa a luta que vossos professores e preceptores precisam travar, se o forem de fato. Se vós, vindo a mim, disserdes:

³⁴³ *Doulos.*

³⁴⁴ *Katallelon.*

³⁴⁵ Isto é: o próprio Epicteto.

“Epicteto, não mais suportamos este diminuto corpo, estar ligados a ele, dar-lhe água e comida, fazê-lo descansar, lavá-lo e, por isso, conviver com estes e aqueles. (13) Não são essas coisas indiferentes³⁴⁶, nada em relação a nós? Não é a morte mal algum? Não somos do mesmo gênero de Deus? E não viemos dele? (14) Permite-nos voltar ao lugar de onde viemos. Permite-nos lançar fora esses laços e esses fardos aos quais estamos ligados. (15) Aqui estão os piratas, os ladrões, os tribunais e os assim chamados tiranos que pensam possuir algum poder sobre nós por causa de nosso diminuto corpo e das posses deste. Mostremos a eles que não possuem poder algum”.

(16) Neste momento me caberia dizer:

“Humanos, aguardai Deus. Quando ele enviar o sinal e vos libertar desse serviço, então vos liberteis para ele. Mas, por ora, suportai, permanecendo neste mesmo lugar ao qual ele vos designou³⁴⁷. (17) Pouco é o tempo para permanecer aqui, e fácil para os que estão desse modo dispostos. Pois qual tirano ou qual ladrão, ou quais tribunais ainda serão temíveis para os que tornaram comparáveis a nada o corpo e as posses deste? Esperai! Não portais de modo irracional!”

³⁴⁶ *Adiaphora*. Para o estoicismo antigo, as coisas são boas ou más ou indiferentes. As duas primeiras estão no âmbito moral; as últimas, fora. Epicteto coloca essa divisão em outros termos: coisas que estão sob nosso encargo e que não estão. As primeiras são passíveis de escolha; as segundas, não. A doença, a saúde, a riqueza, a pobreza, e tudo o mais que se possa citar, incluindo a morte, não são por si mesmas nem boas nem más. Boas ou más serão as escolhas que fizermos diante dessas coisas. Em outros termos, indiferentes são as coisas que não são fins em si mesmas, mas meios para a felicidade e matéria para a ação. O fim do ser humano é a felicidade, e esta decorre unicamente da ausência de perturbação na mente (*ataraxia*) e do curso sereno de vida (*euroia*). As coisas indiferentes são matéria sobre a qual agimos, podendo essa ação ser boa (conservando nossa mente tranquila) ou má (desestabilizando nossa mente).

³⁴⁷ *Etaxen* é aoristo indicativo ativo de *tasso*, que significa literalmente “colocar em ordem de batalha”, donde “ordenar”, “designar”.

(18) É preciso vir do professor algo tal para os jovens bem constituídos³⁴⁸. (19) E o que acontece agora? Um cadáver é o vosso professor, cadáveres sois vós! Quando comestes hoje, sentastes vos atormentando³⁴⁹ quanto ao que comereis amanhã. (20) Prisioneiro, se tiveres o que comer, comerás; se não tiveres, partirás. A porta está aberta. Por que lamentas? Como ainda há lugar para lágrimas? Qual será ainda a ocasião³⁵⁰ para a adulação? Por que um invejará o outro? Por que alguém admirará³⁵¹ quem tem muitas posses ou os que foram designados para o poder, principalmente se forem violentos e irascíveis? (21) Pois o que esses nos fazem? Aquelas coisas que são capazes de fazer, com as quais não nos importaremos. Mas as que cuidamos, sobre essas eles não têm poder. Então quem ainda exercerá poder sobre alguém desse modo disposto?

(22) Como Sócrates se comportaria em relação a isso? De que outro modo senão do modo que é devido a quem está persuadido de que é do mesmo gênero dos Deuses? (23) “Se me dissésseis agora – diz ele — que “deixar-te-emos livre sob as seguintes condições: que não mais pronuncies esses mesmos discursos que até agora falaste, nem aborreças os nossos jovens,

³⁴⁸ O termo “bem constituído” (*euphyes*) se refere muito provavelmente aos que são mentalmente aptos para a filosofia e as atividades racionais. Um fragmento do professor de Epicteto, Musônio, que chegou-nos através destas mesmas *Diatribes*, parece confirmar isso: *Dos jovens, não é fácil atrair os que são moles, pois não se prende um pedaço de queijo com um anzol. Mas os naturalmente bem constituídos, se tu afastá-los, ainda mais se prendem à razão. Por isso, Rufo na maioria das vezes os afastava, fazendo uso do teste dos bem constituídos e dos mal constituídos, pois dizia que: “A pedra, mesmo quando a lançares para cima, será conduzida para baixo por causa de sua constituição. Assim também é o bem constituído: quanto mais alguém o afasta, tanto mais se inclina para aquilo que lhe é natural* (MUSÔNIO RÚFO, *fragmento 46*, cf. EPICTETO, *Diatribes*, 3.6.9-10).

³⁴⁹ Literalmente “chorando”, “deplorando”.

³⁵⁰ “Ocasião” aqui traduz *aphorme*.

³⁵¹ *Thaumazei*.

nem os velhos”, (24) eu responderei que são ridículos quaisquer de vós que julguem ter valor que, se o vosso general me designou para um posto, devo velar por ele e guardá-lo, e mil vezes antes escolher morrer que abandoná-lo, mas se Deus nos nomeou para viver em certo lugar e de certo modo, devemos abandonar essas coisas”³⁵². (25) Eis um ser humano verdadeiramente aparentado dos Deuses. (26) E nós, quanto a isso, pensamos-nos como ventres, como intestinos, como órgãos genitais, porque tememos, porque temos apetites. Por essas coisas adulamos os poderosos, e destes mesmos seres humanos temos pavor.

(27) Certo indivíduo julgou ter valor que eu escrevesse por ele a Roma porque parecia aos muitos ter sido desafortunado. Primeiro fora proeminente e rico, mas depois decaíra por completo e passara a viver aqui³⁵³. Escrevi por ele de modo humilde. (28) Ele, uma vez tendo lido a carta, devolveu-a a mim e disse: “Eu queria algum socorro da tua parte, não piedade: não fui atingido por nenhum mal³⁵⁴”. Desse modo também Rufo, testando-me (29), costumava dizer: “Teu senhor te fará isto ou aquilo”. E eu respondia a ele que (30) “São coisas que acontecem aos humanos³⁵⁵”. E Rufo me dizia: “E então? Ainda pedirei ao teu senhor o que posso obter diretamente de ti?” (31) Pois é supérfluo e vão tomar de outro o que se pode obter de si mesmo. (32) Se posso obter de mim mesmo a grandeza de alma e a nobreza, tomarei de ti terras, dinheiro ou algum cargo? De modo algum! Não sou assim tão insensível em relação às minhas posses. (33) Mas quando alguém é covarde e abjeto, o

³⁵² Paráfrase livre de PLATÃO, *Apologia* 29c e 28e.

³⁵³ Em Nicópolis.

³⁵⁴ Literalmente: “Não há mal nenhum para mim”.

³⁵⁵ *Anthropina*. SCHWEIGHÄUSER verte o termo *anthropinon* em latim por “humanus” (“humano”), “ad hominem [pertinens]” “pertinente ao humano”.

que é necessário escrever em nome dele senão cartas³⁵⁶ como em nome de um cadáver: “Concede-nos o cadáver de tal indivíduo e uma medida de seu sangue”³⁵⁷ (34). Pois ele é tal e qual um cadáver e uma medida de sangue, mais nada. Se fosse algo mais, perceberia que ninguém é infeliz por causa de outro.

³⁵⁶ *Epistolas*: acusativo plural de *epistoles*.

³⁵⁷ Como observa OLDFATHER (p. 73, n. 39), isso ocorria quando um amigo pedia pelo cadáver de um criminoso executado para realizar os serviços fúnebres.

DIATRIBE I.IO – AOS QUE SE ESFORÇAM PARA OBTER VANTAGENS EM ROMA

(1) Se nós, filósofos, nos organizássemos³⁵⁸ com zelo quanto à tarefa que nos cabe, como aqueles anciãos em Roma quanto às coisas para as quais se esforçam, talvez realizássemos algo também. (2) Eu conheço um homem, mais velho que eu, que dirige agora o suprimento de grãos em Roma³⁵⁹. Ele, quando veio do exílio e passou por aqui, me disse, ao censurar sua vida anterior e fazer promessas sobre os tempos vindouros, que para nada se esforçava senão levar a termo o que restava da vida em quietude³⁶⁰ e com ausência de agitação na mente³⁶¹: “Pois quanto tempo ainda me resta?” (3) E eu disse a ele: “Não farás isso, mas, tão logo sintas o cheiro de Roma, te esquecerás por completo de tudo isso”, e acrescentei que, se alguém lhe franqueasse a entrada na corte, ele, regozijando-se e dando graças a Deus, para lá iria.

(4) – Epicteto, disse ele, se me encontrares pondo um único pé na corte, pensa³⁶² de mim o que quiseres.

(5) E o que ele fez? Antes de chegar a Roma, cartas³⁶³ de

³⁵⁸ Indicativo mais que perfeito passivo de *syntasso*, que significar literalmente “entrar em ordem de batalha”, donde “ordenar-se”, “organizar-se”.

³⁵⁹ O *praefectus annonae* (“Prefeito de Provisões”) era o oficial imperial romano responsável pela supervisão do suprimento de grãos em Roma.

³⁶⁰ *Hesychia*.

³⁶¹ *Ataraxia*: literalmente “ausência de agitação”. A palavra é composta pelo prefixo de privação “a” e pelo verbo *tarasso*, que significa literalmente “agitar”, como se faz ao preparar um medicamento a partir dos ingredientes que o compõem.

³⁶² O verbo aqui é *hypolambano*, que traduzimos comumente por “supor”.

³⁶³ *Pinakis* no plural refere-se aos tabletes de cera romanos (*tabulae*) usados para escrever textos não muito longos. Eram feitos frequentemente de madeira, com uma seção interna preenchida de cera sobre a qual se escrevia com um estilete feito de metal ou de osso. O estilete tinha

César foram ao seu encontro. Ao receber todas aquelas cartas, esqueceu-se completamente de tudo o que dissera e, daí em diante, vem amontoando ocupação sobre ocupação. (6) Relembrando agora as palavras que disse ao passar por aqui, desejaria dizer-lhe: “Sou um adivinho mais refinado que tu!”

(7) E então? Direi que o ser humano é um animal feito para a inatividade³⁶⁴? De modo algum! (8) Mas por que nós, filósofos, não somos ativos?³⁶⁵ Eu, ao raiar do dia, lembro-me de pequenas passagens que devo ler³⁶⁶. Então rapidamente digo para mim mesmo: “Por que me preocupo como fulano ou beltrano lê? (9) O mais importante é que eu durma”. Entretanto, em que são semelhantes as ocupações³⁶⁷ daqueles e as nossas? Se conhecerdes o que eles fazem, perceberéis. Pois o que fazem o dia inteiro senão votar, discutir, realizar consultas sobre um pouco de trigo, sobre um pedacinho de terra, sobre vantagens tais? (10) É semelhante receber a pequena demanda de alguém e ler “Requeiro que me seja permitido exportar um pouco de trigo” a “Requeiro que consideres, nos escritos de Crisipo, o que é o governo do mundo³⁶⁸ e que lugar o animal racional possui nele; considera também o que és e qual é o teu bem e o teu mal”? (11) Estas coisas são semelhantes àquelas? Exigem esforços semelhantes? (12) E é igualmente vergonhoso descuidar tanto destas quanto daquelas? E então? Somos nós, os filósofos, os únicos preguiçosos e dorminhocos? (13) Não. Muito mais sois

em uma extremidade uma parte plana com a qual se podia, para nova utilização, apagar o que havia sido escrito.

³⁶⁴ *Apraktos* por oposição à vida ativa dos políticos (cf. OLDFA-THER, 2000, p. 64, n. 41).

³⁶⁵ *Ouk esmen praktikoi*: Epicteto aparentemente responde a uma provocação dos alunos, algo como: “Mas os filósofos nada fazem!”

³⁶⁶ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 49.

³⁶⁷ *Pragmata*.

³⁶⁸ *He tou kosmou dioikesis*.

vós, os jovens. Já que também nós, os anciãos, quando vemos os jovens jogando, desejamos igualmente jogar com eles. E mais ainda também eu ansiaria esforçar-me se eu os visse atentos e dedicados.

DIATRIBE I.II – SOBRE A AFEIÇÃO³⁶⁹

(1) Quando um dos magistrados veio a Epicteto, este, inquirindo sobre assuntos particulares, indagou se ele tinha mulher e filhos. (2) Quando o outro assentiu, ele indagou novamente:

– E como vão as coisas?

– Miseravelmente, disse o outro.

(3) – De que modo? Pois não é para isso que os seres humanos se casam e têm filhos, para que sejam infelizes, mas antes para que sejam felizes.

(4) – Porém, eu, disse o outro, tão miseravelmente estou quanto aos meus filhinhos³⁷⁰ que, recentemente, quando minha menininha³⁷¹ estava doente, e julgando eu que ela corria risco de morte, não pude sequer suportar estar junto a ela, mas, em fuga, parti, até que alguém me trouxe notícias de que ela estava bem.

(5) – E então? Se te afigura ter feito essas coisas corretamente?

– Agi de modo natural³⁷², disse o outro.

– Então me persuade disso, disse Epicteto, que agiste de modo natural, que eu te persuadirei de que tudo o que acontece segundo a natureza ocorre de modo correto.

(6) – Isso, disse o outro, sofremos³⁷³ todos ou a maioria dos pais.

– Eu não nego³⁷⁴ que aconteça, disse Epicteto, mas o que pusemos em questão é se ocorre corretamente, (7) já que também, pela mesma razão, deveríamos dizer que os tumores acorrem para o bem do corpo, porque ocorrem; e que, em suma, cometer faltas é segundo a natureza, porque praticamente todos nós ou

³⁶⁹ *Peri philostorgias.*

³⁷⁰ *Paidaria.*

³⁷¹ *Thyatrion.*

³⁷² *Physikos.*

³⁷³ Recorremos aqui à silepse de número.

³⁷⁴ *Oud' ego soi antilego*: literalmente “Não te contradigo”.

a maioria de nós as cometemos. (8) Então demonstra para mim como isso é segundo a natureza.

– Não posso, disse o outro. Ao invés, demonstra-me isto: como não é segundo a natureza e não acontece de modo correto.

E Epicteto disse:

(9) – Se inquiríssemos sobre as coisas brancas e negras, qual critério³⁷⁵ nós usaríamos para julgá-las?

– A visão – disse o outro.

– E se inquiríssemos sobre as coisas quentes e frias, e as duras e moles, qual seria o critério?

– O tato.

(10) – Portanto, quando discutimos sobre coisas que acontecem segundo a natureza e sobre se ocorrem corretamente ou não corretamente, qual critério tu desejas que usemos?

(11) – Não sei – disse o outro.

– Na verdade, talvez não resulte em grande perda³⁷⁶ ignorar o critério das cores, dos odores e dos sabores. Mas, quanto ao critério das coisas boas e más, e das segundo a natureza e contrárias a ela, parece-te pequena a perda de quem o ignora?

– Certamente ocorre a maior perda – disse o outro.

(12) – Bem, diz-me: todas as coisas que parecem boas e adequadas a alguns o parecem corretamente? E ainda: seria possível que todas as coisas que parecem corretas aos judeus, sírios, egípcios e romanos sobre a alimentação assim o sejam³⁷⁷?

(13) – Como isso seria possível?

– Penso ser absolutamente necessário que, se forem corretas as opiniões dos egípcios, não sejam corretas as dos outros; (14)

³⁷⁵ *Kriterion*.

³⁷⁶ *Zemia*.

³⁷⁷ Epicteto tem em mente aqui as restrições alimentares decorrentes de dogmas religiosos, segundo os quais incorre em impiedade quem comer certos alimentos.

e se os judeus são corretas, não sejam corretas as dos outros.

– Certamente.

– Onde há ignorância³⁷⁸, aí também há desconhecimento³⁷⁹ e falta de instrução³⁸⁰ a respeito das coisas necessárias.

O outro concordou.

(15) – Assim, tu – disse Epicteto – percebendo isso, de hoje em diante, não te ocuparás de nada mais, nem terás o pensamento voltado para mais nada, mas, uma vez tendo aprendido qual é o critério das coisas segundo a natureza e utilizando-o, julgarás as realidades particulares³⁸¹. (16) Por ora, posso socorrer-te em uns quantos pontos em relação ao que desejas. (17) A afeição te parece ser segundo a natureza e boa?

– E como não seria?

– E então? A afeição te parece ser segundo a natureza e boa, mas o que é racional³⁸² não?

– De modo algum.

(18) – Portanto, não há conflito entre o que é racional e a afeição?

– Parece-me que não.

– Caso contrário, se estivessem em conflito, seria necessário que uma coisa fosse segundo a natureza e a outra contra a natureza, não é?

– Sim – disse o outro.

(19) – Portanto, isto que descobriremos ser ao mesmo tempo a afeição e o que é racional, isto, confiantes, nós declararemos ser tanto correto quanto bom?

– Assim será – disse o outro.

³⁷⁸ *Agnoia.*

³⁷⁹ *Amathia.*

³⁸⁰ *Apaideusia.*

³⁸¹ *Diakrineis ton epi merous ekaston.*

³⁸² *Eulogiston.*

(20) – E então? Abandonar uma criança doente e, ao abandoná-la, partir, não penso que negarás ser irracional. Resta-nos examinar se é afeição.

– Pois examinemos.

(21) – Então tu, que estás afetuosamente disposto em relação à criança, agiste corretamente fugindo e abandonando-a? A mãe não sente afeição pela criança?

– Certamente ela sente afeição pela criança.

(22) – Portanto, também a mãe deveria abandonar a criança ou não deveria?

– Não deveria.

– E a ama³⁸³? Sente afeição pela criança?

– Sente afeição, disse o outro.

(23) – Deveria ela também abandoná-la?

– De modo algum.

– E o pedagogo³⁸⁴ não lhe sente afeição?

– Sente.

– Deveria também ele, abandonando-a, partir? E, assim, solitariamente e sem socorro, por causa da grande afeição dos pais, que sois vós, e dos que estão ao seu redor, morrer nas mãos dos que nem lhe têm afeição nem se importam com ela?

– Não poderia ser.

(24) – E então? Não é desigual³⁸⁵ e insensato³⁸⁶ que o que é considerado condizente³⁸⁷ para si em nome da afeição, isso mesmo não conceda aos que sintam ternura de modo semelhante?

– Absurdo!³⁸⁸

³⁸³ *Titthe*.

³⁸⁴ *Paidagogos*: servo encarregado de levar a criança da casa para a escola e da escola para casa.

³⁸⁵ *Anisos*.

³⁸⁶ *Agnomon*.

³⁸⁷ *Prosekon*.

³⁸⁸ *Atopon*.

(25) – Pois vamos: estando tu doente, desejarias serem de tal maneira afetuosos os que têm relação contigo, tanto os outros quanto teus próprios filhos e tua mulher, de modo que fosses por eles deixado sozinho e solitário?

– De modo algum.

(26) – Poderias desejar³⁸⁹ que os teus sentissem afeto por ti desse modo, para que, pela enormíssima afeição deles, tu fosses deixado só nas doenças? Ou, pelo mesma razão, se fosse possível, dirias que teus inimigos sentem ternura por ti, porque és abandonado por eles? Se as coisas assim o são, conclui-se³⁹⁰ que de modo algum quem age assim é alguém que sente afeto.

(27) E então? Nada te moveu e urgiu para abandonar a criança? E como isso seria possível? Algum motivo havia. Do mesmo modo que, em Roma, algo moveu aquele que cobriu o rosto quando corria o cavalo pelo qual torcia³⁹¹. Quando o cavalo venceu de modo inesperado³⁹², desmaiou e foi necessário aplicar-lhe esponjas³⁹³. (28) Então o que é isso? A razão precisa não nos cabe agora apurar. Basta que nos persuadamos de que, se é verdade o que é dito pelos filósofos, não devemos buscar fora, mas, sobre todas as coisas, uma única e a mesma é a razão para fazer algo ou não, para falar algo ou não, para ser exaltado ou ser humilhado, para evitar ou buscar algo. (29) Isto que também, agora, para mim e para ti, tornou-se a razão. Para ti, por um lado, para vires a mim e te sentares, escutando. Para mim,

³⁸⁹ *Euxaio*: optativo aoristo médio, 2ª do singular de *euchomai* (“rezar por; desejar; professar em voz alta; gabar-se”).

³⁹⁰ *Hypoleipetai*: 3ª do presente do indicativo médio de *hypoleipo* (“restar, reter”).

³⁹¹ *Espoudakei*: 3ª do mais-que-perfeito de *spoudazo*. Literalmente significa “esforçar-se”. Pelo contexto parece aí significar “torcer”.

³⁹² *Paralogos*.

³⁹³ Provavelmente esponjas molhadas com água para ser reanimado. O termo grego para esponja é *spongos*.

por outro, para te dizer estas coisas. E que razão é essa? (30) Que outra senão o que nos parece certo?³⁹⁴

– Nenhuma outra.

– Se nos afigurasse³⁹⁵ de outro modo, que faríamos senão o que nos parecesse certo? (31) Não foi essa a razão para Aquiles lamentar? Não a morte de Pátroclo (pois outro não sofre dessa forma quando morre o companheiro), mas porque lhe pareceu certo. (32) E para ti, então, isto mesmo foi o que te pareceu certo: fugir. E, ao contrário, se tivesses permanecido – porque te pareceu certo. E agora voltas para Roma, porque te pareceu certo. E se mudares de parecer³⁹⁶, não partirás. (33) Em suma: nem a morte, nem o exílio, nem o sofrimento, nem qualquer outra coisa nos é razão para fazer ou não fazer algo, mas nossas suposições³⁹⁷ e opiniões³⁹⁸. (34) Persuado-te disso ou não?

– Persuade-me, disse o outro.

– Tais como são as causas de cada coisa, tais são os efeitos. (35) Portanto, de hoje em diante, quando fizermos algo de modo incorreto, nada consideremos como a causa senão a opinião pela qual a fizemos. E tentaremos essa opinião arrancar e extirpar antes dos tumores e dos abscessos do corpo. (36) Do mesmo modo, do que é feito corretamente, declararemos ser essa mesma a razão. (37) E não mais consideremos nem o servo doméstico, nem o vizinho, nem a mulher, nem os filhos a causa de males para nós, persuadidos de que, se não nos parecer ser algo tal, não faremos o que segue da opinião. Nossos senhores são o parecer e

³⁹⁴ *Edoxen*: aoristo indicativo 3ª do singular de *dokeo*. Em Epicteto ocorre significando precisamente “isso que parece ser o caso”, sinônimo de *phaino*, “afigurar-se”.

³⁹⁵ *Ephane*: aoristo indicativo passivo 3ª de *phaino*.

³⁹⁶ *Metadoxei*: futuro indicativo médio 2ª do singular de *metadokeo* (“mudar de parecer”).

³⁹⁷ *Hypolepseis*.

³⁹⁸ *Dogmata*.

o não parecer, e não as coisas externas. (38) Deste dia em diante, nada mais investiguemos ou inspecionemos como é ou em que condição está³⁹⁹, nem a terra arável, nem os prisioneiros, nem os cavalos ou os cães, senão as opiniões.

– Prometo, disse o outro.

(39) – Assim, vêς que deves tornar-te um estudioso⁴⁰⁰, este animal do qual todos riem, já que agora desejas realizar a investigação de tuas próprias opiniões. E isso, sabemos, não é tarefa para uma hora ou um dia.

³⁹⁹ *Poion ti estin e pos echei.*

⁴⁰⁰ Epicteto usa o termo *scholastikos*, que significa primariamente alguém que tem tempo livre e que devota esse tempo livre ao estudo.

DIATRIBE I.12 – SOBRE A SATISFAÇÃO⁴⁰¹

(1) Sobre os Deuses, alguns dizem não existir o divino⁴⁰²; outros dizem existir, porém ocioso⁴⁰³, descuidado⁴⁰⁴ e imprevidente⁴⁰⁵; (2) em terceiro lugar, há os que dizem existir e ser providente, mas quanto às coisas grandes e celestiais e não quanto às terrenas⁴⁰⁶; em quarto lugar, há os que dizem serem providentes também em relação às coisas terrenas e às humanas, mas só em relação às gerais e não às próprias⁴⁰⁷ de cada um⁴⁰⁸; (3) em quinto lugar⁴⁰⁹, há aqueles, entre os quais se contam também Odisseu e Sócrates, que dizem “Movendo-me, não te escapo”⁴¹⁰. (4) Desse modo, antes de tudo o mais, é necessário

⁴⁰¹ *Euarestesis*.

⁴⁰² Esses são os ateístas, como Diágoras de Melos, Teodoro de Cirene, Crítias de Atenas, entre outros (cf. SEXTO EMPÍRICO, *Esboços pirrônicos*, 3.218; *Adversus Mathematicos*, 9.50-7; CÍCERO, *De natura deorum*, 1.2).

⁴⁰³ *Argos*. Esse segundo grupo engloba os epicuristas (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 10.139).

⁴⁰⁴ *Ameles*.

⁴⁰⁵ *Pronoein medenos*.

⁴⁰⁶ Esse terceiro grupo provavelmente engloba os peripatéticos. Como nos informa DOBBIN (1998, p. 139), no período imperial era essa a visão que se tinha sobre o estagirita, que a expressa na *Metafísica* 12.6-10, embora pareça contradizê-la na *Ética Nicomaqueia* 1179a24-5 (cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 5.32; SEXTO EMPÍRICO, *Esboços pirrônicos*, 3.218).

⁴⁰⁷ *Kat'idian*.

⁴⁰⁸ Esse quarto grupo engloba estoicos como Sêneca (*Cartas a Lucílio*, 95.50) e ecléticos como Cícero (*De natura deorum*, 2.167). Entre os estoicos, sempre foi uma posição heterodoxa.

⁴⁰⁹ Esse quinto grupo engloba Sócrates (XENOFONTE, *Memoráveis*, 1.1.19; 1.4.18; 4.3.12), além de ser a doutrina ortodoxa estoica (cf. CÍCERO, *De Natura Deorum*, 1.1.2) e aquela de Epicteto.

⁴¹⁰ HOMERO, *Iliada*, 10.278. Tradução literal. O verso faz parte da oração de Ulisses a Atena, que apresento a seguir na tradução de Carlos Alberto Nunes: Ouve-me, filha de Zeus poderoso, que em todas as minhas dificuldades me assistes, a quem não se ocultam meus passos, Palas Atena! Ora mais do que nunca propícia me ajuda. Dá, que possamos, cobertos de glória, voltar para as naves após grande feito acabarmos que

considerar, sobre cada uma dessas posições, se são ditas de modo verdadeiro ou não. (5) Pois se os Deuses não existem, como será o nosso fim seguir os Deuses⁴¹¹? Porém, se existem, de ninguém cuidando, assim também como será verdadeiro ser nosso fim segui-los? (6) Mas se existem e cuidam, e nenhuma comunicação houver entre os humanos e eles e, por Zeus, também comigo, como ainda isso será verdadeiro? (7) Portanto, o ser humano bom e justo, tendo considerado em seu pensamento todas essas coisas, segue aquele que administra a totalidade, do mesmo modo que os cidadãos seguem a lei da cidade-Estado. (8) Aquele que se instruiu deve comportar-se a respeito da instrução com o seguinte propósito⁴¹²: como eu poderia seguir os Deuses em todas as circunstâncias? Como eu poderia me comprazer⁴¹³ com a divina administração? Como eu poderia me tornar livre? (9) Pois é livre aquele a quem todas as coisas acontecem segundo sua escolha e a quem nada faz impedimento. (10) E então? A liberdade é insanidade⁴¹⁴? De modo algum! Loucura⁴¹⁵ e liberdade não caminham na mesma direção. (11) “Eu, porém, desejo que tudo que me pareça bom ocorra, e do modo que me pareça bom”. (12) Estás louco, deliras⁴¹⁶. Não percebes que a liberdade é algo bom e valioso⁴¹⁷. Desejar que ocorra não importa o que me pareça bom⁴¹⁸, isso pode não só não ser bom, mas também

há de lembrar sempre os Teucros.

⁴¹¹ *Pos esti telos hepesthai theois*; – cf. MARCO AURÉLIO, 10.11.

⁴¹² *Epibole*: concepção, noção, propósito.

⁴¹³ *Kai pos an euarestoien tei theiai dioikesi*.

⁴¹⁴ *Aponoia*.

⁴¹⁵ *Mania*.

⁴¹⁶ *Paraphroneis*: 2ª do singular do presente indicativo ativo de *paraphroneo*.

⁴¹⁷ *Axiologos*: digno de menção, notável. Escolhi “valioso” pela relação do termo com o conceito de *axia* (“valor”), central em Epicteto.

⁴¹⁸ *To d'os etychen me boulesthai ta os etychen doxanta ginesthai*: Arriano inspirou-se nessa passagem para compor o capítulo 8 do *Encheiridion*.

pode ser a pior de todas as coisas. (13) Como agimos em relação às letras? Desejo escrever como quiser o nome “Bíon”? Não. Mas aprendo a querer escrever como é devido. E sobre a música? Do mesmo modo. (14) E, em geral, onde há alguma arte ou ciência. Caso contrário, se cada coisa se ajustasse aos desejos, nenhum valor teria saber algo. (15) Então é só aí, sobre o que é maior e principal, a liberdade, que me é permitido desejar ao acaso? De modo algum. Ser instruído, porém, é aprender a desejar cada coisa como ocorre⁴¹⁹. E como ocorre? Como ordenou aquele que ordena⁴²⁰. (16) Ordenou haver verão e inverno, abundância e escassez, virtude e vício, e todas as contrariedades tais para a harmonia⁴²¹ da totalidade. E deu a cada um de nós corpo, partes do corpo, posses e companheiros.

(17) Assim, lembrando-nos dessa disposição, devemos buscar instrução, não para alterar as hipóteses⁴²² (já que isso nem nos é dado, nem é o melhor), mas para que, sendo como são e como foram naturalmente geradas as coisas ao nosso redor, tenhamos o pensamento a respeito delas em conformidade⁴²³ com os acontecimentos. (18) E então? É possível escapar dos seres humanos? E como isso seria possível? Podemos, estando com eles, alterá-los? E quem nos deu esse poder? (19) Então o que nos resta ou que meio se descobre para lidar com eles?

⁴¹⁹ Cf. MARCO AURÉLIO, 4.23.

⁴²⁰ O verbo *diatasso* significa primariamente “nomear, ordenar, dispor”.

⁴²¹ *Symphonia*. Cf. AULO GÉLIO, *Noites áticas*, 4.1 (em que Gélio cita passo do *Da providência*, de Crisipo: “Nada é mais tolo que as opiniões daqueles que pensam que o bem poderia existir sem o mal”); Simplício, *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*, 13.8; 34.27; E 27.

⁴²² *Hypotheseis*. GEORGE LONG traduz o termo por “constitution of things” (“constituição das coisas”), conjecturando com o que vem a seguir. Entretanto, seguimos aqui DOBBIN.

⁴²³ *Synermosmenen*: particípio perfeito passivo de *synarmoizo*, que significa primariamente “combinar-se, conformar-se, encaixar-se”.

Um meio tal pelo qual eles façam o que lhes pareça bom e nos mantenhamos igualmente segundo a natureza. (20) Porém, tu és impaciente⁴²⁴ e difícil de agradar⁴²⁵: (21) se estás só, chamas isso de solidão⁴²⁶; se estás com outros seres humanos, chama-os de insidiosos e ladrões; e censuras também teus próprios pais, teus filhos, teus irmãos e teus vizinhos. Devo, estando a sós comigo mesmo, chamar isso de repouso e liberdade e considerar-me semelhante aos Deuses; mas, estando com os muitos, devo chamar isso não de tumulto⁴²⁷, nem de confusão⁴²⁸, nem de algo nauseante⁴²⁹, mas de festa⁴³⁰ e festival⁴³¹ e, assim, receber tudo com satisfação.

E qual é o castigo⁴³² para os que não aceitam favoravelmente tudo o que ocorre? (22) Ser como são. Alguém está descontente por estar só? Esteja na solidão. Alguém está descontente com os pais? Seja mau filho e lamente. Está descontente com os filhos? Seja mau pai. (23) “Lança-o na prisão”. Qual prisão? Aquela na qual ele está agora. Pois está aí contrariado⁴³³. (24) Onde alguém está contrariado, aí para si é a prisão. Portanto, Sócrates não estava na prisão, pois estava ali voluntariamente⁴³⁴. “Mas minha perna será mutilada!” Prisioneiro! Por uma minúscula perna⁴³⁵ acusas o Cosmos? Não a cederás voluntariamente pela totalidade? Não te separarás dela? Sendo grato, não a devolverás

⁴²⁴ *Atalaiporos*: ou ainda “incapaz de suportar fadiga”.

⁴²⁵ *Dysarestos*: literalmente “descontente”.

⁴²⁶ *Eremia*.

⁴²⁷ *Ochlos*: literalmente “multidão”.

⁴²⁸ *Thorybos*.

⁴²⁹ *Aedia*.

⁴³⁰ *Eorte*.

⁴³¹ *Panegyros*.

⁴³² *Kolasis*.

⁴³³ *Akon gar esti*.

⁴³⁴ *Ekon gar en*.

⁴³⁵ *Skelydrion*: diminutivo de *skelos* (“perna”).

a quem a deu a ti? (25) Irritar-te-ás⁴³⁶ e ficarás descontente com as coisas que foram dispostas por Deus, coisas que ele, através das Moiras⁴³⁷, presentes e fiando⁴³⁸ a tua gênese, definiu e dispôs? (26) Não sabes que tu és pequena parte em relação à totalidade?⁴³⁹ Isso segundo o corpo, porque certamente segundo a razão não és inferior nem menor que os Deuses⁴⁴⁰: pois a grandeza da razão não é avaliada pelo tamanho, nem pela altura, mas pelas opiniões.

(27) Não desejas pôr teu bem aí, nas coisas segundo as quais és igual aos Deuses? (28) “Sou um infeliz: tenho tal pai e tal mãe!” E então? É-te dado, antecipando-te, escolhê-los e dizer: “Que tal e qual se encontrem a tal hora para que eu nasça”. Não te é dado. (29) Porém, é preciso que teus pais preexistam e, desse modo, tu sejas gerado. (30) E partir de quais pais? Destes, tais como são. E então? Tais sendo eles, nenhum meio te é dado? Igualmente, se ignoras para que tens a capacidade da visão e fechas os olhos diante das cores que te são apresentadas, és desafortunado⁴⁴¹ e infeliz⁴⁴². Entretanto, se ignoras que possuis grandeza de alma⁴⁴³ e a mais elevada nobreza⁴⁴⁴ em relação a

⁴³⁶ *Aganakteseis*: 2ª do singular do futuro indicativo de *aganakteo*.

⁴³⁷ Segundo a mitologia grega, as Moiras são três irmãs que literalmente tecem o destino de humanos e Deuses. São elas Cloto (“a que fia”), Láquesis (“a que sorteia”) e Átropos (“a que corta” – e determina o fim da vida).

⁴³⁸ *Epiklothouson*: participio de *epikloto*, que significa primariamente “atribuir”. O verbo é comumente associado às Moiras, daí nossa tradução.

⁴³⁹ Cf. MARCO AURÉLIO, 2.4; LUCRÉCIO 6.652: “Et quota pars homo sit terrai totius unus.”

⁴⁴⁰ De acordo com os antigos, deuses e humanos diferem apenas quanto ao poder (sendo os primeiros mais poderosos que os segundos) e ao tempo de vida (sendo os primeiros imortais e os segundos mortais).

⁴⁴¹ *Dystyches*.

⁴⁴² *Athlios*.

⁴⁴³ *Megalopsychia*.

⁴⁴⁴ *Gennaioteta*: superlativo de *gennaiotes* (nobreza), de *gennaios* (nobre).

cada uma⁴⁴⁵ dessas coisas, não és ainda mais desafortunado e infeliz? (31) São postas diante de ti coisas adequadas à força que possuis. Tu, contudo, neste momento, antes a pões de lado, quando deverias tê-la desperta e atenta. (32) Não darás, ao invés disso, graças aos Deuses por te porem acima das quantas coisas que não fizeram sob teu encargo e te proclamarem somente responsável pelas sob teu encargo? (33) Não te puseram como responsável pelos teus pais, nem pelos teus irmãos, nem pelo teu corpo, tuas posses, tua morte, tua vida. (34) Então pelo que te fizeram responsável? Somente pelo que é teu encargo: usar corretamente as representações⁴⁴⁶. (35) Então por que arrastas⁴⁴⁷ para ti mesmo essas coisas pelas quais não és responsável? Isso é causar⁴⁴⁸ problemas para si mesmo!

⁴⁴⁵ *Pros hekasta touton.*

⁴⁴⁶ *Chreseos hoias dei phantasion.*

⁴⁴⁷ *Epispais*: presente indicativo ativo, 2ª do singular de *epispao*, que significa primariamente “arrastar atrás de si”.

⁴⁴⁸ *Parechein* é infinito presente ativo de *parecho*, que significa primariamente “fornecer”, “suprir” e, derivativamente, “causar”.

DIATRIBE I.13 – COMO FAZER CADA COISA DE MODO AGRADÁVEL⁴⁴⁹ AOS DEUSES

(1) Quando alguém indagou sobre como comer de modo agradável aos Deuses, Epicteto disse: “Se comes de modo justo, prudente⁴⁵⁰, equitativo, com autocontrole e ordenado, não comes também de modo agradável aos Deuses?”⁴⁵¹ (2) Quando, ao pedires água quente, o pequeno servo não te obedecer; ou, se obedecer, trazer água morna; ou nem a encontrar na casa, não é agradável aos Deuses não se irritar⁴⁵² nem gritar⁴⁵³?

(3) – Então como suportar⁴⁵⁴ coisas tais?

– Prisioneiro, tu não suportas teu próprio irmão, que possui Zeus como ancestral, que é igualmente filho de Zeus, gerado

⁴⁴⁹ *Arestos*.

⁴⁵⁰ *Eugnomonos*: “de bom sentimento, atencioso, razoável”, donde também “sensível, prudente”.

⁴⁵¹ Epicteto responde socraticamente à questão sobre o que é pio ou não comer. Quer dizer, quanto à piedade, não importa o que se come, mas com qual atitude se come.

⁴⁵² O verbo aqui é *chalepaino*: que significa literalmente “ser severo”, mas que, quando empregado em relação a pessoas, significa “ser violento”, “irritar-se”.

⁴⁵³ *Rhegnysthai*: infinitivo passivo de *rhegnymi*: literalmente “quebrar em pedaços”. Após HOMERO, “gritar”. Na passagem em questão, significa literalmente “estourar”. ARRIANO inspirou-se nessa passagem para escrever o primeiro parágrafo do capítulo 12 do *Encheiridion*.

⁴⁵⁴ *Anaschetai* é subjuntivo presente 2ª do singular de *anecho* (“suportar”). Este verbo está presente no famoso *dictum* epictetiano, que nos foi transmitido por AULO GÉLIO:

Além disso, esse mesmo Epicteto, como nós ouvimos de Favorino, costumava dizer haver dois vícios entre todos de longe mais graves e perniciosos: a incapacidade de resistir e a incapacidade de abster-se, quando ou não resistimos aos sofrimentos que devem ser suportados, ou não nos abstermos de coisas e desejos em relação aos quais devemos nos conter. “Assim,” diz Epicteto, “se alguém tomar a peito estas duas palavras e as velar através do governo e da observação de si mesmo, na maior parte do tempo não cometerá faltas e viverá uma vida tranquilíssima”. Essas duas palavras Epicteto dizia serem anecho (“resiste”) e apechou (“abstém-te”). (Noites áticas, 17.19.5 (= Epicteto, fragmento 179)).

a partir das mesmas sementes e da mesma sementeira⁴⁵⁵ dos céus⁴⁵⁶? (4) Se foste designado⁴⁵⁷ a tal posto de proeminência⁴⁵⁸, imediatamente estabelecer-te-ás⁴⁵⁹ como um tirano? Não lembras quem tu és e quem tu comandas? Não lembras que são teus congêneres, que são por natureza teus irmãos, que são descendentes de Zeus?

(5) – Mas eu os comprei, e eles não me compraram.

– Vês para onde olhas? Que olhas para a terra, para o precipício, para essas miseráveis leis dos mortos – e não para as leis dos Deuses?

⁴⁵⁵ *Katabole*.

⁴⁵⁶ *Anothen*: “de cima”.

⁴⁵⁷ *Katetages*: aoristo indicativo passivo 2ª do singular de *katatasso*, que significa primariamente “pôr em ordem, arrumar”, donde “designar”.

⁴⁵⁸ *Tini toiautei chorai* [...] *hyperechousei*.

⁴⁵⁹ *Katasteseis*: futuro indicativo ativo 2ª do singular de *katathistemi*.

DIATRIBE I.14 – O DIVINO SUPERVISIONA TODOS OS SERES HUMANOS

(1) Quando alguém indagou como persuadir-se de que Deus vê cada uma de suas ações, Epicteto disse:

– Não te parece que todas as coisas estão unidas⁴⁶⁰?

– Parece-me – disse o outro.

(2) – E então? Não te parece que as coisas terrenas⁴⁶¹ são influenciadas⁴⁶² pelas celestes⁴⁶³?

– Parece-me – disse o outro.

(3) – Pois como as coisas são ordenadas assim, como que por comando⁴⁶⁴ de Zeus? Quando ele manda⁴⁶⁵ que floresçam as plantas, elas não florescem? Quando ele manda que germinem as plantas, elas não germinam? Quando ele manda que frutifiquem, elas não frutificam? Quando ele manda que amadureçam os frutos, eles não amadurecem? Quando, novamente, manda que as árvores lancem ao chão os frutos, percam suas folhas, recolham-se em si mesmas e em repouso permaneçam e descansem, elas não permanecem em repouso e descansam? (4) E por que se contempla, durante as fases da Lua⁴⁶⁶ e a aproximação e

⁴⁶⁰ *Henosthai ta panta*: *henosthai* é infinitivo passivo de *henoo*, que significa primariamente “tornar um”, “unificar”, daí nosso “estão unidas”. Quanto à unidade do mundo segundo os estoicos, cf. SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 95; MARCO AURÉLIO, 6.10; 7.9; CÍCERO, *Da natureza dos Deuses*, 2.7; *Do orador*, 3.5.

⁴⁶¹ *Ta epigeia*.

⁴⁶² Assim vertemos *sympathein*, infinitivo de *sympatheo*, que significa primariamente “ser afetado por simpatia”.

⁴⁶³ *Ouraniois* é dativo plural de *ouranios*, adjetivo que significa “celestial”.

⁴⁶⁴ *Prostagmatos*, genitivo de *prostagma* (“comando, ordem”).

⁴⁶⁵ “Manda” traduz aqui *eipei*, aoristo subjuntivo ativo 3ª do singular de *eipon*, verbo defectivo que significa primariamente “disse”, mas que, seguido de dativo, adquire o sentido de “ordenar, dar uma ordem”. Escolhemos “mandar” para distinguir de *tasso*.

⁴⁶⁶ Literalmente: “o crescimento e a diminuição da lua” (*Selene*).

a recessão do avanço do Sol, tal variação e transformação em contrários entre as coisas terrenas⁴⁶⁷? (5) Estariam as plantas e os nossos corpos ligados à totalidade, sendo igualmente afetados⁴⁶⁸, e nossas mentes não o estariam muito mais? (6) Se as mentes estão assim tão ligadas e conectadas⁴⁶⁹ a Deus, como partes e fragmentos⁴⁷⁰ dele, não percebe Deus todos os movimentos delas como próprios e conatos⁴⁷¹?

(7) E tu mesmo não és capaz de ponderar sobre a administração divina e sobre cada uma das coisas divinas e, igualmente, sobre os negócios humanos, e, ao mesmo tempo, ser movido por miríades de coisas, tanto pela percepção quanto pelo pensamento – pelo assentimento, pela negação ou pela suspensão de juízo⁴⁷²? (8) E tu não guardas em tua mente tantas impressões⁴⁷³ de

⁴⁶⁷ *Tosauτε parallage kai epi ta enantia metabole ton epigeion.*

⁴⁶⁸ *Sympeponthen*: perfeito indicativo ativo de *sympascho* (“ser afetado conjuntamente”).

⁴⁶⁹ *Synapheis*: acusativo plural de *synaphes* (“unido, conectado”).

⁴⁷⁰ *Apospasmata*: acusativo plural de *apospasma* (“fragmento, pedaço”).

⁴⁷¹ Para Epicteto e os estoicos, Deus é um ser vivo que, como o ser humano, faz uso das representações, percebendo e interpretando as coisas que ocorrem, já que todas elas acontecem em seu âmago. Em outros termos, o universo inteiro é um ser vivo que percebe o que ocorre em cada uma de suas partes. Cf. MUSÔNIO RUFO, *fragmento* 38 (=Estobeu, II, 8, 30).

⁴⁷² A frase em grego é construída adverbialmente: *aisthetikos* (“pela sensação”) [...] *dianoetikos* (“pelo pensamento”) [...] *synkatathetikos* (“pelo assentimento”) [...] *ananeustikos* (“pela negação”) [...] *ephektikos* (“pela suspensão de juízo”).

⁴⁷³ Impressões aqui traduz *typos*, acusativo plural de *typos*, que significa primariamente “golpe” ou “efeito de golpe ou pressão”, donde “impressão”, “selo” (perpetrados por sinete, por exemplo). O termo tem íntima relação, nos estoicos, com o conceito de representação (*phantasia*), relacionando-se à concepção de representação de Cleanto.

muitas e variadas⁴⁷⁴ coisas? E, a partir delas, pelo pensamento⁴⁷⁵, não te deparas com representações semelhantes às primeiras? E não conservas artes, uma após a outra, e memórias de miríades de coisas? (9) E Deus não é capaz de supervisionar todas as coisas, estar presente em todas elas e receber certa comunicação delas todas? (10) O Sol é capaz de iluminar tão grande parte de tudo, e o pouco que resta sem iluminação é o quanto pode ser coberto pela sombra que a Terra produz. Mas aquele que fez o próprio Sol (e que difere dele por ser o Sol uma pequena parte do todo) não é capaz de perceber todas as coisas?

(11) – Porém, eu – diz alguém – não posso compreender tudo isso ao mesmo tempo.

– Mas alguém te disse isto: que tens capacidade igual à de Deus? (12) Entretanto, ele pôs ao lado de cada um nada menos que um guardião divino⁴⁷⁶, e pôs nas mãos deste guardar, incansável e infalível, cada um. (13) Que outro guardião, melhor e mais solícito, poderia Zeus pôr ao lado de cada um de nós? De modo que, quando fechardes as portas e colocardes dentro a escuridão, lembrai-vos de jamais dizer que estais sós. (14) Pois não

⁴⁷⁴ *Poikilon* é genitivo plural de *poikilos*, que significa primariamente “multicolorido”, mas, em sentido metafórico, “diversificado”, “complexo”.

⁴⁷⁵ *Epinoia*.

⁴⁷⁶ *Daimon*. Como observa DOBBIN (1998, p. 153), esse termo indica (1) algo intermediário entre o ser humano e Deus, (2) o espírito guardião de cada ser humano, (3) a própria razão. Quanto a isso, Sêneca nos diz: “Assim digo, Lucílio, reside em nós o sagrado, observador de nossos bens e males e guardião. Ele, assim como o tratamos, do mesmo modo nos trata. Ninguém é bom varão sem Deus; é possível a alguém elevar-se acima da fortuna e não ser ajudado por ele? Ele dá conselhos grandiosos e retos” (*Cartas a Lucílio*, 41.2). Cf. VIRGÍLIO, *Eneida*, 8.352 (*Quis deus, incertum est, habitat deus* – “Em nós habita um deus; mas que deus é, é incerto”); *Fasti*, 6.5 (*Est Deus in nobis, agitante calescimus illo [ipsa]*): *Impetus hic sacrae semina mentis habet* – “Há um deus em nós, cujo movimento nos aquece: seu impulso possui a semente da mente sagrada”); MARCO AURÉLIO, 3.5; 5.27; MENANDRO 881 ss.

estais, mas Deus está dentro de vós, e o vosso divino guardião está dentro de vós. E que precisão tem ele de luz para ver o que estais fazendo? (15) Deves fazer esse juramento a Deus, como os soldados fazem a César. Estes, por ganharem um salário, juram que irão pôr a segurança de César acima de tudo. Então vós, ao serdes julgados de valor para tantas e tamanhas coisas, não ireis prestar o juramento? Ou, ao prestá-lo, não o mantereis? (16) E o que ireis jurar? Não ireis jamais desobedecer, nem acusar, nem censurar alguma das coisas dadas por ele, nem ireis fazer algo contrariados, nem sofrereis pelas coisas necessárias. (17) É semelhante esse juramento àquele dos soldados? Naquele, eles juram não honrar a ninguém senão a César. Neste, juramos honrar a nós mesmos acima de tudo.

DIATRIBE I.15 – O QUE A FILOSOFIA PROMETE?

(1) Quando alguém se aconselhava sobre como persuadir o irmão a não mais se irritar com ele, Epicteto disse:

(2) – A filosofia não promete preservar nenhuma das coisas externas ao ser humano. Caso contrário, admitirá algo exterior à sua própria matéria. Do mesmo modo que a matéria da carpintaria é a madeira; a da estatuária, o bronze; assim também a matéria da arte da vida é a vida de cada um⁴⁷⁷.

(3) – E quanto à vida de meu irmão?

– Isso, por sua vez, é da arte da vida dele, que é exterior à tua própria, como as terras, a saúde, a fama. Nenhuma dessas coisas promete a filosofia.

(4) Manterei em toda dificuldade a parte diretriz segundo a natureza.

– A parte diretriz de quem?

– A parte diretriz daquele no qual existo.

(5) – Então como meu irmão não ficará irado comigo?

– Leva-me a ele e lhe falarei, mas nada posso dizer-te sobre a ira dele.

(6) Quando o que se aconselhava com ele disse que “Quero saber como, não me reconciliando com meu irmão, poderia eu me manter segundo a natureza”, Epicteto disse:

(7) – Nada se torna grande de súbito, nem um cacho de uvas, nem um figo. Se tu me disseses agora “Quero um figo”, responder-te-ia “É preciso tempo”. Deixa primeiro que a figueira floresça; depois, que lance o fruto⁴⁷⁸; depois, que o fruto amadureça. Então se o fruto da figueira não se perfaz

⁴⁷⁷ *Houtos tes peri bion technes hyle ho bios autou hekastou.*

⁴⁷⁸ GEORGE LONG e DOBBIN traduzem a frase por algo como: “Não esperes por isso, mesmo que eu dissesse”. Entretanto, a frase em grego é: *Med'an ego soi lego, prosdoka.*

de súbito ou em meia hora, desejas adquirir o fruto do pensamento humano em pouco tempo e facilmente? Eu não te diria isso. Espera!⁴⁷⁹.

⁴⁷⁹ Carter, a primeira a verter as *Diatribes* para inglês, observa que “o filósofo esqueceu-se que figueiras não florescem”. Porém, esse não é exatamente o caso. O figo é, em realidade, uma infrutescência que se forma a partir de um receptáculo carnoso (sícone) que contém flores masculinas e femininas, das quais nascem os aquênios, os pequenos frutos do figo que conhecemos como suas sementes.

DIATRIBE I.16 – SOBRE A PROVIDÊNCIA⁴⁸⁰

(1) Não te admires se, para os outros animais, as coisas relativas ao corpo foram dispostas⁴⁸¹, não só os alimentos e a água, mas também o repouso e ausência de precisão de calçado, de leito, de vestimenta, enquanto nós temos precisão de todas essas coisas. (2) Aos outros animais, que nasceram não para si mesmos, mas para o serviço⁴⁸² aos demais, foi melhor terem sido criados sem precisão de outras coisas. (3) Pois vê como seria cuidar não só de nós mesmos, mas também dos carneiros e dos jumentos, como se vestem, como se calçam, como comem, como bebem. (4) Do mesmo modo que os soldados⁴⁸³ estão dispostos⁴⁸⁴ diante do general calçados, vestidos, equipados⁴⁸⁵, e terrível seria se o quiliarca⁴⁸⁶ devesse andar de lá pra cá para calçar e vestir os milhares de soldados, assim também a Natureza fez os animais nascidos dispostos para o serviço, equipados, sem precisão adicional de cuidado algum, (5) de modo que mesmo

⁴⁸⁰ *Peri pronoias*:

⁴⁸¹ *Ta pros to soma hetoima gegonen*.

⁴⁸² *Hyperesia*.

⁴⁸³ *Stratiotai*: nominativo plural de *stratiotes*, de *stratia* (“exército”).

⁴⁸⁴ *Hetoimoi*.

⁴⁸⁵ *Hoplismenoi*: particípio perfeito nominativo plural de *hoplizo*, que significa aqui “armar”, “equipar”, donde *hoplites* (“hoplita”: soldado de infantaria fortemente armado).

⁴⁸⁶ No período romano, *chiliarcos* é o termo grego que designa o tribuno militar romano (*tribunus militum*). Cada legião romana tinha seis tribunos que, após as reformas de Mário, passaram a ser comandados por um legado (*legatus*), o equivalente romano ao moderno general. Os legados eram necessariamente da classe pretoriana ou superior. Dos tribunos militares de cada legião, um tinha de ser da classe senatorial (tribuno laticlávio), os demais (tribunos augusticlávios) eram geralmente selecionados na classe equestre. Na hierarquia, abaixo dos tribunos estavam os centuriões, que comandavam as centúrias, cada qual com cerca de 100 legionários (algumas vezes, 80; outras vezes, 160). Cinco ou seis centúrias formavam uma coorte. Nove ou dez coortes formavam uma legião. Em províncias com uma só legião, o legado cumpria também a função de governador.

uma criança pequena conduz carneiros com uma vara.

(6) Mas, agora, nós, ao deixar de dar graças por eles porque não temos com eles o mesmo cuidado⁴⁸⁷ que temos conosco, acusamos Deus pelo que nos cabe⁴⁸⁸. (7) E certamente, por Zeus e pelos Deuses, uma só das coisas produzidas pela Natureza leva o ser humano digno e grato a perceber a Providência⁴⁸⁹. (8) E não me fale agora sobre as grandes coisas. Mesmo o surgimento do leite a partir do pasto; e, a partir do leite, o queijo; e, a partir da pele, a lã – quem fez ou concebeu essas coisas?

– Ninguém – diz alguém.

– Ó humano de grande insensibilidade e impudência!

(9) Vamos! Deixemos as obras da Natureza, contemplemos as suas obras incidentais⁴⁹⁰. (10) Há algo mais inútil que os pelos do queixo? E então? Ela não fez uso deles – e do modo mais adequado possível? Não se distinguem por eles o macho e a fêmea? (11) Não exclama à distância a natureza de cada um de nós: “Homem sou – assim aproxima-te de mim, assim fala comigo, nada mais busques: vê os símbolos”? (12) De novo, em relação às mulheres, do mesmo modo que misturou à voz algo mais delicado, também retirou os pelos do queixo. Não, tu me dizes, devemos deixar o animal sem distinções, e que cada um de nós anuncie: “Sou homem”. (13) Mas quão belo, formoso e digno de reverência o símbolo é! Quão mais belo que a crista do galo! Quão mais formoso que a juba dos leões! (14) Por isso, devemos conservar os símbolos de Deus, não devemos jogá-los fora – devemos, no quanto depende de nós, não confundir os gêneros que foram divididos.

(15) São somente essas as obras da Providência sob nosso

⁴⁸⁷ *Epimeleia*.

⁴⁸⁸ *Eph' hautois enkaloumen toi Theoi*.

⁴⁸⁹ *Pronoia*.

⁴⁹⁰ *Parerga*: “ações subordinadas, acessórias”.

encargo⁴⁹¹? E que discurso basta para, de modo semelhante, elogiar ou apresentar essas obras? Pois se possuímos a razão⁴⁹², o que devemos fazer, tanto em público quanto a sós, senão celebrar em cantos, louvar a Deus e fazer jus às suas graças?⁴⁹³ (16) Não devemos, ao arar, ao semear e ao comer, cantar um hino a Deus? “Grande é Deus, que nos concedeu estes instrumentos com os quais lavramos a terra; (17) grande é Deus, que nos deu as mãos, que nos deu a capacidade de comer, que nos deu o ventre, que nos deu a capacidade de crescer sem que percebamos, que nos deu a capacidade de respirar enquanto dormimos!” (18) Devemos cantar um hino sobre cada uma dessas coisas, e o melhor e mais divino hino, porque Deus nos deu a capacidade de compreendê-las e, por meio dela, a capacidade de utilizá-las.

(19) E então? Já que muitos de vós sois cegos, não deve haver alguém que cumpra esse papel e cante por todos o hino a Deus? (20) Pois de que é capaz um velho coxo senão cantar um hino a Deus? Se eu fosse um rouxinol, eu cantaria os cantos do rouxinol. Seu fosse um cisne, cantaria os cantos do cisne. Ora, sou um animal racional. Devo cantar um hino a Deus. Essa é a minha tarefa. Eu a cumprirei. Não abandonarei este posto que me foi dado. E vos convido a essa mesma ode!

⁴⁹¹ *Eph' hemon*. Talvez Epicteto chame essas ações da Natureza como “dependentes de nós” porque podemos alterá-las em alguma medida, embora não sejam *eph' hemin* em sentido estrito.

⁴⁹² *Nous*.

⁴⁹³ Cf. MARCO AURÉLIO, 5.33.

DIATRIBE I.17 – POR QUE A LÓGICA É NECESSÁRIA

(1) Já que a razão⁴⁹⁴ é o que articula⁴⁹⁵ e perfaz as demais coisas, e é preciso que ela mesma não seja desarticulada, pelo que ela seria articulada? (2) É, por conseguinte, evidente que é articulada ou por si mesma ou por outra coisa. Assim, certamente a razão é tal, ou haverá algo maior que ela, o que é impossível. (3) Pois se a razão for tal, quem, por sua vez, articulará aquela⁴⁹⁶? Se a razão articular a si mesma, esta⁴⁹⁷ também o pode. Se necessitarmos de outra, esse processo será infinito⁴⁹⁸ e inacabável⁴⁹⁹.

(4) “Sim! Urge, porém, antes tratar de <...>⁵⁰⁰” e de coisas semelhantes. Então queres ouvir sobre essas coisas? Ouve. Mas se me disseres “Não sei se discorres de modo verdadeiro ou falso”, e se eu disser uma palavra ambígua, e tu me disseres “Efetua a distinção⁵⁰¹”, não mais te tolerarei e direi: “Antes disso algo urge”. Pois penso que os estoicos põem em primeiro lugar o estudo da lógica por essa razão, do mesmo modo que, em relação à medição do tempo, colocamos em primeiro lugar a

⁴⁹⁴ *Logos*. Epicteto refere-se aqui à razão universal que governa o mundo.

⁴⁹⁵ *Diarthron* é participio de *diartheo*, que significa primariamente “dividir por juntas”, “articular”.

⁴⁹⁶ *Ekeinon*: acusativo singular de *ekeinos* (“aquele”). Epicteto transita do conceito de razão universal para o de razão particular de cada ser humano. Está, então, se referindo à capacidade racional de algum dos presentes por meio de ato dêitico.

⁴⁹⁷ *Houtos*. O pronome “este”. Epicteto está, provavelmente, apontando para o próprio coração (onde os estoicos criam ser a sede da razão), designando, portanto, a sua própria razão individual.

⁴⁹⁸ *Apeiron*.

⁴⁹⁹ *Akatalektos*.

⁵⁰⁰ Lacuna no texto. DOBBIN e GEORGE LONG põem aí “nossas opiniões”.

⁵⁰¹ *Diastixon*: imperativo de *diastizo* (literalmente “distinguir com uma marca”).

investigação da medida. (7) Se não especificarmos primeiro o que é um módio⁵⁰², nem definirmos primeiro o que é uma balança, como seremos capazes de medir ou pesar algo? (8) Então, no caso presente, se não aprendermos nem compreendermos com exatidão o critério das demais coisas, o critério pelo qual as demais são aprendidas, poderemos compreender com exatidão ou aprender alguma delas? Como seria possível? (9) “Sim, mas o módio é de madeira e não dá frutos”. (10) Porém é próprio para medir o trigo. “E a lógica não dá frutos”. Vejamos isso também. Assim, ainda que alguém concedesse isso, bastaria acrescentar que a lógica é própria para julgar⁵⁰³, inspecionar⁵⁰⁴ e, como alguns dizem, própria para medir⁵⁰⁵ e pesar⁵⁰⁶.

(11) Quem diz essas coisas? Apenas Crisipo, Zenão de Cítio e Cleantes? Antístenes não as diz? (12) Mas quem é que escreveu que “o princípio da instrução é a investigação dos nomes”? Sócrates não as diz? E sobre quem escreveu Xenofonte⁵⁰⁷, que diz que Sócrates começava pela investigação dos nomes, pelo que cada um significa?

(13) É isso algo grande e admirável⁵⁰⁸: conhecer ou interpretar Crisipo? Quem diz isso? O que, porém, é admirável? Conhecer o propósito da Natureza⁵⁰⁹. (14) E então? Segues⁵¹⁰ esse propósito

⁵⁰² *Modios* (*modius* em latim): medida romana de capacidade aproximadamente equivalente ao alqueire.

⁵⁰³ *Diakritika*.

⁵⁰⁴ *Episkeptika*.

⁵⁰⁵ *Metretika*.

⁵⁰⁶ *Statika*.

⁵⁰⁷ CF. XENOFONTE, *Memoráveis* 4.5.12; 4.6.7.

⁵⁰⁸ Arriano inspirou-se nessas linhas para escrever o capítulo 49 do *Encheiridion*.

⁵⁰⁹ *Noesai to boulema tes physeos*. “Propósito” é nossa tradução para *boulema*.

⁵¹⁰ O verbo aqui é *parakolouthéo*, literalmente “seguir ou observar de perto” e que temos traduzido por “compreender”. De fato, DOBBIN e GEORGE LONG traduzem o termo por “understand” (“compreende”).

por ti mesmo? E do que ainda tens precisão? Pois se é verdadeiro que todos os humanos cometem faltas⁵¹¹, e tu observas a verdade, agora te é necessário agir corretamente⁵¹². (15) Mas, por Zeus, não sigo com minha razão o propósito da Natureza. Quem o interpreta? Dizem que é Crisipo. (16) Vou e perquiro⁵¹³ o que diz esse intérprete da Natureza. Começo não entendendo o que ele diz, busco quem o interpreta. “Vai investigar, diz o intérprete, como isso é dito, como se em latim”⁵¹⁴. (17) Que lugar há para orgulho para quem interpreta? Nem, com justiça, para o próprio Crisipo há se só interpretar o propósito da Natureza, mas não a seguir, quanto mais para quem o interpreta. (18) Não temos precisão de Crisipo por si mesmo senão para que sigamos a Natureza. Não temos necessidade do sacerdote oracular⁵¹⁵ por si mesmo senão para que, através da observação dele, percebamos as coisas que estão por vir e os signos divinos. (19) Nem temos precisão das vísceras por si mesmas senão para que por meio delas seja expresso o signo. Nem admiramos o corvo ou a gralha, mas Deus, que envia signos por meio deles⁵¹⁶. (20) Vou ao que interpreta esses signos e realiza o exame oracular e digo “Observa para mim as vísceras, o que elas significam para mim”. (21) Tendo-as tomado e lido⁵¹⁷, ele interpreta que:

Porém, a ocorrência do verbo *logo* abaixo relacionado ao termo *physis* indica que Epicteto, aqui, joga com os dois sentidos do verbo: “seguir algo” e “seguir com a razão” (“compreender”).

⁵¹¹ O verbo aqui é *hamartano* (“cometer faltas”).

⁵¹² *Katorthoun*: infinitivo aoristo de *katorthoo*, que significa literalmente “estar ereto”. Aqui, vemos Epicteto opondo esse verbo a *hamartano* (“cometer faltas”).

⁵¹³ É como traduzimos o verbo *epizeteo*.

⁵¹⁴ *Rhomaisti*: a frase indica que Epicteto tem como interlocutores (e alunos) jovens romanos.

⁵¹⁵ *Thytes*: aquele que perfaz o sacrifício.

⁵¹⁶ Cf. XENOFONTE, *Memoráveis*, 1.1.3.

⁵¹⁷ *Anaptyxas*: particípio aoristo de *anaptyssō*, literalmente “desenrolar um rolo de pergaminho”, donde “ler”.

“Homem, tens a capacidade de escolha por natureza desimpedida e não constrangida, é isso que está escrito aí nas vísceras. (22) Demonstrar-te-ei isso primeiro sobre o tópico do assentimento. Pode alguém te impedir de inclinar-te para a verdade? Ninguém pode. Pode alguém te constranger a aceitar o falso? Ninguém pode. (23) Vês que, nesse mesmo tópico, possuis a capacidade de escolha⁵¹⁸ desimpedida, não constrangida, desembaraçada? (24) Vejamos: é diferente em relação à capacidade do desejo e à capacidade do impulso? Então o que pode vencer um impulso senão outro impulso? O que pode vencer o desejo e a repulsa senão outro desejo e outra repulsa?”⁵¹⁹

(25) – Se – diz um dos presentes – alguém me infundir o medo da morte, ele me constrangerá.

– Constrangerá não o que infundiu o medo da morte, mas constrangerás a ti mesmo porque te parece melhor fazer alguma dessas coisas que morrer. (26) Assim, ao contrário, é a tua opinião que te constrange – isto é, a escolha constrange a escolha⁵²⁰. (27) Pois se Deus nos desse essa parte peculiar, tomando-a de si mesmo, tornando-a impedida e constrangida por ele ou por algum outro, não mais seria Deus, nem cuidaria de nós do modo devido.

(28) “Essas coisas descubro – diz o sacerdote oracular – nos animais sacrificados⁵²¹. Esses são os signos enviados a ti. Se quiseres, és livre. Se quiseres, não censurarás ninguém, não acusarás ninguém, todas as coisas estarão segundo o pensamento, tanto o teu quanto o de Deus”.

⁵¹⁸ *To proairetikon*.

⁵¹⁹ Portanto, os três tópicos – escolha (*prohairesis*), desejo ou repulsa (*orexis* ou *ekklisis*) e impulso (*horme*) — são cobertos, demonstrando-se que funcionam de modo desimpedido.

⁵²⁰ Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 4.1.68.

⁵²¹ *Ta hiera*.

(29) Por causa desse oráculo, vou ao sacerdote oracular e ao filósofo, não os admirando por causa da interpretação, mas admirando as próprias coisas que foram interpretadas.

DIATRIBE I.18 – NÃO DEVEMOS NOS IRRITAR COM OS QUE
COMETEM FALTAS

Se é verdadeiro o que é dito pelos filósofos, que para todos os humanos há um único princípio, de acordo com o qual assentir⁵²² é sentir⁵²³ que é o caso⁵²⁴, negar⁵²⁵ é sentir que não é o caso e –por Zeus— suspender o juízo⁵²⁶ é sentir que é não-evidente, (2) bem como desejar algo é sentir que me é vantajoso, sendo impossível julgar vantajosa uma coisa e desejar outra, e a uma julgar adequada, mas ser impulsionado⁵²⁷ para outra, (3) então porque ainda nos irritamos com os muitos?

– São ladrões – diz alguém – e salteadores⁵²⁸.

– O que é roubar e furtar? Eles erram⁵²⁹ sobre as coisas boas e as más. (4) Devemos nos irritar com eles ou ter pena⁵³⁰ deles? Mostra o erro e verás como se afastarão das faltas⁵³¹. Entretanto, se não possuem visão, nada mais têm senão o que lhes parece bom.

(5) “Devemos matar esse larápio e esse adúltero?”

(6) – De modo algum, indaga antes, porém: “Devemos matar

⁵²² *Synkatathestai*.

⁵²³ *Paschein*. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.28.2; 3.2.1; 3.3.2; 3.22.43; 1.4.11.

⁵²⁴ “Que é o caso” é nossa tradução para *hyparchei*.

⁵²⁵ *Ananeusai*.

⁵²⁶ *Epischein*.

⁵²⁷ *Horman* é presente infinitivo ativo de *hormao*. Epicteto abarca nesse parágrafo, portanto, o princípio para os três tópicos: o do assentimento, o do desejo e o do impulso.

⁵²⁸ O termo aqui é *lopodytes*, que, em sentido estrito, é o ladrão que rouba roupas em banhos públicos ou que assalta viajantes.

⁵²⁹ “Erram” aqui traduz *peplanentai*, 3ª do plural do perfeito do indicativo de *planao*, que significa literalmente “vagar”, donde “errar”.

⁵³⁰ “Ter pena” traduz *eleo*, que significa literalmente “sentir compaixão”, “sentir piedade”. É importante salientar que, para Epicteto, o sentimento de pena é contra a natureza, sendo, porém preferível ao ódio. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.18.10.

⁵³¹ *Hamartema* no genitivo plural.

esse ser humano que errou e se enganou sobre as melhores coisas e tornou-se cego, não quanto à visão que julga as coisas brancas e negras, mas quanto ao pensamento que julga as coisas boas e as más?” (7) Se assim falasses, saberias quão desumano é o que dizes e que é semelhante a isto: “Então não devemos matar esse cego e esse surdo?” (8) Pois se o maior mal é perda dos maiores bens, e o maior bem de cada ser humano é capacidade de escolha bem ordenada, e disso esse indivíduo está privado, por que ainda te irritas com ele? (9) Homem, se precisas te indispor contra a natureza pelos males de outrem, antes tem pena dele que ódio. (10) Abandona essa propensão para te ofenderes e odiar. (11) Que tu não digas estas palavras que muitos dos que amam censurar proferem: “Esses malditos e imundos tolos!”⁵³² Que o sejam. (12) Quando tu te tornaste subitamente sábio para (13) te irritares⁵³³ com os outros? (14) Então por que nos irritamos com os que nos roubam? Porque admiramos as coisas que nos são tomadas⁵³⁴.

⁵³² Essa é a famosa passagem, notada pela primeira vez por MOWAT, que prova a proeminência do códice *Bodleianus Graecorum Miscellaneorum 251* sobre os demais. O texto aqui está mutilado em pelo menos quatro partes. Recentemente SELLARS (2015) pôde verificar o manuscrito com o auxílio de meios digitais e avaliar as tentativas de reconstrução da passagem. Ao comparar o escaneamento digital e as tentativas de reconstrução de MOWAT (1887), SCHENKL (1916, p. 61), CAPP/OLDFATHER (apud OLDFATHER, 1925, p. 122, n. 4) e SOUILHÉ (1943, p. 69), SELLARS chegou à seguinte reconstrução: 11. *kai misetikon: mepeis tas phonas tautas* / 12. *has hoi polloï ton phil[opsogoun]ton* “*toutous oun tous ka-* / 13. *taratous kai miarous esto: sy pos pot'apeso-* / 14. *phothes aphano: ti tois allois chalepos ei; dia ti oun [...]* Quanto à linha 11, a lacuna permanece ilegível, e as conjecturas propostas, duvidosas. Colocamos aí “digas” e “proferem” para impor sentido à frase. Quanto à linha 13, SELLARS considerou possível supri-la com *morous*, conjectura de CAPP/OLDFATHER, que seguimos. O CAPP a quem OLDFATHER se refere é provavelmente EDWARD CAPP (1866-1950), primeiro editor norte-americano da coleção bilingue de clássicos greco-latinos Loeb.

⁵³³ *Chalepos ei. Chalepos* significa “difícil, difícil de tolerar”.

⁵³⁴ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 22; HORÁCIO, *Epistolas*, 1.6.1 (“Nil admirari”).

Não admires as tuas togas e não te irritarás com o ladrão. Não admires a beleza de tua mulher e não te irritarás com o adúltero. Sabe que o ladrão e o adúltero não têm lugar entre as tuas coisas, mas entre as de outrem e as que não dependem de ti. Se as puseses de lado e delas fizeres pouco caso, com quem ainda te irritarás? Na medida em que tu as admirares, irrita-te contigo mesmo e não com os outros. Examina, pois o seguinte: tens belas togas, o teu vizinho não as tem. Tens janelas e desejas arejá-las. Teu vizinho não sabe o que é o bem do ser humano, mas fantasia⁵³⁵ que é possuir belas togas, o que também tu fantasias. Então ele não virá e tomará as tuas togas? Tu, ao mostrar um bolo⁵³⁶ para humanos famintos e ao devorá-lo sozinho, não desejas que o arranquem de ti? Não os provoques, não tenhas togas arejadas à janela⁵³⁷.

(15) Também eu, que tenho uma lâmpada ao lado do larário⁵³⁸, recentemente, ao escutar um ruído na janela, descendo correndo – e descobri que a lâmpada fora levada. Concluí que quem a levou sentiu algo não pouco persuasivo⁵³⁹. E então? Amanhã, disse eu, encontrarás uma feita de barro. (16) Pois se perdem as coisas possuídas. “Perdi minha toga”. Pois tinhas uma toga. “Sinto dor de cabeça”. Não sentes dor nos chifres, não é?⁵⁴⁰ Então por que te irritas? Pois perdas e sofrimentos referem-se ao que possuímos.

⁵³⁵ O verbo aqui é *phantazomai*, que no estoicismo é termo técnico, significando “ter a *phantasia* (“representação”) de que”.

⁵³⁶ *Plakous*: espécie de bolo achatado em forma de semente de malva.

⁵³⁷ A crítica à ostentação aqui é a seguinte: ao admirar coisas externas e exibi-las, obtém-se não a admiração alheia, mas a inveja.

⁵³⁸ Local nos lares romanos dedicado às divindades protetoras do lar.

⁵³⁹ *Ouk apithanon*: literalmente “não não-persuasivo”.

⁵⁴⁰ Cf. SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, 45. Possível reminiscência do paradoxo dos chifres, atribuído a Eubúlides de Mileto (lógico da escola de Mégara), qual seja: – Concordas que possuis aquilo que não perdeste? – Sim. – Perdeste teus chifres? – Não. – Logo, ainda possuis teus chifres.

(17) “Mas o tirano acorrentará” – O que? “A perna”⁵⁴¹. “E cortar” – O que? “O pescoço”. O que ele não acorrentará nem cortar? A capacidade de escolha. Por isso os antigos ordenaram o “Conhece a ti mesmo”⁵⁴². (18) E então? Pelos Deuses! É preciso praticar a partir das menores coisas⁵⁴³ e, começando por elas, passar para as maiores. (19) “A cabeça me dói!” Não digas “Pobre de mim!” Também não digo que não é dado gemer, mas exteriormente não gemas⁵⁴⁴. E se o pequeno servo trouxer lentamente teu cinto, não grites, nem arregales os olhos, nem digas “Todos me odeiam!” Pois quem não odeia uma pessoa assim? (20) Daqui em diante, fiando-te em tais opiniões, caminha ereto, livre, sem fiar-te na grandeza física como o atleta: pois não é preciso ser invencível como um asno⁵⁴⁵.

(21) Então quem é invencível? Aquele que não é desconcertado⁵⁴⁶ por nenhuma das coisas que não são passíveis de escolha.

⁵⁴¹ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 9.

⁵⁴² Cf. XENOFONTE, *Memoráveis* 4.2.24.

⁵⁴³ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 12.2.

⁵⁴⁴ Cf. EPICTETO, *fragmento* 179 (AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 17.19): *Além disso, esse mesmo Epicteto, como ouvimos de Favorino, costumava dizer haver dois vícios entre todos de longe mais graves e perniciosos: a incapacidade de resistir e a incapacidade de abster-se, quando ou não resistimos aos sofrimentos que devem ser suportados, ou não nos abstermos de coisas e desejos em relação aos quais devemos nos conter. “Assim,” diz Epicteto, “se alguém tomar a peito estas duas palavras e as velar através do governo e da observação de si mesmo, na maior parte do tempo não cometerá faltas e viverá uma vida tranquilíssima”. Essas duas palavras Epicteto dizia serem Anéchou (Resiste) e Apéchou (Abstém-te).*

⁵⁴⁵ O texto aqui apresenta pequena lacuna, que, porém, não parece afetar o sentido da frase.

⁵⁴⁶ *Existesin*: 3ª do singular do presente do indicativo de *existemi*, que significa literalmente “deslocar, mudar, mudar completamente” e, em sentido metafórico, “confundir, surpreender”. DOBBIN verte o termo por “disconcert” (“desconcertar”). GEORGE LONG o verte por “disturb” (“perturbar”). OLDFATHER, por “dismay” (“desalentar”). SOUILHÉ, por “troublers” (“confundir”). Escolhemos “desconcertado” por implicar tanto o sentido de “ser confundido” quanto o de “ser surpreendido”.

Assim, de hoje em diante, como no caso do atleta, ao passar por cada dificuldade, observo: “Ele pressionou⁵⁴⁷ no primeiro assalto. Então o que fará no segundo?” “O que fazer se estiver quente?” “O que fazer em Olímpia⁵⁴⁸?” (22) E do mesmo modo no que se refere a nós: “Se lançares em sua direção uma diminuta quantia de prata, ele a desdenhará. E se uma mocinha? E se a escuridão? E se uma diminuta glória? E se uma ofensa? E se um elogio? E se a morte?” Ele pode vencer todas essas coisas⁵⁴⁹. (23) E se ele sentir calor, isto é, se estiver embriagado? E se estiver doente de melancolia? E se estiver dormindo? Para mim, esse é o atleta invencível.

⁵⁴⁷ O verbo aqui é *ekbiazo*, que significa literalmente “forçar, desalojar, expulsar”. DOBBIN traduz a frase assim: “he survived the first round” (“ele sobreviveu ao primeiro assalto”). GEORGE LONG, “he has come off victorious in the first contest” (“ele se saiu vitorioso no primeiro assalto”). OLDFATHER, “This fellow has won the first round” (“ele venceu o primeiro assalto”). Entretanto, parece-nos, *ekbiazo* não significa aí estritamente nem “sobreviver” nem “vencer”. Fazendo analogia com o boxe moderno, compreende-se a frase indicando que o adversário, no primeiro assalto, manteve a iniciativa, pressionando com seus golpes e impondo uma posição defensiva.

⁵⁴⁸ Durante os jogos.

⁵⁴⁹ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 5.

DIATRIBE I.19 – COMO SE COMPORTAR EM RELAÇÃO AOS TIRANOS?

(1) Quando alguma qualidade superior⁵⁵⁰ pertencer ou parecer pertencer a alguém, é absolutamente necessário, se não for instruído, que se inche de orgulho⁵⁵¹. (2) Por exemplo, um tirano diz:

– Entre todos, sou o mais poderoso!

– Então o que és capaz de me dar? És capaz de conservar meu desejo desimpedido? Como isso te seria possível? Tu possuis o desejo desobstruído? És capaz de conservar a minha repulsa irrepreensível? Tu mesmo a possuis assim? Meu impulso infalível? (3) E quando isso te coube em partilha? E então: a bordo de uma nau, depositas tua confiança em ti ou no piloto? E em uma carruagem: depositas tua confiança em alguém senão no condutor? (4) E nas demais artes? Do mesmo modo? Então do que és capaz?

– Todos os humanos cuidam de mim⁵⁵².

– Pois eu também cuido de meu pequeno tablete⁵⁵³ e o lavo e o limpo. E pus um prego⁵⁵⁴ na parede para meu lécito⁵⁵⁵. E então? Essas coisas são superiores a mim? Não. Todavia, elas

⁵⁵⁰ *Pleonektēma*: “vantagem, ganho”, donde também “excelência, superioridade, qualidade superior”.

⁵⁵¹ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 6.

⁵⁵² O verbo aqui é *therapeuo*, que traduzimos acima (EPICTETO, *Diatribes*, 1.17.4.1) por “tratar”. Epicteto joga aqui com os múltiplos sentidos do verbo, que pode significar “servir”, “adorar”, “cortejar”, “adular”, “atender” (esses os sentidos que Epicteto atribui à fala do tirano), bem como “cuidar”, “tratar” (sentidos que Epicteto terá em mente a seguir).

⁵⁵³ *Pinakion*: pequeno tablete usado pelos magistrados para escrever suas sentenças ou leis. Servia ainda para escrever memorandos ou simplesmente para desenhar.

⁵⁵⁴ *Passalos*.

⁵⁵⁵ *Lekythos*: vaso grego de uma só asa e com o pescoço fino para controlar a vazão de seu conteúdo, que consistia em óleos perfumados para uso corporal.

têm para mim alguma utilidade, razão pela qual cuido delas. E então? Não cuido do meu asno? (5) Não lhe lavo os cascos? Não o limpo? Não sabes que todo ser humano cuida de si, mas que cuida de ti como de seu asno? (6) Alguém cuida de ti como um ser humano? Mostra-me. Quem deseja tornar-se semelhante a ti? Quem deseja zelar por ti como por Sócrates?

– Sou, contudo, capaz de te decapitar!

– Falas bem. Esqueci por completo⁵⁵⁶ que devemos cuidar de ti como da febre e da cólera, e erigir-te um altar, como em Roma há o altar da Febre⁵⁵⁷.

(7) Porém, o que inquieta e aterroriza os muitos? O tirano e seus guardas armados? Como pode ser isso? De modo algum! Não é possível para quem é livre por natureza ser agitado ou impedido por algo, exceto por si mesmo (8). Mas as opiniões o agitam. Pois quando o tirano disser a alguém “Acorrentarei tua perna!”, aquele que reverencia a perna diz “Não, tem piedade!”. Entretanto, quem reverencia a própria capacidade de escolha⁵⁵⁸ diz: “Acorrenta-a se te parecer mais útil”.

– Não te importas?

– Não me importo.

– Mostrar-te-ei que sou o senhor.

(9) – Como tu podes fazer isso? Zeus me fez livre. Pensas que predestinou seu próprio filho a ser escravo? És senhor do meu cadáver, toma-o.

(10) – Então, quando te aproximas de mim, não cuidas de mim?

⁵⁵⁶ *Eklanthano*.

⁵⁵⁷ Cf. LACTÂNCIO, *De falsa religione*, c. 20.

⁵⁵⁸ *Prohairesis*. Aqui, porém, significando algo como “carácter”. Assim, DOBBIN nesta passagem verte o termo por “moral character” (“caráter moral”); SOUILHÉ, por “sa personne” (“sua pessoa”); GEORGE LONG, por “will” (“vontade”).

– Não, mas de mim mesmo. Porém, se desejares que eu fale que cuido também de ti, digo que o faço do mesmo modo que cuido de meu penico⁵⁵⁹.

(11) Isso não é egoísmo⁵⁶⁰, pois o animal é por natureza assim⁵⁶¹. Ele tudo faz para si mesmo. Pois também o Sol faz todas as coisas para si mesmo, como, de resto, também Zeus o faz. (12) Quando ele deseja ser “aquele que traz as chuvas” e “aquele que dá os frutos”, e ainda “pai dos seres humanos e dos Deuses”, vês que ele não pode realizar essas tarefas e receber esses epítetos senão beneficiando a todos? (13) Em geral, também Zeus forneceu ao animal racional uma natureza tal que este não pode obter nenhum dos bens que lhe são próprios se não oferecer algum benefício a todos. (14) Assim, não mais antissocial será aquele que faz tudo para si mesmo. (15) E o que esperas? Que um ser humano renuncie a si mesmo e ao que é vantajoso para si mesmo? E como poderia haver ainda um único princípio para

⁵⁵⁹ *Chytra*.

⁵⁶⁰ *Philautos*: literalmente “amor próprio”. Cf. ARISTÓTELES, *Ética Nicomaqueia*, 9,8.

⁵⁶¹ Epicteto refere-se aqui à doutrina estoica da *oikeiosis* (apropriação), cujo nome menciona explicitamente algumas linhas abaixo (*Diatribes*, 1.19.15). Segundo essa doutrina, a natureza humana apresenta os seguintes desdobramentos: (1) *proton oikeion* (o animal, ao ter a percepção de algo exterior, percebe também a si mesmo); (2) *oikeiosis eunoetike* (o animal sente afeição pela representação que tem de si mesmo e conhece suas forças e fraquezas); (3) *oikeiosis stertike* (o animal, quando social, estabelece laços a partir da consanguinidade); (4) *oikeiosis eklektike* (o animal busca as coisas que favorecem sua existência e evita as que efetuam o contrário); (5) *oikeiosis hairesike* (o desdobramento próprio da natureza humana, pelo qual o ser humano busca os bens morais). Para Epicteto, a busca pelos bens morais significa a harmonização dos demais impulsos originários da natureza humana com a dimensão comunitária do ser humano, pelo que o amor próprio coincide com o comunitário. Zeus é apresentado como instância disso a seguir, pois, ao ser, por exemplo, pai dos seres humanos, realiza algo grande simultaneamente para si mesmo e para a humanidade.

todas as coisas: a apropriação⁵⁶²?

(16) E então? Enquanto estranhas⁵⁶³ opiniões subsistirem sobre as coisas não passíveis de escolha⁵⁶⁴, como sendo boas e más, é absolutamente necessário servir aos tiranos. (17) E que seja somente ao tirano e não também aos seus valetes⁵⁶⁵! E como um ser humano se torna subitamente sábio quando César⁵⁶⁶ o faz encarregado de sua cozinha! Como dizemos, então: “Felício falou sabiamente comigo!” (18) Desejei que lhe fosse retirada a latrina⁵⁶⁷ para que ele novamente te parecesse tolo! (19) Epafrodito tinha um sapateiro que vendeu por ser um imprestável. Em seguida, este, por uma reviravolta do destino⁵⁶⁸, foi comprado por um dos cesarianos⁵⁶⁹, tornando-se sapateiro de César. Verias como Epafrodito o reverenciava naqueles tempos! (20) “Que fazes, bom Felício, meu amigo?” (21) E se algum de nós indagasse: “O que faz Epafrodito?”, dizia-se que deliberava com Felício sobre algum assunto. (22) Pois não o vendeu como um imprestável? Mas quem o tornou

⁵⁶² *Oikeiosis*.

⁵⁶³ O termo aqui é *allokotos*, que significa primariamente “de forma ou natureza não usual”.

⁵⁶⁴ *Aproaireta*.

⁵⁶⁵ O termo empregado aqui é *koitonitas*, acusativo plural de *koitonites*, “valete de quarto” (*cubiliaris* em latim), o responsável pela administração dos aposentos de alguém poderoso. Suas funções incluíam cuidar dos penicos de seus mestres. Cf. SÊNECA, *Da constância do sábio*, 14; HORÁCIO, *Sátiras*, 1.6.109.

⁵⁶⁶ O termo aqui se remete não a Júlio César, mas ao imperador da época a que Epicteto se refere, Nero.

⁵⁶⁷ *Kopron*. Epicteto refere-se a uma das funções do *cubiliaris*: a administração dos penicos. Felício, no caso, administrava os penicos imperiais.

⁵⁶⁸ *Kata tina daimona*. *Kata daimona* significa praticamente o mesmo que *tychei* (“por acaso”). Entretanto, não há acaso para os estoicos, pelo que traduzimos a expressão empregando o termo “destino”.

⁵⁶⁹ *Kaisarianoi*. Os membros da *entourage* de César (amigos, parentes, colaboradores diretos).

subitamente sábio? (23) Isso é reverenciar outra coisa que não as passíveis de escolha.

(24) “Ele foi julgado digno⁵⁷⁰ do cargo de tribuno da plebe⁵⁷¹”. Todos os que o encontram o felicitam. Um beija-lhe os olhos; outro, o pescoço; os escravos, as mãos. Vai para casa, encontra as lâmpadas sendo acesas. (25) Chega ao Capitólio e oferece um sacrifício. Mas quem alguma vez ofereceu um sacrifício por desejar belamente? Por desejar segundo a natureza? Pois damos graças aos Deuses pelas coisas nas quais colocamos nosso bem⁵⁷².

(26) Hoje alguém me falou a respeito do culto a Augusto⁵⁷³. Disse-lhe: “Homem, deixa isso de lado. É muito esforço por nada”.

– Porém, os que escrevem os contratos colocarão meu nome neles!

– Pensas que, quando lerem em voz alta tais contratos, estarás presente e dirás: “Escreveram o meu nome!” (28) E mesmo se agora puderes estar presente sempre, o que farás quando morreres?

– Meu nome permanecerá.

⁵⁷⁰ O verbo aqui é *axioo*, literalmente “ter o valor de”.

⁵⁷¹ *Demarchia*: tribunato, cargo do *demarchos*. Em Roma, o tribuno da plebe (*tribunus plebis*) era o representante político dos plebeus durante a República. Tinha entre suas atribuições convocar e presidir assembleias da plebe, convocar reuniões do Senado, propor leis e vetar ações consulares e senatoriais. Muitas dessas funções lhe foram retiradas no Império.

⁵⁷² Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 31.4 (“Pois aí onde está o interesse, aí também está a piedade”); *Mateus*, 6.21 (“Pois onde está teu tesouro, aí também está teu coração”).

⁵⁷³ Nicópolis, como observamos na introdução deste trabalho, fora fundada por Augusto em comemoração à sua vitória na Batalha de Áccio. Após sua morte, constituiu-se um culto ao então divinizado Augusto. Esse culto dispunha de um alto cargo sacerdotal, e o sacerdote tinha a honra de ter seu nome dado ao ano de seu mandato, aparecendo em todos os documentos oficiais. Cf. SUETÔNIO, *Augusto*, 18.

– Escreve-o, pois, em uma pedra, e ele permanecerá. Ora!
Quem fora de Nicópolis se lembrará de ti?

– Mas usarei uma coroa de ouro!

(29) – Se alguma vez desejares uma coroa, toma uma feita de flores e põe na cabeça: ficarás mais elegante!

DIATRIBE I.20 – SOBRE A RAZÃO – COMO ELA CONTEMPLA
A SI MESMA⁵⁷⁴

Toda arte e toda capacidade contempla certas coisas em primeiro lugar⁵⁷⁵. (2) Desse modo, quando ela é também semelhante às coisas contempladas, necessariamente contempla a si mesma. (3) Porém, quando é de gênero diverso, não pode contemplar a si mesma. (4) Por exemplo, a arte do sapateiro lida com couros, mas distancia-se por completo da matéria dos couros. Por isso, não contempla a si mesma. A gramática, por sua vez, trata das palavras escritas. Ela é também palavra escrita? De modo algum. Por isso não é capaz de contemplar a si mesma. (5) Então para que recebemos da Natureza a razão? Para usar corretamente as representações. E a razão ela mesma, o que é? Um sistema constituído de representações de certa qualidade. Assim, por natureza, contempla a si mesma. (6) A sabedoria⁵⁷⁶, por sua vez, nos foi dada para contemplar o que? As coisas boas, más e indiferentes. O que ela é? O bem. E a falta de sabedoria⁵⁷⁷? O mal. Vês que também necessariamente ela contempla tanto a si mesma quanto o seu contrário? (7) Por isso a principal e primeira tarefa do filósofo é avaliar⁵⁷⁸ e julgar as representações e não aceitar nenhuma que seja reprovada.

(8) Quanto à moeda corrente – que nos parece ser algo importante – vês que descobrimos uma técnica e quantos meios quem verifica a prata usa para avaliar a moeda corrente: a visão, o tato, o olfato e, por fim, a audição. (9) Lançando o denário, ele

⁵⁷⁴ Para a compreensão da diatribe como um todo, cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.1 e 17.

⁵⁷⁵ *Pasa techne kai dynamis proegoumenon tinon esti theoretike*. O termo *proegoumena* pode significar “premissas”, “dados iniciais”, “as coisas que precedem”. Decidimos o sentido pela frase que vem a seguir.

⁵⁷⁶ *Phronesis*.

⁵⁷⁷ *Aphrosyne*.

⁵⁷⁸ *Dokimazein*.

o testa pelo ruído, e não se contenta quando ouve o ruído uma única vez. Por muita atenção aplicada, músico se torna. (10) Assim, onde pensamos diferir o errar do não errar, aí também aplicamos muita atenção quanto a julgar as coisas capazes de nos fazer incorrer em erro. (11) Porém, no caso da pobre capacidade diretriz, aceitamos toda representação bocejando e cochilando: pois a perda aí não é manifesta⁵⁷⁹. (12) Então, quando desejares saber como és displicente em relação às coisas boas e más, e ansioso e apressado quanto às indiferentes, presta atenção em como te sentes em relação a tornar-te cego e como te sentes em relação a ser enganado – e saberás que longe estás de como deves te posicionar⁵⁸⁰ quanto às coisas boas e más.

(13) – Mas há precisão de muita preparação⁵⁸¹, muito esforço e muito aprendizado.

– E então? Esperas que a melhor arte seja adquirida com pouco esforço? (14) Em verdade, o discurso principal dos filósofos é muitíssimo curto. Se quiseres sabê-lo, lê os escritos de Zenão⁵⁸² e verás. (15) É, pois, longo dizer que “o fim é seguir os Deuses⁵⁸³? E que “a essência do bem é usar corretamente as representações”? (16) Mas se perguntares “O que é Deus? O que é a representação? O que é a natureza particular⁵⁸⁴? O que é a natureza do todo?”, longo se torna o discurso.

(17) Assim, se Epicuro vier a nós e disser que é preciso que o bem esteja na carne, grande se torna o discurso, e é necessário

⁵⁷⁹ O verbo aqui é *prospitno*, que significa literalmente “entrar”, “entrar em cena”.

⁵⁸⁰ O verbo aqui é *pascho*, que significa literalmente “sofrer”, “estar em estado passivo”. Outra opção para a tradução do verbo na passagem seria “sujeitar-se”.

⁵⁸¹ *Paraskeue*.

⁵⁸² De Cítio.

⁵⁸³ Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.12.5

⁵⁸⁴ *Ti esti physis he epi merous kai ti esti physis he ton holon?* Cf. MARCO AURÉLIO, 5.25; 6.5.

aprender o que é o princípio diretor⁵⁸⁵ em nós, o que é o que pertence à substância⁵⁸⁶ e o essencial⁵⁸⁷. Por que é verossímil que o bem do molusco não esteja na concha, mas que o bem do ser humano esteja? (18) E tu mesmo, Epicuro, qual é a tua parte mais importante? O que em ti é o que deseja, o que investiga cada coisa? O que, sobre a própria carne, decide⁵⁸⁸ que ela é a parte principal? (19) Por que acendes a lâmpada? Por que penas por nós e escreves tantos livros? Para que nós não ignoremos a verdade? Quais de nós? O que somos em relação a ti? Portanto, longo torna-se o discurso.

⁵⁸⁵ *To proegoumenon*. Cf. ZENÃO DE CÍTIO, 1.48.

⁵⁸⁶ *Hypostatikon*.

⁵⁸⁷ *Ousiodes*.

⁵⁸⁸ O verbo aqui é *epikrino*.

DIATRIBE I.21 – A RESPEITO DOS QUE DESEJAM SER ADMIRADOS

(1) Quando alguém está na posição que deve ter na vida, não fica embasbacado⁵⁸⁹ com as coisas exteriores. (2) Homem, o que desejas que te ocorra? “Eu me contento se eu desejar e repudiar segundo a natureza; se me servir do impulso e da repulsa segundo a natureza; e o mesmo quanto à intenção⁵⁹⁰, ao propósito, ao assentimento”. Então por que andas de lá para cá diante de nós como se tivesses engolido uma espada⁵⁹¹?

(3) – Desejo que os que me encontrem me admirem e, seguindo-me, exclamem: “O grande filósofo!”

(4) Quem são estes que queres que te admirem? Não são aqueles sobre os quais costumavas dizer que estão loucos? Queres ser admirado pelos loucos?

⁵⁸⁹ O verbo aqui é *chasko*, que significa literalmente “abrir a boca”.

⁵⁹⁰ *Prosthesis*: “intenção”, “aplicação”.

⁵⁹¹ O termo é *obeliskos*, literalmente “espeto”. Epicteto quer com isso indicar que o indivíduo anda altivo. Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 46.1; 49.

DIATRIBE I.22 – SOBRE AS PRÉ-NOÇÕES⁵⁹²

As pré-noções são comuns a todos os humanos. E uma pré-noção não entra em conflito com outra pré-noção. Pois quem entre nós não afirma que o bem é vantajoso, <...>⁵⁹³ preferível⁵⁹⁴ e que devemos em todas as circunstâncias procurá-lo e buscá-lo? Quem entre nós não afirma que o justo é bom e adequado? Então quando ocorre o conflito? (2) Quando se faz o ajuste⁵⁹⁵ das pré-noções às realidades particulares. (3) Se alguém disser “Agiu belamente, é um ser humano corajoso”, e outro replicar que “Estava, porém, fora de si!”, neste momento ocorre o conflito dos humanos uns com os outros. (4) Este é o conflito entre os judeus, os sírios, os egípcios e os romanos – não quanto a se devemos reverenciar o que é sancionado pelos Deuses⁵⁹⁶ acima de todas as coisas e buscá-lo em todas as circunstâncias, mas se é sancionado ou não pelos Deuses comer carne de porco⁵⁹⁷. (5) Encontrareis esse mesmo conflito entre Agamenon e Aquiles⁵⁹⁸. Chama-os para estarem entre nós.

– Que dizes tu, Agamenon? Não é bom fazer o que se deve e agir belamente?

– Certamente!

(6) – O que dizes, Aquiles? Não te agrada agir belamente?

– A mim, sobretudo, entre todas as coisas, agrada.

Ajustai, pois, as pré-noções. (7) Aí começa o conflito. Um

⁵⁹² *Prolepseon*: genitivo plural de *prolepsis*. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.2.6 e nota.

⁵⁹³ Lacuna do códice.

⁵⁹⁴ *Haireton*: adjetivo verbal de *haireo* (escolher).

⁵⁹⁵ *Epharmoge*.

⁵⁹⁶ “Sancionado pelos Deuses” é nossa tradução para *hosios*.

⁵⁹⁷ Epicteto mencionara esse conflito de opiniões sobre o que é pio em *Diatribes*, 1.11.12 ss. Quanto à verdadeira piedade, cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.13.

⁵⁹⁸ Cf. HORÁCIO, *Epístolas*, 1.2.

diz “Não deves restituir Criseida⁵⁹⁹ ao seu pai”, enquanto o outro diz “É claro que devo”. É evidente que um deles aplica erradamente a pré-noção do que é devido. (8) Em seguida, o primeiro diz: “Se devo restituir Criseida, então devo tomar o prêmio de algum de vós”. E o segundo diz: “Então deves tomar a minha amada?” “Sim, a tua amada”, diz o primeiro. “E só eu perderei o meu prêmio?” Assim começa o conflito.

(9) O que é instruir-se? Aprender a ajustar as pré-noções naturais às realidades particulares de modo adequado à natureza e, além disso, julgar, entre as coisas, quais são encargo nosso e quais não são. (10) Sob nosso encargo estão a capacidade de escolha e todas as ações que envolvem a capacidade de escolha. Não sob nosso encargo estão o corpo, as partes do corpo, as posses, os pais, os irmãos, os filhos, a pátria – em suma: as coisas que nos acompanham⁶⁰⁰. (11) Mas onde colocamos o bem? A que essência o aplicamos? A que é encargo nosso?

(12) – Então não é um bem a saúde, a boa proporção do corpo, a vida? Nem os pais, nem os filhos, nem a pátria?

– E quem irá te suportar se sustentares tal opinião?

(13) – Transfiramos, agora, a denominação “bem” para essas coisas aí. É possível ser feliz ao ser lesado e perdê-las?

– Não é possível.

– E pode ele comportar-se bem na comunidade <...>⁶⁰¹? Como isto seria possível? Pois eu me inclino por natureza para

⁵⁹⁹ Filha de Criseis e sacerdotisa de Apolo. O nome em grego (*Criseis*) significa literalmente “filha de Apolo”, tendo recebido mais tarde o nome de Astinome. Segundo a *Iliada* (1.392), Agamenon a teria capturado e escravizado. Agamenon, porém, se viu obrigado a devolvê-la em razão de uma praga de Apolo que recaiu sobre o exército grego. Agamenon, após isso, tomou Briseida, lote de Aquiles, que se ofendeu muitíssimo com o fato.

⁶⁰⁰ *Koinonoi*: literalmente “os companheiros”.

⁶⁰¹ Lacuna do texto. Seguimos aqui a conjectura de GEORGE LONG.

o que me é vantajoso. (14) Se me é vantajoso possuir terra arável, me é vantajoso tomá-la do vizinho. Se me é vantajoso possuir uma toga, me é vantajoso roubá-la da sala de banho. Aí nascem as guerras, as querelas, os tiranos, os complôs. (15) Como ainda poderei fazer o que é adequado a Zeus? Pois se sou lesado e desafortunado, Zeus não se importa comigo. Em seguida: “Quem é ele para mim se deseja que eu esteja nas condições em que me encontro?”⁶⁰² Logo começo a odiá-lo. (16) Então por que fazemos templos? Por que fazemos estátuas em honra aos Deuses⁶⁰³, como fossem para gênios malignos, como fossem para o deus da febre? E como ainda Zeus será o libertador, o que envia as chuvas, o que dá os frutos? Se pusermos a essência do bem nessas coisas, certamente tudo isso ocorrerá.

(17) Assim, o que faremos? Essa é a busca de quem filosofa pelo que é real e está partejando a verdade⁶⁰⁴. Agora, eu não vejo o que é o bem e o mal. Estou louco? (18) Porém, se ponho o bem aí onde estão as coisas que são passíveis de escolha, todos rirão de mim! Algum ancião grisalho, usando muitos anéis de ouro, chegará. Então, balançando a cabeça, dirá: “Escuta, filho, devemos filosofar, mas devemos também ter miolos⁶⁰⁵! Essas coisas são tolices! (19) Tu aprendes silogismos com os filósofos, mas sabes melhor do que eles o que se deve fazer”. (20) “Homem, por que me repreendes se sei?” (21) O que digo para esse prisioneiro? Se eu silencio, ele explode. O que dizer

⁶⁰² Seguimos o texto quase ao pé da letra.

⁶⁰³ *Agalmata*: acusativo plural de *agalma*.

⁶⁰⁴ Seguimos as conjecturas de DOBBIN e SOUILHÉ. GEORGE LONG traduz (e OLDFATHER o segue) a frase por “This is the inquiry of the true philosopher who is in labour” (“Essa é a investigação do verdadeiro filósofo que parteja”), observando que a passagem remete a *Teeteto* 150-1.

⁶⁰⁵ *Dei kai enkephalou echein*.

senão “Perdoa-me como perdoas àqueles que amas. Estou fora de mim⁶⁰⁶! Estou louco!”

⁶⁰⁶ *Ouk eimi emautou*: literalmente “Não sou de mim mesmo”. Em grego, há uma expressão semelhante com sentido inverso: *En emautou einai* (“Sou senhor de mim mesmo”).

DIATRIBE I.23 – A EPICURO

Mesmo Epicuro observa⁶⁰⁷ que somos seres comunitários por natureza. Mas, uma vez tendo posto nosso bem na nossa casca⁶⁰⁸, não lhe é mais possível dizer outra coisa. (2) Depois disso, ordena enfaticamente que não devemos admirar nem aceitar coisa alguma que seja separada da essência do bem. E belamente ordena isso.

(3) Então, Epicuro⁶⁰⁹, como somos gregários⁶¹⁰ se para nós não é natural a afeição⁶¹¹ pelos filhos? Por que aconselhas o sábio a não criar filhos? Por que temes que ele recaia em sofrimentos por causa disso? (4) Pois não recais em sofrimentos criando em tua casa o Camundongo⁶¹²?

Por que Epicuro se preocupa se o pequenino Camundongo chora por ele em sua casa? (5) Ele sabe que, uma vez nascida a criança, não mais depende de nós não sentir afeição por ela nem não se preocupar⁶¹³ com ela. (6) Por isso, Epicuro diz que quem é inteligente não se envolve na política, pois ele sabe o que o político deve fazer.

Depois disso, se estás destinado a comportar-te entre os humanos como se estivesses entre moscas, o que te impedirá de agir assim?⁶¹⁴

⁶⁰⁷ O verbo aqui é *epinoeo*.

⁶⁰⁸ *Kelyphos*: literalmente “bainha”, significando também “concha”.

⁶⁰⁹ Colocamos “Epicuro” aí para indicar a apóstrofe de Epicteto.

⁶¹⁰ Seguimos aqui a conjectura de SCHWEIGHÄUSER, que sugere *pronetikoi* (“que são providenciais ou gregários”) e não *hyponoetikoi* (“suspeitos”), como o querem DOBBIN, SOUILHÉ e OLDFATHER, mas que, como observa GEORGE LONG, não faz sentido.

⁶¹¹ *Philostourgia*.

⁶¹² Segundo DIÓGENES LAÉRCIO (10.10), Epicuro tinha um servo chamado *Mys* (“Camundongo”), que acabou por estudar com ele filosofia, sendo contemplado, em seu testamento, com a emancipação.

⁶¹³ O verbo aqui é *phrontizo*, que significa primariamente “considerar”, bem como “cuidar” e “preocupar-se”.

⁶¹⁴ Nova apóstrofe, talvez dirigida a algum presente ou ao imaginário Epicuro. O sentido parece ser: se você não age tendo em vista a dimensão

(7) Porém, embora sabedor dessas coisas, Epicuro ousa dizer “Não criemos filhos!” Nem o carneiro nem o lobo abandonam suas crias! E o ser humano deverá abandonar seus filhos? (8) Que queres? Que sejamos estúpidos como os carneiros e brutais como os lobos? Ora, nem mesmo eles abandonam suas crias!

(9) Quem, ao ver seu filho caído no chão e chorando, crê em ti, Epicuro? Eu penso que, mesmo que tua mãe e teu pai tivessem profetizado que (10) estavas destinado a dizer essas coisas, não teriam te exposto.

social de suas ações, você se torna semelhante às moscas ou a outros animais que não vivem em sociedade.

DIATRIBE I.24 – COMO ENFRENTAR AS DIFICULDADES⁶¹⁵

(1) As dificuldades mostram quem são os seres humanos. De hoje em diante, quando uma dificuldade ocorrer, lembra que Deus, como um treinador, te põs para lutar contra um difícil e jovem adversário⁶¹⁶.

(2) – Para que? – diz alguém.

– Para que tu te tornes vencedor dos Jogos Olímpicos⁶¹⁷, o que não ocorre sem suor. Para mim, ninguém parece ter melhor dificuldade que tu, se, como um atleta, quiseses fazer uso de um jovem lutador. (3) Enviamos agora um batedor⁶¹⁸ a Roma. Mas ninguém envia um batedor covarde, para que, tão somente escute um ruído e veja uma sombra em algum lugar, venha correndo, agitado, dizendo que os inimigos chegaram. (4) Do mesmo modo, agora, se tu também fores e nos disseres que “Terríveis estão as coisas em Roma, terrível é a morte, terrível é o exílio, terrível é a ofensa, terrível é a pobreza, (5) fugi, humanos, os inimigos chegaram!”, dir-te-emos “Vai embora, tu profetizaste a ti mesmo. Nós cometemos só esta falta: ter enviado um batedor de tal qualidade”.

(6) Diógenes, batedor que foi despachado antes de ti, deu-nos outras respostas. Ele disse que a morte não é um mal, pois não é infame⁶¹⁹. Disse que a expressão “má reputação” é um ruído produzido por seres humanos loucos. (7) E esse batedor anunciou tais coisas sobre a dor, sobre o prazer, sobre a pobreza: que estar nu é melhor do que vestir qualquer toga laticlávica⁶²⁰,

⁶¹⁵ *Peristaseis*: acusativo plural de *peristasis*.

⁶¹⁶ *Trachei*: dativo masculino de *trachys*

⁶¹⁷ Quanto à referência aos Jogos Olímpicos e à luta, cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 19a; 29.2; 51.2.

⁶¹⁸ *Kataskopos*.

⁶¹⁹ Cf. DIÓGENES LAÉRCIO, 6.43.

⁶²⁰ *Periporphyros*: a *toga praetexta* ou *laticlavica*, usada pelos homens da classe senatorial.

que não há leito mais macio que dormir sobre a terra nua⁶²¹. (8) E demonstrou cada uma dessas coisas: a coragem⁶²², a ausência de agitação na mente⁶²³, a liberdade⁶²⁴ e, em seguida, seu diminuto corpo, resplandecente e urdido. (9) Disse ele: “Nenhum inimigo está próximo: tudo está pleno de paz⁶²⁵”. Como, Diógenes? “Vê, disse ele, algo me atingiu? Algo me feriu? Fugi de algo?” (10) Desse modo deve ser um batedor. Porém, tu, vindo a nós, diz-nos isso e aquilo. Não irás de novo e olharás com mais cuidado e sem covardia?

(11) – Então o que farei?

– O que fazes quando desembarcas de um navio? Não levas contigo o timão nem os remos, não é? Mas levas as tuas coisas, o lécito, o alforje⁶²⁶. Assim, agora, se tiveres em mente as tuas próprias coisas, nunca reclames a posse das alheias. (12) Alguém te diz:

– Tira a toga pretexta⁶²⁷.

– Toma-a!

– Tira também esta: a toga augusticlávia⁶²⁸!

– Cá estou apenas com a toga⁶²⁹.

– Tira a toga!

⁶²¹ Cf. ESTOBEU, 4.29.19.

⁶²² *Tarsos*.

⁶²³ *Ataraxia*.

⁶²⁴ *Eleutheria*.

⁶²⁵ *Panta eirenes gemei*.

⁶²⁶ *Pera*: bolsa de couro usada para levar provisões.

⁶²⁷ *Platysemos*: como se chamava, em grego, a *tunica laticlavia* ou *pratecta*, que era usada sem cinto para melhor exposição do já referido *latus clavus*.

⁶²⁸ Seguimos aqui a sugestão de SOUILHÉ. A *toga augusticlavia* era usada pelos homens da classe equestre. A retirada das sucessivas togas significa a supressão de todas as honras públicas relacionadas às classes sociais e não, é claro, que alguém as esteja usando simultaneamente.

⁶²⁹ *Imation*: esse é o termo grego para a toga romana, peça de vestuário de origem etrusca que era usada exclusivamente pelos cidadãos romanos.

– Cá estou nu.

– Contudo, ainda me provocas inveja.

– Toma, pois, meu diminuto corpo por inteiro.

Ainda temo esse indivíduo a quem posso lançar meu corpo?

(14) – Porém, ele não me fará seu herdeiro.

– E então? Olvidei que nenhuma dessas coisas é minha?

Como, pois, as chamo “minhas”? Como a cama na estalagem⁶³⁰.

Desse modo, se o estalajadeiro, ao morrer, deixar para ti a cama, ótimo; mas se deixar para outro, tu buscarás uma nova. (15) E se não encontrares, dormirás no chão, confiante, roncando e lembrando que as tragédias têm lugar entre os ricos, entre os reis, entre os tiranos. Nenhum pobre participa de uma tragédia, a não ser como corista⁶³¹. (16) E os reis começam pela prosperidade:

*Ponde guirlandas de flores na casa!*⁶³²

Então, no terceiro ou quarto ato:

*Ai de mim, Citéron*⁶³³, *por que me recebeste?*⁶³⁴

(17) Prisioneiro, onde estão as guirlandas de flores? Onde o diadema? Teus guarda-costas⁶³⁵ em nada são úteis? Assim, quando te aproximares de algum desses personagens, lembra-te disto: que te aproximas de uma figura trágica, não de um ator, mas do próprio Édipo.

– Porém, fulano é feliz⁶³⁶, pois anda de lá para cá com os muitos. Também eu acompanho os muitos e com eles ando de lá para cá.

⁶³⁰ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 11.

⁶³¹ *Choreutes*: participante do coro, que, na tragédia clássica, como personagem coletiva, canta partes do drama.

⁶³² Verso de tragédia desconhecida.

⁶³³ Citéron: montanha consagrada a Dioniso, onde Édipo, quando bebê, foi exposto.

⁶³⁴ Verso de *Édipo Rei*, 1390 (SÓFOCLES).

⁶³⁵ *Doryphoroi*: nominativo plural de *doryphoros*.

⁶³⁶ *Makarios*.

Eis o principal: lembra-te que a porta está aberta⁶³⁷. Não te tornes mais covarde que as crianças, que, quando algo não lhes agrada, dizem “Não brinco mais”, dizendo tu também, quando apresentar-se uma coisa tal, “Não mais brincarei”, saindo em seguida. Mas se ficares, não te lamentes⁶³⁸.

⁶³⁷ Ou seja: “Podes morrer quando quiseres”.

⁶³⁸ O verbo aqui é *threnéo*, que significa literalmente “cantar uma canção triste”.

DIATRIBE I.25 – SOBRE O MESMO

(1) Se essas coisas são verdadeiras, e se não somos lerdos⁶³⁹ e não estamos fingindo⁶⁴⁰ que o bem e o mal do ser humano estão na sua capacidade de escolha, e que as demais coisas nada são em relação a nós, por que nos agitamos, por que sentimos medo?

(2) Ocupamo-nos com essas coisas a respeito das quais ninguém tem poder. Não nos importamos com aquelas sobre as quais os outros têm poder. Então qual é o nosso problema?

(3) – Dá-me ordens⁶⁴¹!

– Que ordens eu te darei? Zeus já não te deu as ordens? Não te deu as tuas coisas desimpedidas e desembaraçadas? E as que não são tuas não são impedidas e entravadas? Aqui chegaste com certas ordens. (4) De que decreto⁶⁴² precisas ainda? “Vela pelas tuas coisas por todos os meios”, “Não almejes as de outrem”, “É tarefa tua ser leal⁶⁴³”, “É tarefa tua ser digno⁶⁴⁴”. Quem pode tirar essas coisas de ti? Quem te impedirá de usá-las senão tu mesmo? E como tu impedirás a ti mesmo? Quando te ocupares das coisas que não são tuas, perderás as tuas. (5) Possuindo tais conselhos e ordens da parte de Zeus, quais tu queres ainda da minha parte? Sou melhor que ele? Mais digno de confiança⁶⁴⁵? Se velares por essas ordens, de quais outras precisarás ainda? Mas ele não te ordenou essas coisas? (6) Toma as pré-noções, toma as demonstrações dos filósofos, toma o que ouviste muitas vezes, toma o que disseste para ti mesmo, toma o que leste, toma o que praticaste.

⁶³⁹ O verbo aqui é *blakeuo*.

⁶⁴⁰ O verbo aqui é *hypokrinomai*, que significa primariamente “separar gradualmente, submeter a inquérito, cumprir um papel”, donde “fingir”.

⁶⁴¹ O verbo aqui é *entello*.

⁶⁴² *Diatagma*.

⁶⁴³ *Pistos*.

⁶⁴⁴ *Aidemon*.

⁶⁴⁵ *Axiopistoteros*.

(7) Então por quanto tempo tens velado belamente por essas coisas sem abandonar o jogo? (8) Pelo tempo em que te conduziste bem. Na Saturnália, os reis são escolhidos por sorteio, pois assim decidiu-se jogar o jogo. O rei ordena⁶⁴⁶: “Bebe; mistura o vinho; canta; vai lá; vem cá!” Eu obedeço⁶⁴⁷ para que o jogo não termine por minha causa⁶⁴⁸.

(9) – Porém, tu, aceita a opinião⁶⁴⁹ de que estás mal.

– Não a aceitarei. E quem me pode constranger a ser de tal opinião?

(10) De novo, decidimos encenar as histórias de Agamenon e Aquiles. O que se dispõe como Agamenon me diz:

– Vai, Aquiles, e leva Briseida⁶⁵⁰ à força.

(11) – Vou.

– Volta.

– Volto.

Pois devemos nos comportar na vida do mesmo modo que nos comportamos em relação aos argumentos hipotéticos.

– Aceita por hipótese que é noite.

– Que seja.

– E então? É dia?

– Não. Pois aceitei a hipótese de que é noite.

(12) – Aceita por hipótese que supões que é noite

– Que seja.

– Aceita a opinião⁶⁵¹ de que é noite.

⁶⁴⁶ O verbo aqui é *prostasso*.

⁶⁴⁷ O verbo aqui é *hypalouo*.

⁶⁴⁸ Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.25 (final); 2.16.37; HORÁCIO, *Epístolas*, 1.14.36.

⁶⁴⁹ O verbo aqui é *hypolambano*.

⁶⁵⁰ Troiana que foi sequestrada por Aquiles durante a guerra de Troia e que foi tomada de Aquiles por Agamenon.

⁶⁵¹ *Hypolabe*: imperativo de *hypolambano*, que aqui significa precisamente “ser de opinião que”.

(13) – Isso não segue da hipótese.

Do mesmo modo também aqui:

– Toma por hipótese que és desafortunado.

– Certo.

– Portanto, és desafortunado.

– Sim.

– E então? És infeliz?

– Sim.

– Mas aceita também a opinião de que estás em maus lençóis.

– Isso não segue da hipótese. E um outro⁶⁵² me impede de crer em tal opinião.

(14) Entretanto, por quanto tempo devemos dar ouvidos⁶⁵³ a tais hipóteses? Por quanto me for útil. Isto é: por quanto tempo eu conserve o que me é conveniente⁶⁵⁴ e apropriado⁶⁵⁵. (15) Além disso, há os que são muito amargos e de estômago muito sensível que dizem “Eu não posso jantar na casa deste homem, pois não o suporto descrevendo todo dia, em detalhes, como lutou em Mísia: ‘Descrever-te-ei, irmão, em detalhe, como cheguei a uma colina e como, (16) em seguida, sofri um cerco’”. Mas outro diz: “Eu quero antes jantar e ouvir quantas coisas ele deseje tagarelar”. (17) Compara⁶⁵⁶ tu também essas avaliações⁶⁵⁷. Só não ajas de modo pesado, nem oprimido, nem como se estivesses em maus lençóis⁶⁵⁸. Pois ninguém te constrange a fazer isso. (18)

⁶⁵² GEORGE LONG, SOUILHÉ e DOBBIN dizem estar aí subentendido Zeus. Mas pode ser também o *hegemonikon*, a faculdade diretriz.

⁶⁵³ *Hypakousteon*: adjetivo verbal de *hypakouo* (“dar ouvidos”).

⁶⁵⁴ *Prepon*.

⁶⁵⁵ *Katallelon*.

⁶⁵⁶ O verbo aqui é *synkrino*, que significa primariamente “combinar, juntar, agregar”, donde “comparar”.

⁶⁵⁷ *Axias* é acusativo plural de *axia*, que normalmente traduzimos por “valor”, mas que, aqui, significa algo como “apreciação do valor”, donde “avaliação”.

⁶⁵⁸ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 25.

Há fumaça na casa? Se a quantidade é moderada, permaneço; se é excessiva, saio. Devemos, pois, lembrar-nos sempre disto: a porta está aberta.

(19) – Não mores em Nicópolis.

– Não moro.

– Nem em Atenas.

– Nem em Atenas.

– Nem em Roma.

– Nem em Roma.

– Mora em Giaros⁶⁵⁹.

(20) – Moro.

Porém, para mim, morar em Giaros se me afigura “muita fumaça”. Retiro-me para onde ninguém me impedirá de viver. Pois essa casa está aberta para todos. (21) E a última sobrecasaca⁶⁶⁰, quer dizer, meu diminuto corpo, dela para cima ninguém tem poder sobre mim. (22) Por isso Demétrio disse a Nero: “Tu me ameaças com a morte; mas a Natureza te ameaça também”. (23) Contudo, se eu admirar meu diminuto corpo, entrego-me como escravo. Se eu admirar minhas diminutas posses, entrego-me como escravo. (24) Pois imediatamente evidencio⁶⁶¹ que sou passível de captura⁶⁶² por alguém. Quando a serpente contrai a cabeça, digo “Atinge o que ela protege!”. Do mesmo modo, sabe tu também que o teu senhor marchará sobre o que quiseses

⁶⁵⁹ Giaros (atual Yioura) é uma ilha desolada do arquipélago grego das Cíclades. Miserável desde a Antiguidade, habitada por uns poucos pescadores, tornou-se posteriormente destino de vários banidos pelos imperadores romanos. Musônio Rufo, professor de Epicteto, foi banido para Giaros, por Nero, em 65, retornando a Roma em 68, após a ascensão de Galba. Segundo Filóstrato, em sua *Vida de Apolônio de Tiana* (7.16), os gregos iam frequentemente à ilha para ouvir as preleções de Musônio, que também teria descoberto lá uma fonte de água potável.

⁶⁶⁰ *Chitonarion*.

⁶⁶¹ O verbo aqui é *deloo*.

⁶⁶² *Alotos*.

proteger. (25) Lembrando-te dessas coisas, quem ainda adularás ou temerás?

(26) – Mas quero sentar onde sentam os senadores!

– Vês que tu mesmo te pões em aperto⁶⁶³, que tu afliges a ti mesmo.

(27) – Porém, como, de outro modo, contemplarei belamente o espetáculo no anfiteatro?

– Homem, não contemples o espetáculo e não te oprimas. Qual é o problema? Ou espera um pouco e, quando terminar o espetáculo⁶⁶⁴, senta no lugar dos senadores e toma um banho de sol⁶⁶⁵. (28) Em geral, pois, lembra-te disto: nós mesmos nos afligimos, nós mesmos nos colocamos em aperto – isto é: as nossas opiniões nos afligem e nos põe em aperto. (29) O que é ser ofendido? Põe-te diante de uma pedra e ofende-a. O que obténs? Se alguém escutar como uma pedra, que vantagem há para quem ofende? Mas se possuir uma fraqueza, aquele que ofende, ao ofender, terá um meio de acesso⁶⁶⁶ e, então, conseguirá algo.

(30) – Arranca e rasga a toga dele!

– Por que dizes “dele”? Toma a toga, rasga-a!

– Fiz-te um ultraje⁶⁶⁷!

(31) – Que isso te seja um bem!

Sócrates praticava essas coisas, por isso mantinha sempre o mesmo semblante. Porém, nós queremos antes tudo exercitar⁶⁶⁸ e praticar que nos tornarmos de tal modo desembaraçados e livres.

⁶⁶³ O termo aqui é *stenochoria*, que significa literalmente “espaço apertado” e metaforicamente “dificuldade” – daí “aperto”.

⁶⁶⁴ *Theoria*.

⁶⁶⁵ O verbo aqui é *heliazo* (“tomar banho de sol”). Epicteto pode estar fazendo um jogo de palavras com *heliazomai*, que significa “sentar-se na corte de Helieia” (a suprema corte da Atenas antiga).

⁶⁶⁶ A palavra aqui é *epibatra*, que significa literalmente “escada”.

⁶⁶⁷ *Hybris*.

⁶⁶⁸ O verbo aqui é *askeo*, que, como vemos por essa passagem, tem, para Epicteto, o mesmo sentido de *meletao* (“praticar”).

(32) – Os filósofos dizem paradoxos.

Mas nas outras artes não há paradoxos? E o que é mais paradoxal que efetuar uma punção no olho de alguém para que este veja⁶⁶⁹? Se isso fosse dito a alguém sem experiência em medicina, este não riria de quem fala? (33) Assim, não se admira que também na filosofia muitas verdades se afigurem paradoxais aos inexperientes.

⁶⁶⁹ Como observa GEORGE LONG, trata-se de referência à cirurgia de catarata.

DIATRIBE I.26 – QUAL É A LEI DA VIDA?

(1) Certa vez, quando alguém lia argumentos hipotéticos, Epicteto disse: A lei dos argumentos hipotéticos é aceitar o que segue da hipótese. Porém, muito antes dessa lei, há a lei da vida: fazer o que segue da natureza. (2) Pois se, sobre toda questão ou dificuldade, quisermos velar pelo que é segundo a natureza, é evidente que, em tudo o que é relativo a formar conjecturas⁶⁷⁰, não devemos recusar o que segue delas, nem aceitar o que está em conflito com elas. (3) Então primeiro os filósofos exercitam-nos sobre as teorias⁶⁷¹, o que é fácil. Em seguida, nos conduzem às coisas mais difíceis. Pois, no primeiro caso, nenhuma resistência há em relação a seguir os ensinamentos; mas, sobre as coisas relativas à vida, muito é o que nos desvia. (4) Assim, é ridículo aquele que diz desejar primeiro aprender as coisas relativas à vida, pois não é fácil começar pelo que é mais difícil.

(5) Devemos apresentar esta defesa aos pais que se irritam porque seus filhos são instruídos em filosofia:

“Muito bem, pai, eu cometo faltas e não sei o que é apropriado⁶⁷² e condizente para mim. Se nada há que se deva aprender, nem que se deva ensinar, por que me acusas? Se for preciso ensinar, ensina-me. Mas se não souberes, deixa-me aprender dos que dizem saber. (6) Pois o que te parece? Que me aproximo do mal e me afasto do bem por querer? De modo algum! Então por qual razão eu cometo faltas? A ignorância⁶⁷³. (7) Não queres que eu me livre da ignorância? A ira alguma vez ensinou a arte de

⁶⁷⁰ *Stochasteon*: esse termo, em Epicteto, ocorre unicamente aqui. Raro na literatura, só aparece, antes de Epicteto, em ARISTÓTELES (*Política*, 1266b, 28; *Tópicos*, 159b, 36; *Fragmenta varia*, 9.56, n, 27).

⁶⁷¹ A palavra aqui é *theoria*.

⁶⁷² *Epiballon*: o verbo *epiballo* significa literalmente “lançar sobre”, donde “contribuir”.

⁶⁷³ Mais uma vez, o princípio da impossibilidade da *akrasia*.

navegar, a arte relativa à música? Pensas que aprenderei a arte de viver por meio da tua ira?”

(8) Só é possível dizer essas coisas àquele que possui tal propósito⁶⁷⁴. (9) Porém, se alguém que só quer mostrar em banquetes que sabe os argumentos hipotéticos lê essas coisas e vai aos filósofos, por qual outra razão ele o faz senão para que o senador sentado ao seu lado o admire? (10) Pois lá⁶⁷⁵ onde está o senador estão as grandes riquezas, e as riquezas daqui⁶⁷⁶ parecem brinquedos⁶⁷⁷. Por isso, lá, onde as distrações são grandes, é difícil governar as representações. (11) Vi um homem agarrado aos joelhos de Epafrodito, dizendo estar na miséria, pois nada lhe restava senão um milhão e meio⁶⁷⁸. (12) O que fez Epafrodito? Riu como vós? Não. Mas, sendo-lhe respeitoso, disse: “Ó, infeliz, como guardaste silêncio? Como mantiveste a paciência?”

(13) Quando Epicteto desconcertou⁶⁷⁹ um aluno que lia os argumentos hipotéticos, e aquele que havia indicado a leitura riu, Epicteto disse: Ris de ti mesmo. Não exercitaste o jovem de antemão, nem verificaste se ele podia compreender os argumentos hipotéticos, e tu fazes uso dele como leitor. (14) E então,

⁶⁷⁴ Isto é: o propósito de aprender filosofia.

⁶⁷⁵ Em Roma.

⁶⁷⁶ Nicópolis.

⁶⁷⁷ Em comparação àquelas

⁶⁷⁸ Provavelmente de sestércios, o que é uma grande quantia.

⁶⁷⁹ O verbo aqui é *tarasso*, que normalmente traduzimos por “agitar”. DOBBIN o traduz, nesta passagem, por “interrupted” (“interrompeu”). SOUILHÉ, por “embarassé” (“embaraçou”). GEORGE LONG e OL-DFALTER, por “reproved” (“reprovou”), pondo “called” (“chamou”) entre parênteses. Optamos por “desconcertou”, em razão do sentido de “confundir”, secundário ao verbo.

disse, não podendo seguir⁶⁸⁰ com o pensamento uma decisão⁶⁸¹ sobre uma proposição conjuntiva, confiaremos em seu elogio, em sua censura a uma decisão sobre as coisas boas e más que ocorrem? E se ele falar mal de alguém, este se importará? E se – ao não descobrir nessas pequenas coisas a consequência⁶⁸² – elogiar alguém, este se sentirá exaltado?

(15) Assim, este é o princípio do filosofar⁶⁸³: a percepção⁶⁸⁴ de como está a parte diretriz. Pois, depois de saber que a parte diretriz está enfraquecida, não mais desejará servir-se dela em relação às grandes coisas⁶⁸⁵. (16) Nessas condições, alguns, não podendo comer um naco sequer, compram um tratado e

⁶⁸⁰ O verbo aqui é *parakoloutheo*. Optamos traduzi-lo aqui por “seguir”, ao invés de nosso habitual “compreender”, porque Epicteto reforça seu sentido com o termo *dianoiai* (“com o pensamento”).

⁶⁸¹ O termo aqui é *epikrasis*, que ocorre em Epicteto apenas aqui e na próxima frase. Como conceito lógico, parece significar algo como “decisão”, “avaliação”, “juízo”. Tomaremos a primeira opção, pois traduzimos, ao longo do texto, o verbo *epikrino* como “decidir”. Alguns tradutores compreendem que essa “decisão” nesta passagem se faz sobre um silogismo: como DOBBIN (“conjunctive argument” - “argumento conjuntivo”) e SOUILHÉ (“syllogisme complexe” - “silogismo complexo”). Mas esse não é o caso, pois Epicteto refere-se a *symplegmenon*, que é o termo técnico para “proposição conjuntiva” na lógica estoica.

⁶⁸² *Exes*.

⁶⁸³ Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 2.11.

⁶⁸⁴ O termo aqui é *aisthesis*, que decidimos traduzir literalmente, seguindo GEORGE LONG (“a man’s perception of the state of his ruling faculty” - “a percepção de um homem do estado de sua faculdade diretriz”). Entretanto, outros tradutores que consultamos decidiram de outro modo. DOBBIN verteu a frase por “recognizing the condition of one’s ruling principle” (“reconhecendo a condição do princípio diretor de alguém”). SOUILHÉ, por “se rendre compte de l’état où se trouve notre partie maîtresse” (“se dar conta do estado no qual se encontra nossa parte mestra”).

⁶⁸⁵ Então, pelo que Epicteto diz acima sobre a prioridade dos estudos lógicos (*Diatribes*1.17) e pelo que diz agora, podemos concluir que, para nosso filósofo, os estudos lógicos fortalecem a capacidade diretriz, habilitando-a para as grandes coisas – isto é: para as coisas relativas à vida.

lançam-se a devorá-lo⁶⁸⁶. Por isso, vomitam-no ou têm indigestão⁶⁸⁷; em seguida, vêm as cólicas, os catarros⁶⁸⁸ e as febres. (17) Devem sopesar antes se são capazes⁶⁸⁹. Na teoria, é fácil refutar⁶⁹⁰ quem não sabe; mas, em coisas relativas à vida, ninguém submete a si mesmo à refutação⁶⁹¹, e odiamos quem nos refuta. Sócrates, porém, dizia que uma vida sem exame não é vida⁶⁹².

⁶⁸⁶ Cf. SÊNECA, *Da tranquilidade da alma*, 9.

⁶⁸⁷ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 46.2.

⁶⁸⁸ Traduzimos literalmente o termo *katarroiai*, nominativo plural de *katarros*.

⁶⁸⁹ De filosofar. Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 29.4 ss.

⁶⁹⁰ O verbo aqui é *exelencho*.

⁶⁹¹ *Elenchos*.

⁶⁹² *Anexetastos bion me zen*. Paráfrase de PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 38A (*Ho de anexetastos bios ou biotos anthropoi*). Cf. MARCO AURÉLIO, 3.5.

DIATRIBE I.27 – DE QUANTOS TIPOS SÃO AS REPRESENTAÇÕES, E QUAIS AUXÍLIOS DEVEMOS TER À MÃO EM RELAÇÃO A ELAS

(1) As representações nos advêm de quatro modos: pois ou é algo e assim se afigura, ou não é nem se afigura como o que é, ou é e não se afigura, ou não é e se afigura⁶⁹³. (2) De resto, é ação do ser humano instruído acertar o alvo⁶⁹⁴ em todas essas coisas. Qualquer aflição⁶⁹⁵ que haja, devemos aplicar sobre ela o remédio⁶⁹⁶. Se os sofismas dos pirrônicos e dos acadêmicos nos afligem, sobre eles apliquemos o remédio. (3) Se o carácter persuasivo⁶⁹⁷ das coisas, segundo o qual estas se nos afiguram boas não o sendo, aí busquemos o remédio. Se o hábito⁶⁹⁸ nos aflige, devemos tentar achar um remédio para ele. (4) Então qual medicamento⁶⁹⁹ há para descobrir quanto ao hábito? O hábito contrário. (5) Ouves quando os seres humanos comuns⁷⁰⁰ dizem “Infeliz, morreu! O pai e a mãe estão em profundo pesar⁷⁰¹, tombou, na flor da idade⁷⁰²,

⁶⁹³ “O que se afigura” é nossa tradução para *to phainomenon*. Assim, Epicteto distingue, na representação, aquilo que ela representa (“é de” ou “não é de”) e nosso parecer sobre o que ela representa. No primeiro e no segundo casos, temos representações compreensivas, nas quais nosso juízo (o que se afigura) está de acordo com o que é e o que não é; no terceiro e quarto casos, temos representações não compreensivas, nas quais nosso juízo (o que se afigura) não está de acordo com o que é e o que não é.

⁶⁹⁴ O verbo aqui é *eustocheo*.

⁶⁹⁵ *Thlibon*.

⁶⁹⁶ *Boetheia*.

⁶⁹⁷ *Pithanotetes*: nominativo plural de *pithanotes*.

⁶⁹⁸ *Ethos*.

⁶⁹⁹ *Boetema*.

⁷⁰⁰ *Idioton*: genitivo plural de *idiotes*, termo que designa, em Epicteto, ora o ser humano comum, ora o ser humano sem instrução filosófica.

⁷⁰¹ Seguimos aqui GEORGE LONG, que observa que *apoletō* (3^a do singular do indicativo aoristo médio de *appolyimi*) significa aqui não “morreu”, mas “está em profundo pesar”. Cf. EURÍPEDES, *Alcestes*, 825.

⁷⁰² *Aoros*: literalmente “imaturado”.

e no estrangeiro!” (6) Ouve as palavras contrárias e te afasta daquelas vozes, opõe ao hábito o hábito contrário. Contra os argumentos sofisticos, opõe a lógica, o exercício nessas questões e a prática. Contra o carácter persuasivo das coisas, devemos ter pré-noções claras⁷⁰³, polidas⁷⁰⁴ e à mão.

(7) Quando a morte se afigurar como um mal, devemos ter à mão que convém evitar as coisas más e que a morte é necessária.

(8) Pois o que farei? Aonde ir para fugir dela? Que eu seja Sarpédon⁷⁰⁵, filho de Zeus, para que fale nobremente assim:

“Se eu for, ou quero ser o melhor, ou quero conceder a outro a ocasião⁷⁰⁶ para ser o melhor. Se não puder eu mesmo ser bem-sucedido, não invejo quem fizer algo nobre”⁷⁰⁷.

Ainda que agir assim esteja acima de nós, não nos seria acessível crer no seguinte? (9) “Aonde ir para fugir da morte? Indicai-me o país, indicai-me os povos para os quais eu vá de onde ela não se aproxime, indicai-me a fórmula mágica⁷⁰⁸. Senão, o que quereis que eu faça? Não posso escapar da morte. (10) Mas não posso escapar de temê-la e morrerei lamentando e tremendo?”

Pois essa é a origem do sofrimento⁷⁰⁹: querer algo e não o obter⁷¹⁰. (11) Donde, se puder modificar as coisas externas segundo o meu querer⁷¹¹, modifico-as; caso contrário, desejo cegar quem

⁷⁰³ *Enarges*.

⁷⁰⁴ O termo aqui é *esmegmenas*, participio de *smecho* (“limpar”), donde “lustradas”, “polidas”.

⁷⁰⁵ Filho de Zeus com Europa.

⁷⁰⁶ “Ocasião” aqui traduz *aphorme*.

⁷⁰⁷ Cf. HOMERO, *Iliada*, 12.5.328.

⁷⁰⁸ *Epaiode*: jônico e poético de *epoide*.

⁷⁰⁹ *Pathos*.

⁷¹⁰ *Thelein ti kai me ginesthai*.

⁷¹¹ “Meu querer” traduz *boulesis*, termo derivado verbo *bouleo* (querer) que só ocorre em Epicteto duas vezes: aqui e em EPICTETO, *Diatribes*, 2.14.7.3.

me impede. (12) Pois por natureza o ser humano não suporta ser separado do bem, não suporta deparar-se com o mal⁷¹². (13) Assim, por fim, quando nem modificar as coisas, nem cegar quem me impede eu puder, então sento, gemo, ofendo quem o pode – Zeus e os demais Deuses. Pois se não se importam comigo, o que eles são para mim⁷¹³?

(14) – Sim, mas serás ímpio!

– O que para mim será pior do que é agora? Em suma, lembra-te disto: se a piedade e o vantajoso não estiverem juntos, não se pode conservar a própria piedade. Não te parecem essas coisas importantes?

(15) Que venham e nos encontrem o pirrônico e o acadêmico. Eu, com efeito, por minha parte, não tenho tempo livre para essas coisas, nem posso defender o senso comum⁷¹⁴. (16) Se também eu tivesse uma demanda sobre um diminuto terreno⁷¹⁵, requereria outro para ser meu advogado. Então com o que me satisfaço nesse tópico? (17) Como ocorre a percepção, se primeiro através do todo ou da parte, sobre isso talvez eu não saiba argumentar, ambas as possibilidades me inquietam. Entretanto, que eu e tu não sejamos a mesma pessoa, eu sei muitíssimo bem. (18) Como isso? Quando quero engolir um pedaço de pão⁷¹⁶, jamais o ponho aí⁷¹⁷, mas aqui⁷¹⁸. Quando quero pegar um pão⁷¹⁹, jamais pego a vassoura⁷²⁰, mas sempre vou em direção ao pão como que para um alvo. (19) Vós mesmos, que suprimis as

⁷¹² Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 33.1.

⁷¹³ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 33.4.

⁷¹⁴ *Synetheia*.

⁷¹⁵ *Agridion*: diminutivo de *agros* (“terreno”).

⁷¹⁶ *Psomos*: literalmente “naco” de algum alimento. Pusemos “de pão” para harmonizar com a frase seguinte.

⁷¹⁷ Indicando a boca do interlocutor.

⁷¹⁸ Indicando a própria boca.

⁷¹⁹ *Artos*.

⁷²⁰ *Saron*.

percepções, fazeis algo diferente⁷²¹? Qual de vós vai ao moinho quando quer ir ao banho público?

(20) – E então? Não devemos nos agarrar a essas coisas na medida de nossa capacidade: velar pelo senso comum⁷²², fortificar-nos contra o que é contra ele?⁷²³

(21) – E quem diz o contrário? Porém, ocupa-se disso quem tem capacidade e tempo livre. Aquele que treme, que se agita e que tem o coração em pedaços⁷²⁴ precisa de tempo⁷²⁵ para outra coisa.

⁷²¹ Epicteto dirige-se aqui aos cétricos pirrônicos, que pretendem suspender o juízo sobre todas as coisas.

⁷²² *Synetheia*.

⁷²³ Aqui Epicteto dá vida a uma possível declaração de um cétrico.

⁷²⁴ O verbo aqui é *rhēgnumi*.

⁷²⁵ O verbo aqui é *proseukaíreo*.

**DIATRIBE 1.28 – POR QUE NÃO DEVEMOS NOS IRRITAR
COM OS SERES HUMANOS E QUAIS SÃO AS COISAS PEQUENAS E
GRANDES ENTRE ELES**

(1) Qual é a razão para assentir a algo?⁷²⁶ Parecer que é o caso⁷²⁷. (2) Com efeito, não é possível assentir ao que parece que não é o caso. Por quê? Porque é a própria natureza do pensamento assentir⁷²⁸ às coisas verdadeiras, estar descontente com as falsas, suspender o juízo em relação às não-evidentes⁷²⁹. (3) Qual é a prova disso? Percebe⁷³⁰, se puderes, que agora é noite. Não podes. Não percebas que agora é dia. Não podes. Percebe ou não percebas que as estrelas são em número par. Não podes. (4) Assim, quando alguém assente ao falso, sabe que ele não desejou assentir ao falso. Pois toda alma é involuntariamente privada da verdade, como diz Platão⁷³¹, (5) mas pareceu àquele o falso ser verdadeiro. Ora, sobre as ações, o que temos aí que seja tal como o verdadeiro e o falso? O adequado e o que é contrário ao adequado, o que é vantajoso e o que é desvantajoso, o que me cabe e o que não me cabe, e quantas outras expressões semelhantes.

– Não pode alguém pensar que algo lhe é vantajoso e não o escolher?

– Não pode.

⁷²⁶ Quanto a esse parágrafo, consultar EPICTETO, *Diatribes*, 1.18.1 ss.

⁷²⁷ A frase é: *to phainesthai hoti hyparchei*. Temos traduzido *phainomai* por “afigurar-se” e *dokeo* por “parecer”, sendo ambos os verbos sinônimos em Epicteto. Nesta passagem, porém, por eufonia, invertemos a nossa opção habitual.

⁷²⁸ *Epineuo*.

⁷²⁹ *Pros de ta adela epechein*. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.7.6.

⁷³⁰ Aqui, como em EPICTETO, *Diatribes*, 1.18.1, o verbo é *paschein*.

⁷³¹ Cf. PLATÃO, *Protágoras*, 345 e ss.; 352 c; 358 c-d; *Górgias*, 468 c; 509 e ss.; *Timeu*, 86 d – 87 b; *Sofista*, 228 c-e; *Leis*, 731 c.

(7) – Como Medeia⁷³² diz o seguinte?

*Entendo que estou para praticar tais atos criminosos,
Porém, meu coração⁷³³ é mais forte que meu propósito⁷³⁴.*

– Por isso mesmo, para agradecer⁷³⁵ seu coração, pensou ser mais vantajoso punir o marido que manter os filhos vivos.

(8) – Sim, mas ela se enganou.

– Mostra a ela, de modo claro, que ela se enganou, e ela não fará isso. Enquanto não o fizeres, o que ela tem para seguir senão o que se afigura? Nada. (9) Então por que te irritas com ela? Porque a infeliz se enganou sobre as melhores coisas e se fez víbora ao invés de ser humano? Por que antes não tens pena dela? Do mesmo modo que temos pena dos cegos e dos mancos, por que também não temos pena dos que estão cegos e mancos em relação às coisas mais importantes⁷³⁶?

(10) Assim, quem quer que se lembre disto claramente, que, para o ser humano, a medida de toda ação é o que se afigura⁷³⁷ (de resto, ou bem se lhe afigura ou mal; se bem, é irreprochável⁷³⁸; se mal, é penalizado; pois não pode ser um o que se engana e

⁷³² Os versos são da tragédia *Medeia*, de Eurípides (versos 1078 e 1079). Como observa GEORGE LONG, no verso 1079, ao invés do *dran mello*, que aparece em Epicteto (bem como em outros autores antigos), temos, no texto atualmente estabelecido, *tolmeso* (UPTON).

⁷³³ *Thymos*: literalmente “sede da raiva, das paixões”.

⁷³⁴ *Boulema*. Nossa opção de tradução decorre de nossa tradução do termo em Epicteto, que ocorre em *Diatribes*, 17.14; 15; 17 e que traduzimos por “propósito”.

⁷³⁵ O verbo aqui é *charizo*.

⁷³⁶ Cf. EPICETETO, *Diatribes*, 1.18.10.

⁷³⁷ *Hoti anthropoi metron pases praxeos to phainomenon*. Comparar com a tese do relativismo de Protágoras, mencionada por PLATÃO, no *Teeteto* (160 d): “O ser humano é a medida de todas as coisas” (*panton chrematon anthropon metron einai*).

⁷³⁸ *Anenkletos*.

outro o que sofre o dano), não ficará irado, não se irritará com ninguém, não ofenderá, não censurará, não odiará ninguém, não criará atrito com ninguém.

(11) – E também essas momentosas e terríveis ações têm o mesmo princípio, o que se afigura?

– Esse e nenhum outro. (12) A *Iliada* nada é senão a representação e o uso das representações. Pareceu bom⁷³⁹ a Alexandre abduzir a mulher de Menelau. Pareceu bom a Helena seguir Alexandre. (13) Desse modo, se parecesse a Menelau um ganho ser privado de tal mulher, o que aconteceria? Perder-se-ia não só a *Iliada*, mas também a *Odisseia*!

(14) – Então essas momentosas coisas dependem das pequenas?

– E dizes ainda que elas são momentosas? As guerras, as disputas políticas, a perda de muitos seres humanos, a demolição de cidades? O que há de grande nisso? Nada. (15) E o que há de grande na morte de muitos bois e muitos carneiros, e no incêndio e na destruição de muitos ninhos de andorinhas ou de cegonhas?

– Mas estas coisas são semelhantes àquelas?

– Muito semelhantes. São aniquilados os corpos dos humanos, assim como os dos bois e dos carneiros. São incendiados os diminutos lares⁷⁴⁰ dos seres humanos, bem como os ninhos das cegonhas. (17) O que há aí de grande ou terrível? Ou mostra-me em que difere a casa⁷⁴¹ do ser humano e o ninho da cegonha enquanto habitação⁷⁴².

⁷³⁹ *Ephane*: 3ª do singular do aoristo de *phainomai* (“afigurar-se”), que, como observamos acima, é sinônimo de *dokeo* (“parecer”) em Epicteto. Aqui, tanto por eufonia quanto por clareza, traduzimos *ephane* por “pareceu bom que”.

⁷⁴⁰ *Oikemation*: diminutivo de *oikema* (“lar”, “casa”).

⁷⁴¹ *Oikia*.

⁷⁴² *Oikesis*.

(18) – Então a cegonha é semelhante ao ser humano?

– Que dizes? Muito semelhante quanto ao corpo, exceto que o ser humano constrói suas diminutas casas⁷⁴³ com vigas, telhas e tijolos, enquanto a cegonha constrói seus ninhos com galhos e argila.

(19) – Porém, em nada difere o ser humano da cegonha?

– Claro que sim! Mas nessas coisas não difere.

– No que, pois, difere?

(20) – Busca e descobrirás que difere em outra coisa. Não vês que o ser humano difere da cegonha por compreender o que faz, por ser sociável⁷⁴⁴, por ser leal⁷⁴⁵, por ser digno⁷⁴⁶, por ser inteligente⁷⁴⁷? (21) Então onde está o grande mal e o grande bem nos seres humanos? Onde a diferença está. Se o ser humano conservar e fortalecer de modo perseverante seu carácter digno, leal e seu pensamento, não deixando que se corrompam, também conservará a si mesmo. Entretanto, se alguma dessas qualidades for aniquilada e sitiada⁷⁴⁸, também o ser humano será aniquilado.

(22) E as grandes coisas estão nisso. Alexandre, como dizem, deu um passo em falso⁷⁴⁹ quando os gregos atacaram e pilharam Troia e seus irmãos pereceram? (23) De modo algum. Pois ninguém dá um passo em falso por ação de outrem: essa é a destruição dos ninhos das cegonhas. Mas o passo em falso⁷⁵⁰ ocorreu quando aniquilou seu carácter digno, leal,

⁷⁴³ *Oikidia*: acusativo plural de *oikidion*, diminutivo de *oikia* (“casa”).

⁷⁴⁴ *Koinonikos*.

⁷⁴⁵ *Pistos*.

⁷⁴⁶ *Aidemon*.

⁷⁴⁷ *Synetos*.

⁷⁴⁸ O verbo aqui é *ekpoliorkeo*, que significa literalmente “forçar uma cidade à rendição através de um cerco”.

⁷⁴⁹ O verbo aqui é *ptaio*, que significa literalmente “tropeçar”, donde também “dar um passo em falso”, “cometer um erro”.

⁷⁵⁰ *Ptaisma*.

hospitaleiro⁷⁵¹, harmônico⁷⁵². (24) Quando Aquiles deu um passo em falso? Quando Pátroclo morreu? Absolutamente não! Mas quando ficou irado, quando chorou por uma mocinha⁷⁵³, quando se esqueceu de que lá estava não para adquirir amantes, mas para guerrear. (25) Estes são os passos humanos em falso, isto é estar sitiado⁷⁵⁴, esta é a destruição: quando as opiniões retas são demolidas, quando são destruídas.

(26) – Então, quando as mulheres são levadas, as crianças aprisionadas e os homens chacinados – essas coisas não são más?
 – Como acrescentaste essa opinião? Ensina-me.

(27) – Não. Como tu dizes, porém, que essas coisas não são más?

(28) – Vamos às regras. Mostra as pré-noções.

Pois por isso não admiro em demasia as coisas que ocorrem⁷⁵⁵. Onde queremos julgar pesos, não julgamos ao acaso. Onde queremos julgar as coisas retas e as tortas, não julgamos ao acaso. (29) Em suma: onde faz diferença para nós saber o verdadeiro em um caso particular, nenhum de nós age ao acaso. (30) Contudo, quando a principal e única razão é agir corretamente ou cometer faltas, ter uma vida com curso sereno ou caudaloso⁷⁵⁶, ser desafortunado ou bem-afortunado, aí somente agimos ao acaso e escorregamos. De modo algum uso algo semelhante a uma balança, a uma regra – mas algo me parece bom, e imediatamente sigo o que me parece bom.

⁷⁵¹ *Philoxenos*.

⁷⁵² *Kosmos*.

⁷⁵³ *Korasidion*.

⁷⁵⁴ *Poliorkia*.

⁷⁵⁵ A frase é de difícil tradução. A tradução literal é: “Pois (*gar*) por isto (*dia touto*) não há suficiente (*ouk esti ikanos*) admirar (*thaumasai*) o que ocorre (*to ginomenon*)”.

⁷⁵⁶ Temos aqui os verbos *euroeo* (“bem fluir”) e *dysroeo* (“mal fluir”) se opondo. Epicteto utiliza o termo *euroia* para designar uma mente “que flui bem”, isto é, que é serena (cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 8).

(31) Sou, pois, melhor que Agamenon e Aquiles porque eles, por seguirem as coisas que se afiguram⁷⁵⁷, fazem e sofrem tais coisas más? Também não me basta o que se afigura?⁷⁵⁸ (32) E que outro princípio há para a tragédia? Qual é o princípio do *Atreu* de Eurípides? O que se afigura. Do Édipo de Sófocles? O que se afigura. Da *Fênix*? O que se afigura. De *Hipólito*⁷⁵⁹? O que se afigura. (33) Então para vós o que parece ser feito de quem nenhum cuidado tem em relação a isso? Do que são chamados todos os que seguem o que se afigura?

– De loucos.

– E nós fazemos outra coisa?

⁷⁵⁷ *Tois phainomenois*: dativo plural de *phainomenon*.

⁷⁵⁸ Aqui SCHWEIGHÄUSER, seguido por SOUILHÉ, sugere retirar o “não” (*me*) na segunda frase. Entretanto, DOBBIN e GEORGE LONG o mantêm. Mas parece-nos que OLDFATHER acertou ao traduzir assim a passagem: “What, am I any better than Agamemnon or Achilles—are they because of following the impressions of their senses to do and suffer such evils, while I am to be satisfied with the impression of my senses ?” (“Que? Sou em algo melhor que Agamenon e Aquiles que, porque seguem as impressões de seus sentidos, fazem e sofrem tais males, enquanto eu me satisfaço com a impressão de meus sentidos?”). Pois é pouco provável que Epicteto, por sua profissão de ignorância, se declarasse melhor que alguém (cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.9.15), além do que, na passagem em questão, ele deve estar fazendo com que o aluno reflita não ser melhor que os personagens trágicos, por também seguir, como guia para as suas ações, o que se afigura como sendo o caso. Tal interpretação é confirmada pelo que Epicteto diz ao final da diatribe.

⁷⁵⁹ Tragédia de Eurípides.

DIATRIBE I.29 – SOBRE A SERENIDADE⁷⁶⁰

A essência do bem é uma capacidade de escolha de certa qualidade⁷⁶¹. A essência do mal é uma capacidade de escolha de certa qualidade. (2) Então o que são as coisas externas? Materiais⁷⁶² para a capacidade de escolha que, segundo seu comportamento quanto a elas, construirá⁷⁶³ seu próprio bem ou mal. (3) Como construirá seu bem? Se não admirar os materiais⁷⁶⁴. Pois as opiniões sobre os materiais, se forem corretas, tornam boa a capacidade de escolha; mas se forem tortas e distorcidas, tornam-na má. (4) Deus estabeleceu essa lei e disse: “Se quiseres um bem, toma-o de ti mesmo”⁷⁶⁵. Tu dizes: “Não, o tomarei de outro”. Não, toma-o de ti mesmo! (5) De hoje em diante, quando o tirano me ameaçar e me acusar, eu direi: “A quem ele ameaça?” Se ele disser “Acorrentar-te-ei”, eu direi “Ele ameaça as pernas e os pés”. Se ele disser “Decapitar-te-ei”, eu direi “Ele ameaça o pescoço”. (6) Se ele disser “Lançar-te-ei na prisão”, eu direi “Ele ameaça meu diminuto corpo⁷⁶⁶ por inteiro”. E se me ameaçar com o exílio, a mesma coisa.

⁷⁶⁰ *Eustatheia*.

⁷⁶¹ Aqui, alguns tradutores parafraseiam. DOBBIN traduz a frase assim: “The essence of the good is a certain kind of moral character” (“A essência do bem é um certo tipo de caráter moral”). SOUILHÉ vai mais longe e traduz assim: “L’essence du bien est un état déterminé de la personne” (“A essência do bem é um determinado estado da pessoa”). Já GEORGE LONG (seguido *ipsis literis* por OLDFATHER) verte a frase assim: “The being (nature) of the Good is a certain Will; the being of the Bad is a certain kind of Will” (“O ser (natureza) do Bem é uma certa Vontade; o ser do Mal é um certo tipo de Vontade”).

⁷⁶² O termo aqui é *hylai*, plural de *hyle*, que significa literalmente “floresta”, donde “madeira cortada” e, no plural, como aqui, “recursos materiais”.

⁷⁶³ O verbo aqui é *teucho*, que significa literalmente “fazer”, “produzir com arte” (a partir de coisas materiais), donde nosso “construir”.

⁷⁶⁴ Cf. HORÁCIO, *Epístolas*, 1.6; MARCO AURÉLIO, 1.15; 12.1; SÊNECA, *Da vida feliz*, 3.

⁷⁶⁵ *Ei ti agathon theleis, para seautou labe*.

⁷⁶⁶ *Sarkidion*: diminutivo de *sarx* (“carne”).

(7) – Mas nada te ameaça?

– Se eu sentir⁷⁶⁷ que nada é em relação a mim, não. (8) Porém, se eu temer algumas dessas coisas, ele me ameaçará. O que, de resto, receio? Aquele que é o mestre delas. E das que estão sob meu encargo? Nenhum senhor há. E das que não estão sob nosso encargo? Em que estas me importam?

(9) – Então vós, os filósofos, ensinais a desprezar os reis?

– De modo algum! Quem entre nós ensina a reivindicar as coisas sobre as quais eles têm poder? (10) Toma o diminuto corpo. Toma as posses. Toma a reputação. Toma as coisas que estão ao meu redor. Se eu persuado alguém a reivindicar algumas delas, me acusa disso.

(11) – Sim, contudo também quero comandar as opiniões.

– E quem te deu esse poder? Como se pode vencer a opinião de outrem?

(12) – Venço, diz o tirano, infundindo-lhe medo.

– Ignoras que ele vence a si mesmo, não é vencido por outro. Nada pode vencer a capacidade de escolha, exceto ela mesma. (13) Por isso, a lei de Deus também é a melhor e a mais justa: “O mais forte sempre prevalece sobre o mais fraco”.

(14) – Dez são mais fortes do que um.

– Em relação a que? Em relação a acorrentá-lo, em relação a matá-lo, em relação a levá-lo para longe quando desejam, em relação a tirar-lhe as posses. Portanto, nisso dez vencem um, nisso são mais fortes.

(15) – Mas em que são mais fracos?

– Se aquele único possuir opiniões corretas e eles não. E então? Nisso podem vencer? Como? Se os pusermos sobre uma balança, não deve a balança pender para o lado mais pesado?

⁷⁶⁷ O verbo aqui é *pascho*.

(16) – Então foi preciso que Sócrates sofresse aquelas coisas dos atenienses?

– Prisioneiro! Por que dizes “Sócrates”? Diz o fato como é! Que o diminuto corpo de Sócrates sofreu e foi arrastado pelos mais fortes para a prisão⁷⁶⁸, e que alguém deu a cicuta ao diminuto corpo de Sócrates, e que esse corpo feneceu. (17) Essas coisas te parecem admiráveis, te parecem injustas? Por elas acusarás a Deus? (18) E Sócrates nada tinha para opor a elas? Onde estava a essência do bem dele? A quem vamos dar ouvidos: a ele ou a ti? E o que diz ele? “Ânito e Meleto podem me matar, mas não podem me causar dano”⁷⁶⁹. E novamente: “Se assim é desejado pelos Deuses, que assim seja”⁷⁷⁰. (19) Demonstra, pois, que quem possui opiniões piores governa quem é melhor em opiniões. Não demonstrarás. Nem chegarás perto. Pois esta é a lei da Natureza e de Deus: que o mais forte sempre prevaleça sobre o mais fraco. Em que? No que é mais forte. (20) Um corpo é mais forte que outro. Muitos são mais fortes que um. Um ladrão é mais forte que quem não é. (21) Pelo mesmo motivo eu perdi a minha lâmpada⁷⁷¹: porque o ladrão era melhor que eu quanto a passar a noite em claro⁷⁷². Mas ele comprou a lâmpada por um alto preço: tornou-se ladrão em troca da lâmpada, tornou-se indigno de confiança em troca da lâmpada, tornou-se fera em troca da lâmpada. Isso lhe pareceu vantajoso.

⁷⁶⁸ *Desmoteron*.

⁷⁶⁹ Cf. PLATÃO, *Apologia*, 30. Com essa frase encerra-se o *Encheiridion de Epicteto* (capítulo 53). Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.4.24; 3.22.95; 4.4.21

⁷⁷⁰ Cf. PLATÃO, *Críton*, 43. Essa frase também está presente no último capítulo do *Encheiridion*. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 2.2.25; 3.23.21.

⁷⁷¹ Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.18.15.

⁷⁷² O verbo aqui é *agrypneo*.

(22) – Que seja! Entretanto, alguém me pega pela toga e me arrasta para a ágora. Então, outros gritam para mim: “Filósofo, para que te foram vantajosas as opiniões? Eis que és levado para a prisão, eis que estás para ser decapitado!”

(23) – E que tipo de *Introdução*⁷⁷³ eu comporia para que o mais forte não me agarrasse pela toga e me arrastasse? Para que, se dez metessem as mãos em minha toga e me levassem à força para a prisão, eu não fosse aí colocado? (24) Nenhuma outra coisa aprendi? Aprendi que, para tudo o que ocorre, se não for passível de escolha, nada é para mim. (25) Isso não me é útil em relação àquilo? Por que busco a utilidade em outra coisa que não nisso que aprendo? (26) Então, sento-me na prisão e digo: “Aquele que grita⁷⁷⁴ essas coisas não sabe o que significam nem compreende as coisas ditas pelos filósofos, nem de modo algum cuidou de saber o que estes dizem ou fazem. Deixa-o”.

(27) – Sai, pois, da prisão!

Se não te for mais útil que eu permaneça na prisão, saio. Mas se te for útil, nela entrarei novamente.

(28) – Até quando?

– Até quando a razão escolher manter-me unido ao diminuto corpo. Quando ela escolher diferentemente, toma-o e adeus⁷⁷⁵. (29) Só não farei isso de modo irracional, por fraqueza, por um pretexto casual. Pois, de novo, Deus não o quer. Pois lhe são úteis este Cosmos e tais habitantes dele⁷⁷⁶. Porém, se ele me enviar um signo para que eu volte, como foi enviado a Sócrates, me é preciso obedecer ao signo do general⁷⁷⁷.

⁷⁷³ A palavra é *eisagoge*, que significa “introdução” e dava título a várias obras de introdução à filosofia na Antiguidade.

⁷⁷⁴ O verbo é *kraugazo*, que significa “latir”, quando relativo aos cães, e “coaxar”, quando relativo às rãs.

⁷⁷⁵ Cf. EPICETETO, *Diatribes*, 1.9.20.

⁷⁷⁶ Cf. EPICETETO, *Diatribes*, 1.6.13.

⁷⁷⁷ Cf. PLATÃO, *Apologia*, 29–33; EPICETETO, *Diatribes*, 1.9.16.

(30) – E então? É preciso dizer essas coisas aos muitos?

(31) – Para que? Pois não basta persuadir a si mesmo? Pois às crianças, quando vêm a nós batendo palmas e falando “Hoje é a boa Saturnália!⁷⁷⁸”, dizemos: “A Saturnália não é boa”? De modo algum. Mas também nós aplaudimos. (32) Portanto, tu mesmo, quando não fores capaz de dissuadir⁷⁷⁹ alguém, sabe que ele é uma criança e aplaude-o. De resto, se não desejares fazer isso, guarda silêncio.

(33) É preciso lembrar-te dessas coisas e, ao perceberes uma dificuldade⁷⁸⁰ tal, que é chegado o momento propício⁷⁸¹ para mostrares que foste instruído. (34) Pois o jovem, saindo da escola e deparando-se com uma dificuldade, é semelhante a alguém que pratica a análise de silogismos⁷⁸² e que, quando lhe é proposto um silogismo de fácil solução, diz: “Propõe-me antes um silogismo composto de modo engenhoso para que eu me exercite”. Também aos atletas desagradam jovens de peso leve. (35) “Este não me levantará”, diz um lutador, “aquele, porém, é um jovem de bom porte”. Mas não, quando a ocasião⁷⁸³ chamar, ser-te-á preciso chorar e dizer: “Desejava ainda aprender”. Quais coisas? Se não aprendes essas coisas para mostrá-las em ação, para que as aprendes?

(36) Penso que algum dos que estão aqui sentados padece de angústia sobre si mesmo e diz “A dificuldade não virá agora tal como veio àquele? Podendo ser eu coroado em Olímpia, irei, ao invés disso, consumir meus dias sentado em agonia? Quando

⁷⁷⁸ Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.25.8.

⁷⁷⁹ O verbo aqui é *metapeitho*.

⁷⁸⁰ *Peristasis*.

⁷⁸¹ *Kairos*.

⁷⁸² *Syllogismous analuein*: procedimento da lógica estoica pelo qual, com o intuito de demonstrar a validade, se reduz um argumento a outro considerado evidente por si mesmo.

⁷⁸³ *Kairos*.

alguém me anunciará em tal competição?” Desse modo é preciso que todos vós sejais. (37) Entre os gladiadores⁷⁸⁴ de César, há alguns que se irritam porque ninguém os promove nem os põe em combate, e oram a Deus, e aproximam-se dos intendentessuplicando para lutar⁷⁸⁵. Nenhum de vós se parecerá com tais gladiadores?

(38) Queria navegar para isso⁷⁸⁶ e ver o que faz meu atleta, como se ocupa do assunto, como põe em prática o material⁷⁸⁷. (39) “Não quero matéria de tal qualidade”, diz alguém. Pois depende de ti tomar o material que desejares? Foi-te dado um corpo tal, tais pais, tais irmãos, tal pátria, tal posição nela. Então, vens a mim e dizes: “Muda para mim a matéria”. Não possuis meios, porém, para fazer uso das coisas dadas? (40) “Isso te é dado⁷⁸⁸, meu é praticar belamente⁷⁸⁹”. Não dizes isso, mas isto: “Não proponhas esta proposição conjuntiva ou condicional⁷⁹⁰ para mim, mas aquela; não me imponhas tal conclusão⁷⁹¹, mas aquela”. (41) Em breve chegará o tempo em que os atores trágicos pensarão ser eles mesmos as máscaras, as pantufas e as vestimentas cênicas. Homem, tu possuis essa matéria e esse propósito. (42) Fala algo para vermos se és ator trágico ou comediante: pois ambos têm as demais coisas em comum. (43) Por isso, se alguém tomasse daquele as pantufas e a máscara

⁷⁸⁴ Em grego, o termo para gladiador é *monomachos*.

⁷⁸⁵ Sêneca refere-se a um gladiador que agia exatamente assim por não ser posto em combate (cf. *Da providência*, 4).

⁷⁸⁶ Isto é: navegar para Roma, por exemplo, para ver como seu aluno aplica a teoria à vida.

⁷⁸⁷ *Hypothesis*: como observa GEORGE LONG, aqui o termo significa “matéria sobre a qual se trabalha”, “material”, “tema” (cf. EPICETETO, *Diatribes*, 2.5.11).

⁷⁸⁸ Isto é: estabelecer o tema.

⁷⁸⁹ Isto é: fazer bom uso do que é dado.

⁷⁹⁰ *Tropikon*. (Cf. *SVF*, 2.77).

⁷⁹¹ *Epiphora*: conclusão de um silogismo (cf. *SVF*, 2.80; 3.269).

e o levasse para o palco como um espectro, seria destruído ou permaneceria o ator trágico? Se tivesse voz, permaneceria.

(44) Também aqui⁷⁹²: “Toma o comando”. Tomo-o e, ao tomá-lo, mostro como o ser humano instruído vive. (45) “Tira a toga senatorial e, tomando nas mãos estes farrapos, aparece em tal papel”⁷⁹³. E então? Não me foi dado apresentar uma bela voz? (46) “Como, pois, te apresentas agora?” Fui chamado como testemunha de Deus: (47) “Vem e testemunha por mim, pois tu tens valor para ir à frente como minha testemunha”. Alguma coisa externa à capacidade de escolha é um bem ou um mal? (48) Eu firo alguém? Tornei algo que depende de outro útil para alguém mais que não o outro? Que testemunho eu dou a Deus? “Estou em situação terrível, senhor, e desafortunado, ninguém se importa comigo, ninguém me dá nada, todos me recriminam, me difamam”. (49) Estás para testemunhar essas coisas e desonrar o chamado que ele te fez, porque ele te honrou dessa maneira e te considerou de valor para ir à frente com tão importante testemunho?

(50) Eis que se manifesta quem detém o poder e diz: “Julgo-te ímpio e sacrílego”. O que aconteceu?

– Fui julgado ímpio e sacrílego.

(51) – Nada mais?

– Nada.

Se alguém julgasse uma condicional⁷⁹⁴ e declarasse que “É

⁷⁹² Na vida real.

⁷⁹³ No *fragmento* 174, Epicteto nos diz: “Não vês que nem com uma voz mais bela e com mais prazer Polos interpretava Édipo Rei ou Édipo em Colono, errante e mendicante? Ora, um ser humano nobre se apresentaria pior do que Polos, na medida em que não interpretasse belamente todo papel atribuído pela divindade? Não imitaria Odisseu, que em farrapos não se distinguiu menos que em espesso manto púrpura?” (DINUCCI; JULIEN, 2008). Arriano inspirou-se em tal passagem para escrever o capítulo 17 do *Encheiridion*.

⁷⁹⁴ *Synemmenon*.

falso que se é dia, há luz”, o que aconteceria com a condicional? Quem aí seria julgado? Quem aí seria condenado? A condicional ou quem se enganou sobre ela?⁷⁹⁵ (52) Então quem é este que detém o poder de declarar algo sobre ti?⁷⁹⁶ Sabe ele o que é o pio e o ímpio? Praticou-o? Aprendeu-o? Onde? De quem? (53) Do mesmo modo, o músico não se importa com quem decide que a mais baixa corda da lira é a mais aguda. Nem o geômetra, se alguém julgasse não serem iguais os raios do círculo. (54) Aquele que foi verdadeiramente instruído se importa quando o ser humano sem instrução decide algo sobre o que é sancionado pelos Deuses ou não, sobre o justo e o injusto? Ó grande injustiça dos não instruídos! Aprendeste essas coisas aqui?

(55) Não queres deixar os argumentozinhos⁷⁹⁷ sobre essas coisas para os outros, para os infelizes homenzinhos, para que, sentando-se em um canto, recebam quantiazinhas⁷⁹⁸ ou emitam grunhidos⁷⁹⁹ porque ninguém lhes oferece nada? Tu não queres ir adiante e fazer uso das coisas que aprendeste? (56) Pois os argumentozinhos não fazem falta agora – os livros dos estoicos estão cheios deles! Por conseguinte, o que falta? Aquele que faz uso deles, aquele que, pela ação, dá testemunho dos argumentos. (57) Toma nas mãos, por mim, esse papel, para que não mais façamos uso de antigos exemplos na escola e tenhamos um exemplo de nosso tempo.

(58) De quem é o ato de contemplar essas coisas? Daquele que desfruta o ócio. Pois o ser humano é um animal amigo da contemplação. (59) Porém, é vergonhoso contemplá-las

⁷⁹⁵ Arriano inspirou-se nessa passagem para compor o capítulo 42 do *Encheiridion*.

⁷⁹⁶ Cf. EPICTETO, *Encheiridion*, 48b1; 50.

⁷⁹⁷ *Logaria*.

⁷⁹⁸ Os diminutivos aqui têm evidente sentido pejorativo.

⁷⁹⁹ O verbo aqui é *gongryzo*.

como os servos fugitivos⁸⁰⁰: é adequado fazê-lo sem se deixar distrair, ouvindo ora o ator trágico, ora o citarista. Não como fazem aqueles que, ora parando e aplaudindo o ator trágico, ora olhando ao redor, de súbito se amedrontam e se inquietam quando alguém fala em alto e bom tom “senhor”. É vergonhoso também, para os filósofos, contemplar desse modo as obras da Natureza. Pois quem é o senhor? O ser humano não é senhor do ser humano, mas a morte, a vida, o prazer e a dor. (61) Portanto, conduz César a mim sem essas coisas e vê como fico sereno. Entretanto, se vier com elas, trovejando e lançando raios, e se eu as temer, que faço senão, como um servo fugitivo, reconhecer meu senhor? (62) Contudo, na medida em que eu de algum modo recuar diante dessas coisas, também assistirei à peça teatral como o servo fugitivo. Banho-me, bebo, canto, mas tudo com medo e infelicidade. Todavia, se eu me livrar dos déspotas⁸⁰¹, isto é, daquelas coisas pelas quais os déspotas são temíveis, qual problema ainda terei? Que senhor terei ainda?

(64) – E então? É preciso proclamar isso a todos?

– Não, mas é preciso conviver com os seres humanos sem instrução e dizer: “Ele aconselhou-me aquilo que lhe parece um bem: eu o perdoo⁸⁰²”. (65) Pois também Sócrates perdoou o guardião que chorava quando estava a ponto de beber a droga⁸⁰³ e disse: “Nobrememente chora ele por nós”⁸⁰⁴. (66) Disse a ele que “Por isso nos livramos das mulheres”? Não, mas disse isso aos conhecidos, aos capazes de entender essas coisas. Acomodou-se, porém, ao guardião como a uma criança.

⁸⁰⁰ Pois estes, como observa OLDFATHER, estão sempre ressabiados, olhando para os lados por temerem a chegada repentina de seus senhores.

⁸⁰¹ O termo aqui é *despotes*, que significa primariamente “mestre”, “senhor”.

⁸⁰² *Syngignosko autoi*.

⁸⁰³ *Pharmakon*: Epicteto refere-se à cicuta.

⁸⁰⁴ Cf. PLATÃO, *Fédon*, 116d- 117d.

Diatribes 1.30 – O que é preciso ter à mão nas dificuldades?

Quando fores ter com algum dos proeminentes⁸⁰⁵, lembra que também outro⁸⁰⁶, do alto, observa os acontecimentos, e é preciso antes agradecer este que aquele. (2) Então este Deus indaga:

– O que dizias serem o exílio, a prisão, as correntes, a morte e a má reputação na escola?

– Eu dizia serem indiferentes.

(3) – Como os chamas agora? Eles não mudaram de posição?

– Não.

– Tu não mudaste de posição?

– Não.

– Diz-me, pois, o que são os indiferentes.

– Coisas que não são passíveis de escolha.

– E qual a consequência disso?

– Coisas que não são passíveis de escolha nada são para mim.

(4) – Diz-me o que pensavas serem os bens para vós.

– Uma capacidade de escolha de certa qualidade e o uso correto das representações.

– E qual o fim?

– Seguir-te.

(5) – Agora também dizes essas coisas?

– Agora também digo essas coisas.

Assim, entra, com confiança, lembrando-te delas, e verás o que é um jovem que praticou o que é preciso na presença de seres humanos despreparados. (6) Eu, pelos Deuses, imagino⁸⁰⁷ que pensarás o seguinte: “Por que nos preparamos por tanto

⁸⁰⁵ Cf. *Encheiridion*, 33.13.

⁸⁰⁶ Deus. Cf. EPICTETO, *Diatribes*, 1.25.13.

⁸⁰⁷ O verbo aqui é *phantazo*.

tempo e tão intensamente? É isso o que eles chamam “poder”? É esse o pórtico? Esses os camareiros? Esses os homens armados com adagas⁸⁰⁸? Para isso ouvi tantos discursos? Tudo isso é nada: estou preparado para coisas grandes”.

⁸⁰⁸ Provavelmente referindo-se aos guardas pretorianos, que, em sua missão de defesa do imperador, andavam na capital com uma adaga (*pugio*, em latim; *encheiridion*, em grego) oculta sob a túnica branca, pois armas eram proibidas em Roma.

REFERÊNCIAS

EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS

- AÉLIO ESPARTANO. *Historia Augusta*. Tradução David Magie. Harvard: Loeb, 1921. v1.
- AGOSTINHO. *City of God*. Tradução Henry Bettenson. Londres: Penguin classics, 2003.
- ALEXANDRE DE AFRODÍSIAS. *On Fate*. Tradução Robert William Sharples. Londres: Duckworth Publishers, 2007.
- ALEXANDRE DE AFRODÍSIAS. *On Aristotle Prior Analytics*. Tradução Ian Mueller. Nova Iorque, Bloomsbury Academic: 2014. 3v.
- AMBRÓSIO. De bono mortis. In: MIGNE, J. P. (ed.). *Patrologia latina*. Atenas: Imprimerie Catholique, v. 14, col. 0539B-0568A. 1845.
- ARRIANO, FLÁVIO. *Anabasis of Alexander*. Tradução Peter Astbury Brunt, 1976-1989. 2v.
- ARRIANO, FLÁVIO. *Periplus Ponti Euxini*. Londres: Bristol, 2003.
- ARRIANO, FLÁVIO. *L'art De La Chasse*. Tradução Louis Allier. Paris: La Roue a Livres, 2009.
- ARISTÓTELES. *Athenian Constitution. Eudemian Ethics. Virtues and Vices*. Tradução Harris Rackham. Harvard: Loeb Classical Library, 1935.
- ARISTÓTELES. *Metaphysics*. Tradução Tredennick, Hugh Armstrong, G. Cyril. Harvard: Loeb Classical Library, 1935.
- ARISTÓTELES. *Nicomachean Ethics*. Tradução Harris Rackham. Harvard: Loeb Classical Library, 1926.
- ARISTÓTELES. *Politics*. Tradução Harris Rackham. Harvard: Loeb Classical Library, 1932.

- ARISTÓTELES. *Art of Rhetoric*. Tradução John Henry Freese. Harvard: Loeb Classical Library, 1926.
- ARISTÓTELES. *Posterior Analytics, Topica*. Hugh Tredennick, Edward Seymour Forster. Harvard: Loeb Classical Library, 1930.
- AULETE, C. *Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- AULO GÉLIO. *Noctium Atticarum*. Harvard: Loeb Classical Library, 2002. 2v.
- BAILLY. *Le grand dictionnaire grecfrançais*. Paris: Hachette Fr, 2000.
- BONHÖFFER, A. F. *The Ethics of the Stoic Epictetus: An English Translation*. Tradução William O. Stephens. Peter Lang Publishing, 2000. v.2.
- BONHÖFFER, A. F. *Epiktet und die Stoa: untersuchungen zur stoischen Philosophie*. Stuttgart: Ferdinand Enke, 1890.
- CARTER, E. *All the works of Epictetus, which are now extant, consisting of his Discourses, preserved by Arrian, in four books, the Enchiridion and Fragments*. Londres: Hulton Bradley, 1758. Disponível em: <https://archive.org/details/allworksofepicte00epic/page/n3>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- CÍCERO. *Letters to Friends*. Tradução Bailey Shackleton. Harvard: Loeb Classical Library, 2001. v.1, letters 1-113.
- CÍCERO. *On Duties*. Tradução Walter Miller. Harvard: Loeb Classical Library, 1913.
- CÍCERO. *On the Nature of the Gods. Academics*. Tradução Harris Rackham. Harvard: Loeb, 1933.
- CÍCERO. *Philippics*. Tradução Walter Charles Alan Ker. Harvard: Loeb Classical Library, 1969.
- CÍCERO. *Tusculan Disputations*. Tradução John Edward King.

- Harvard: Loeb Classical Library, 1927.
- CÍCERO. *Topica*. Tradução Hugh Tredennick, Edward Seymour Forster. Harvard: Loeb Classical Library, 1930.
- CÍCERO. *On the orator: book 3. On fate. Stoic Paradoxes. On the divisions of oratory: A. Rhetorical Treatises*. Tradução Harris Rackham. Harvard: Loeb Classical Library, 1942.
- CÍCERO. *De Finibus. Bonorum Et Malorum*. Tradução. Harris Rackham. Harvard: Loeb Classical Library, 1914.
- COSME DE JERUSALEM. Canons. In: MIGNE, J. P. (ed.). *Patrologia Graeca*. Atenas: Imprimerie Catholique, v. 88, col. 459-524. 1862.
- PEPPAS-DELMOUSOU, D. Basis andriantos tou Arrianou. *Athens Annals of Archeology*, Atenas, n. 3, p. 377-380. 1970.
- DINUCCI, A.; JULIEN, A. *Epicteto: testemunhos e fragmentos*. São Cristóvão: EdiUFS, 2009.
- DINUCCI, A. Fragmentos menores de Caio Musônio Rufo; Gaius Musonius Rufus –Fragmenta Minora. *Trans/Form/Ação: revista de Filosofia*, Marília, v. 35, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v35n3/15.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- DINUCCI, A.; JULIEN, A. *O Encheiridion de Epicteto*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2014.
- DIÓGENES DE OINOANDA. *Supplement to Diogenes of Oinoanda: The Epicurean inscription*. Tradução Martin Ferguson Smith. Nápoles: Bibliopolis, 2003.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of Eminent Philosophers*. Tradução Robert Drew Hicks. Harvard: Loeb Classical Library, 1925. 2v.
- DIÁO CÁSSIO. *Roman History: books 71-80*. Tradução Cary Foster. Harvard: Loeb Classical Library, 1927.

- EPICTETO. *Entretiens*: Livre I. Tradução Joseph Souilhé. Paris: Les Belles Lettres, 1956.
- EPICTETO. *Epictetus Discourses*: book I. Tradução Dobbin. Oxford: Clarendon, 2008.
- EPICTETO. *O Encheiridion de Epicteto*. Edição Bilíngue. Tradução Aldo Dinucci, Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.
- EPICTETO. *Testemunhos e Fragmentos*. Tradução Aldo Dinucci, Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2008.
- EPICTETO. *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian; Fragments; Encheiridion*. Tradução William Abbott Oldfather. Harvard: Loeb Classical Library, 1928. 4v.
- ESTRABÃO. *Geography*. Tradução John Henry Leonard. Harvard: Loeb Classical Library, 1932. 8v.
- EURÍPIDES. *Cyclops, Alcestis, Medea*. Tradução David Kovacs, John Henry Leonard. Harvard: Loeb Classical Library, 1995.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. Preparação para o evangelho. In: HOLMES, M. W. *The Apostolic Fathers*: Greek texts and English translations. Michigan: Baker Academic, 2007.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FILÓSTRATO. *Apollonius of Tyana*: lettres of Apollonius. Ancient Testimonia. Eusebius's reply to Hierocles. Tradução Christopher P. Jones. Harvard: Loeb Classical Library, 2005-2006. 3v.
- FÓCIO. *Bibliotheca ou Myriobiblion*. Berlim: Ed. Bekker, 1824.
- FRONTO. *Correspondence I and II*. Tradução Charles Reginald Haines. Harvard: Loeb Classical Library, 1919-1920. 2v.
- GALENO. *Exhortation à l'étude de la médecine*. Tradução Véronique Boudon. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

GALENO. *Method of Medicine*. Tradução Ian Johnston, Greg H. R. Horsley. Harvard:

Loeb Classical Library, 2011. 3v.

GOZÁLEZ, P. P. F. Épictète. In: GOULET, R. *Dictionnaire des philosophes antiques*. Paris: CNRS, 2000. v.3.

GREGÓRIO DE NAZIANZO. Oratio I contra Iulianum, Epistules, ad Philagrium. In: MIGNE, J. P. (ed.). *Patrologia Graeca*, v. 35, 1857.

HADOT, I. *Simplicius. Commentaire sur le Manuel d'Épictète, Introduction et édition critique du texte grec*. Leiden: Brill, 1996.

HENSE, O. *Musonii Rufi Reliquiae*. Leipzig: Teubner, 1905.

HOMERO. *Odissey*. Tradução George Edward Dimock, Augustus Taber Murray. Harvard: Loeb Classical Library, 1995. 2v.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2009.

HORÁCIO. *Satires, Epistles, Ars Poetica*. Tradução Henry Rushton Fairclough. Harvard: Loeb Classical Library, 1926.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homiliae. In: MIGNE, J. P. (ed.). *Patrologia Graeca*. Atenas: Imprimerie Catholique, v. 60. 1862.

JULIANO. *Orations 6-8. Letters to Themistius, To the Senate and People of Athens, To a Priest. The Caesars. Misopogon*. Tradução Wilmer Cave Wright. Harvard: Loeb Classical Library, 1913. v.2, livro 29.

HECK, E. Lactantius, De falsa religione. In: LEHMANN, Y; FREYBURGER, G.; HIRSTEIN, J. (ed). *Antiquité tardive et humanisme de Tertullien à Beatus Rhenanus. Mélanges offerts à François Heim à l'occasion de son 70e anniversaire*. Turnhout: Brepols, 2006.

LONG, A. A.; SEDLEY, D. N. *The hellenistic philosophers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987-1989. 2v.

- LONG, G. *The Discourses of Epictetus*: with Encheiridion and fragments. Londres: G. Bell and sons, 1890.
- LUCIANO. *The dead come to life*. Tradução Austin Morris Harmon. Harvard: Loeb Classical Library, 1921. v.3.
- LUCRÉCIO. *The natura of things*. Tradução William Henry Denham Rouse. Harvard: Loeb Classical Library, 1924.
- MACRÓBIO. *Saturnálias*. Tradução Robert A. Kaster. Harvard: Loeb Classical Library, 2011. 3v.
- MARCIAL. *Epigrams*. Tradução David Roy Shackleton Bailey. Harvard: Loeb Classical Library, 1993. 5v.
- MARCO AURÉLIO ANTONINO. *Meditations*. Tradução Charles Reginald Haines. Harvard: Loeb Classical Library, 1916.
- NONO. Paraphases in Evangelium secundum Joannem. In: MIGNE, J. P. (ed.). *Patrologia Graeca*. Atenas: Imprimerie Catholique, v. 43, col. 933. 1864.
- ORÍGENES. Contra Celsum. In: MIGNE, J. P. *Patrologia Graeca*. Atenas: Imprimerie Catholique, v. 11, col. 638. 1857.
- OVÍDIO. *Tristitia*. Tradução Daniel Ruprecht. Gottingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1959.
- PAUSÂNIAS. *Guide do Greece*. Tradução Peter Levi. Londres: Penguin, 1984. 2v.
- PLATÃO. *Euthyphro. Apology. Crito. Phaedo. Phaedrus*. Tradução Harold North Fowler. Harvard: Loeb Classical Library, 1999.
- PLATÃO. *Laches. Protagoras. Meno. Euthydemus*. Tradução Sir Walter Rangeley Maitland Lamb. Harvard: Loeb Classical Library, 1924.
- PLATÃO. *Timaeus. Critias. Cleitophon. Menexenus. Epistles*. Tradução Robert Greg Bury. Harvard: Loeb Classical Library, 1929.

- PLATÃO. *Charmides. Alcibiades I and II. Hipparchus. The Lovers. Theages. Minos. Epinomis.* Tradução Sir Walter Rangeley Maitland Lamb. Harvard: Loeb Classical Library, 1927.
- PLATÃO. *Laws.* Tradução Robert Greg Bury. Harvard: Loeb Classical Library, 1988. 2v.
- PLATÃO. *Lysis, Symposium, Gorgias.* Tradução Sir Walter Rangeley Maitland Lamb. Harvard: Loeb Classical Library, 1925.
- PLATÃO. *Republic.* Tradução Paul Shorey. Harvard: Loeb Classical Library, 1930-1935. 2v.
- PLATÃO. *Theaetetus and Sophist.* Tradução Harold North Fowler. Harvard: Loeb Classical Library, 1988.
- PLÍNIO O JOVEM. *Letters.* Tradução Barbara Radice. Harvard: Loeb Classical Library, 1969. 2v.
- PLUTARCO. *Moralia.* Tradução Harold Cherniss. Harvard: Loeb Classical Library, 1976. v.13.
- PLUTARCO. *Moralia.* Tradução Benedict Einarson, Phillip H. De Lacy. Harvard: Loeb Classical Library, 1967. v.14.
- SCHENKL H. *Epicteti Dissertationes ab Arriano digestae. Epictetus.* Leipzig: Teubner, 1916.
- SCHWEIGHÄUSER, J. *Epicteteae Philosophiae Monumenta.* Leipzig: Teubner, 1799-1800. 5v.
- SÊNECA. *Epistles 1-66.* Tradução Richard Mott Gummere. Harvard: Loeb Classical Library, 2001.
- SÊNECA. *Epistles 66-92.* Tradução Richard Mott Gummere. Harvard: Loeb Classical Library, 2001.
- SÊNECA. *Moral Essays.* Tradução John W. Basore. Harvard: Loeb Classical Library, 2001. v.2.
- SÊNECA. *Moral Essays.* Tradução John W. Basore. Harvard: Loeb Classical Library, 2001. v.3.

- SEXTO EMPÍRICO. *Against the Logicians*. Tradução Robert Greg Bury. Harvard: Loeb Classical Library, 1935.
- SEXTO EMPÍRICO. *Against the Professors*. Tradução Robert Greg Bury. Harvard: Loeb Classical Library, 1949.
- SEXTO EMPÍRICO. *Outlines of Pyrrhonism*. Tradução Robert Greg Bury. Harvard: Loeb Classical Library, 1933.
- SIMPLÍCIO. Apresentação e tradução do Proêmio do Comentário ao *Encheiridion* de Epicteto, 1,5 ss. Tradução Aldo Dinucci. *Prometeus*, São Cristóvão/SE, ano 7, n. 15, p. 165-174, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/download/1953/1757>. Acesso em: 12 maio 2015.
- SIMPLÍCIO. *Simplicius on Epictetus: Handbook 1-26*. Tradução Charles Brittain. Ithaca: Cornell University Press, 2002.
- SIMPLÍCIO. *Simplicius on Epictetus: Handbook 27-53*. Tradução Charles Brittain. Ithaca: Cornell University Press, 2002.
- SPANNEUT. Epiktet. In: *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*. Tomo 4. Derville (ed.). Paris: Beauchesne, 2009-2011.
- SUETÔNIO. *Lives of the Caesars*. Tradução John Carew Rolfe. Harvard: Loeb Classical Library, 1914. 2v.
- FÓRUM ACADÊMICO STOA. *The Suda on Line*. Disponível em: <http://www.stoa.org/sol/>. Acesso em: 25 maio 2015.
- TÁCITO. *Annals*. Tradução John Jackson. Harvard: Loeb Classical Library, 1937.
- TÁCITO. *Agricola. Germania. Dialogue on oratory*. Tradução Maurice Hutton, William Peterson. Harvard: Loeb Classical Library, 1914.
- TRINCAVELLI. *Arriani Epictetus Graeche*. Veneza: [s.n.], 1535.
- UPTON, J. *Epicteti quae supersunt Dissertationes ab Arriano Collectae*. Londres: Thomas Woodward, 1739-1741. 2v.

VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta: Zeno or Zenonis Discipuli*. Berlin: De Gruyter, 2005. v.1.

VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta: Chrysippi Fragmenta Logica et Physica*. Berlin: De Gruyter, 2005. v.2.

VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta: Chrysippi fragmenta moralia. Fragmenta Successorum Chrysippi*. Berlin: De Gruyter, 2005. v.3.

WOLF, H. *Arriani Commentariorum de Epicteti Disputationibus*. Basiléia: [s.n.]. 1560-1563.

XENOFONTE. *Memorabilia. Oeconomicus. Symposium. Apology*. Tradução Edgar Cardew Marchant, Oliver Julian Todd. Harvard: Loeb Classical Library, 1923.

ESTUDOS:

ASMUS, V. F. *Quaestiones Epicteteae*. In: MOHR, J.C.B. *Friburgi Brisigavorum*, p. 31-34. 1888.

ATHERTON, C. *The stoics on ambiguity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

AUNE, D. E. *The Westminster Dictionary of New and Early Christian Literature and Rhetoric*. Luisville: Westminster John Knox Press, 2003.

BARNES, J. *Logic and the imperial stoa*. Leiden: Brill, 1997.

BONHÖEFFER, A. F. *The Ethics of the Stoic Epictetus: An English Translation*. Tradução William O. Stephens. Peter Lang Publishing, 2000. v.2.

BONHÖEFFER, A. F. *Epiktet und die Stoa: untersuchungen zur stoischen Philosophie*. Stuttgart: Ferdinand Enke, 1890.

BOSWORTH, A. B. *Arrian and the Alani*. *Harvard Studies in Classical Philology*, Cambridge, v. 81, p. 217-255. 1977.

- CHOTARD, H. *Le Périples de la Mer Noire par Arrian*. Paris: Durand, 1860.
- COLARDEAU. Étude sur Épictète. Paris: Fontemoing, 1903.
- PEPPAS-DELMOUSOU, D. Basis andriantos tou Arrianou. *Athens Annals of Archeology*, Atenas, n. 3, p. 377-380. 1970.
- DINUCCI, A. O conceito estoico de phantasia: de Zenão a Crisipo. *Archai: Revista de estudos sobre as origens do pensamento ocidental*, n. 21, p. 15- 38, set./dez. 2017. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/o_conceito_estoico_de_phantasia_de_zen%C3%A3o_crisipo. Acesso em: 25 jun. 2015.
- DUDLEY, D. R. *A History of Cynicism*. Chicago: Ares, 1980.
- FOLLET, S. Arrien. In: GOULET, R. (org.). *Dictionnaire des philosophes antiques*. Paris: CNRS, 1994.
- FRANCIS, J. A. *Subversive virtue: asceticism and authority in the second-century pagan world*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1995.
- FRONTO. *Correspondence*. Tradução Charles Reginald Haines. Harvard: Loeb Classical Library, 1919-1920. 2v.
- GERMAIN, G. Épictète et la spiritualité stoïcienne. Paris: Édition du Seuil, 1964. 190 p. (Collection Maîtres Spirituels, 33).
- GOULET, R. *Dictionnaire des philosophes antiques*. Paris: CNRS, 2000. v.3.
- HARTMANN, U. Arrian Und Epiktet. *Neue Jahrbücher für das klassische Altertum*, Berlim, n. xv, p. 257-275. 1905.
- HASSE, W.; TEMPORINI, H. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung*. Amsterdam: Walter de Gruyter, 1990. v.2.
- HIJMANS, B. L. *Askesis: notes on Epictetus educational system*. Assen: Van Gorcum, 1959.

- INWOOD, B; GERSON L. P. *Hellenistic Philosophy: Introductory Readings*. Indianapolis: Hackett Publishing Co., 1988.
- KAIBEL, G. Inschriften aus Pisidien. *Hermes*, Canadá, v. 23, n. 24, p. 532-545. 1888.
- KAMTEKAR, R. Aidws in Epictetus. *Classical Philology*, Chicago, v. 93, n. 2, p. 136-160, abr. 1998. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/c3b4/e7498609092408d-c67bfd71e6998a83faa0a.pdf>. Acesso em: 25 maio 2015.
- LAURENTI, R. Musonio, maestro di Epitteto. *Philosophie, Wissenschaften, Technik. Philosophie*, Berlim, 1989, p. 2105-2146. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110851526-022>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/books/9783110851526/9783110851526-022/9783110851526-022.xml>. Acesso em: 25 maio 2015.
- LONG, A. Notes on Hierocles Stoicus apud Stobaeum. In: FUNGHI, M.S. (ed.). *Odio dizesios, le vie della ricerca. Studi in honore di Francesco Adorno*. Florença: Olschki, p. 299-309. 1996.
- LONG, A. Representation and the self in Stoicism. EVERSON, S. *Companions to Ancient Thought 2: Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- MARTHA, C. *Les Moralistes sous L'empire romain*. Paris: Hachette, 1865.
- MOWAT, J. L. G. A Lacuna in Arrian. *The Journal of Philology*, Cambrigde, v. 7, p. 60-63. 1877.
- MILLAR. Epictetus and the Imperial Court. *The Journal of Roman Studies*, Cambrigde, v. 55, n. 1/2, Parts 1 and 2, p. 141-148. 1965.
- OLTRAMARE, A. *Les origines de la diatribe romaine*. Lausanne: Payot, 1926.

- SELLARS, J. Epictetus, Dissertationes 1.18.10. *Classical Quarterly*, Cambridge, v. 66, n.1, p. 410-413, maio. 2016. DOI: 10.1017/S0009838816000367. Disponível em: <https://www.hsozkult.de/journal/id/zeitschriftenausgaben-9687?title=classical-quarterly-66-2016-1>. Acesso em: 30 maio 2015.
- SORABJI, R. Perceptual Content in the Stoics. *Phronesis*, Canadá, v. 35, n. 1, p. 307-314. 1990.
- SPANNEUT, M. Épictète. In: Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique. Tomo 4. Paris: Beauchesne, 2009-2011.
- STADTER, P. *Arrian of Nicomedia*. Carolina do Norte: Univ. of North Carolina Pr, 1980.
- STELLWAG, H. *Het Eerste Boek der Diatriben*. Amsterdam: H. J. Paris, 1933.
- YOURCENAR, M. *Memoirs of Hadrian*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1954.

(Página deixada propositadamente em branco)

INDEX LOCORVM

- | | |
|--|--|
| <p>Aélio Espartano</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Vida de Adriano</i> (IN: <i>Historia Augusta</i>) 16.10: 23</p> <p>Alexandre de Afrodísias</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Comentário aos Primeiros Analíticos</i>, 3.24-30: 78</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Comentário aos Tópicos</i>, 5.7-9: 77</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Do Destino</i>, 181.13-182.20: 33</p> <p>Aristóteles</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Ética Nicomaqueia</i></p> <p style="padding-left: 40px;">1111 b 30: 32</p> <p style="padding-left: 40px;">1179a24-5: 102</p> <p style="padding-left: 40px;">1124a4: 84</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Física</i></p> <p style="padding-left: 40px;">II.4-6: 33</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Fragmenta varia</i>, 9.56, n, 27: 155</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Metafísica</i></p> <p style="padding-left: 40px;">984 b 17: 78</p> <p style="padding-left: 40px;">1042a3: 79</p> <p style="padding-left: 40px;">1015 a 27: 32</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Política</i></p> <p style="padding-left: 40px;">1266b, 28: 155</p> <p style="padding-left: 40px;">1299b12: 79</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Primeiros Analíticos</i>, 41b9: 81</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Retórica</i></p> <p style="padding-left: 40px;">1.1.11: 83</p> <p style="padding-left: 40px;">1.1.12: 83</p> <p style="padding-left: 40px;">1357a8: 79</p> <p style="padding-left: 40px;">1395b25: 79</p> | <p style="text-align: center;"><i>Tópicos</i></p> <p>VIII.11: 83</p> <p>132a32: 81</p> <p>156b38: 79</p> <p>159b, 36: 155</p> <p>163a6: 81</p> <p>Arriano</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Anábase de Alexandre</i>: 31</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>A Formação da Batalha contra os Alanos</i> (fragmento): 31</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Périplo do Ponto Euxino</i></p> <p style="padding-left: 40px;">6.2: 30</p> <p style="padding-left: 40px;">10.1: 30</p> <p>Aulo Gélio</p> <p style="padding-left: 20px;"><i>Noites Áticas</i></p> <p style="padding-left: 40px;">1.2.6: 25</p> <p style="padding-left: 40px;">1.2.6.5: 36</p> <p style="padding-left: 40px;">1.2.6-13: 14</p> <p style="padding-left: 40px;">2.18.10: 14</p> <p style="padding-left: 40px;">4.1: 104</p> <p style="padding-left: 40px;">7.2.11-13: 33</p> <p style="padding-left: 40px;">12.5.11-12: 49</p> <p style="padding-left: 40px;">15.11: 16; 22</p> <p style="padding-left: 40px;">15.11.5: 14</p> <p style="padding-left: 40px;">17.19: 127</p> <p style="padding-left: 40px;">17.19.1-6: 25</p> <p style="padding-left: 40px;">17.19.3.1: 36</p> <p style="padding-left: 40px;">17.19.5: 108</p> <p style="padding-left: 40px;">19.1.14-21: 32</p> <p style="padding-left: 40px;">19.1: 36; 38</p> |
|--|--|

Cícero	7.50: 69
<i>Ad. Fam.</i>	7.50.4: 45
9.8.1: 68	7.54: 53
<i>Academica Posteriora</i>	7.62: 78
2.47-8: 69	7.76: 79
2.9: 69	7.126: 64
51-4: 69	7.138: 86
88-90: 69	7.159: 45
<i>De natura deorum</i>	7.191: 77
1.1.2: 102	7.195-196: 77
1.2: 102	9.59: 50
1.16: 53	10.10: 143
2.167: 102	10.139: 102
<i>De Finibus</i>	Diógenes de Oinoanda, <i>fragmento</i>
3.6: 52	9: 69
<i>Filípicas</i>	Epicteto
2.43: 55	<i>Diatribes</i>
<i>Questões tusculanas</i>	1.1: 135
1.24: 53	1.1.4-5: 34
2.14: 52	1.1.7: 34
5.27: 52	1.1.20: 16
<i>Tópica</i>	1.1.18-32: 24
7: 53	1.1.19: 20
Dião Cássio	1.1.26-27: 20
62.26.4: 20	1.1.27: 22
69.8: 21	1.1.28-30: 20
71.35: 25	1.1.28-32: 20
Diógenes Laércio	1.2.12-18: 20
<i>Vida dos filósofos ilustres</i>	1.2.12: 50
5.32: 102	1.2.19-21: 21
6.43: 145	1.2.19-24: 24
7.44: 77	1.2.21: 49
7.47: 68	1.2.38: 48

1.3.4: 64	1.17.21: 33
1.30.4: 33	1.17.21-4: 32
1.4.11: 124; 63	1.17.22-4: 33
1.4.18-20: 64	1.18.1 ss.: 163
1.4.24: 171	1.18.1: 163
1.4.31: 32	1.18.10: 124
1.6.13: 172	1.18.10: 164
1.6.15: 72	1.18.10: 37
1.6.7: 72	1.18.15: 27; 171
1.7.32: 21	1.18.17: 33; 50
1.7.6: 163	1.19.6: 21
1.8.6: 33	1.19.8: 17
1.9.15: 168	1.19.15: 131
1.9.16: 172	1.19.19: 16
1.9.20: 172	1.19.19-21: 16
1.9.29: 22	1.19.24: 22
1.9.29-30: 16; 21	1.20: 33
1.11.12 ss.: 130	1.20.1-11: 33
1.11.27: 21	1.20.1-11: 45
1.11: 36	1.20.7: 34
1.12.26: 47	1.21.1-2: 63
1.12.5: 136	1.22.1-3.10: 33
1.13: 139	1.22: 33
1.14.6: 86	1.23: 28
1.15: 36	1.24.1: 33
1.15.8: 21	1.25.4: 64
1.16.7: 64	1.25.4: 64
1.17: 135	1.25.8: 173
1.17: 157	1.25.8: 21
1.17.1-3: 34	1.25.12: 59
1.17.4.1: 129	1.25.13: 178
1.17.12: 34	1.25.19-20: 22
1.17.20-6: 63	1.25.22: 20

- 1.25 (final): 150
 1.26.11: 16
 1.27.6: 68
 1.28.2: 124
 1.28.20–1/23: 64
 1.29.9: 18; 24
 1.29.18: 50
 1.29.21: 27
 1.29.31: 21
 1.29.37: 21
 2.1–4: 49
 2.1.11: 64
 2.1.19.2: 33
 2.1.26–7: 22
 2.2.25: 171
 2.2.4: 64
 2.4.2: 64
 2.5.11: 174
 2.6.17 75
 2.6.22: 22
 2.8.11, 17,33: 86
 2.8.20: 72
 2.8.23: 64
 2.8.29: 33
 2.8.29: 63
 2.10.15/18: 64
 2.10.22–3/29: 64
 2.10.4: 72
 2.11.1: 57
 2.11.1–8: 33
 2.11: 157
 2.12.17: 22
 2.12.17–25: 22
 2.14: 36
 2.14.7.3: 160
 2.15: 50
 2.15: 69
 2.16.15–17: 49
 2.16.28: 50
 2.16.30–1: 21
 2.16.37: 150
 2.17.14–18: 63
 2.18.24: 34
 2.20.1: 68
 2.20.32: 64
 2.21.6: 69
 2.22.5: 34
 2.22.20/30: 64
 2.22.20/30: 64
 2.22.29: 33
 2.23.21: 50
 2.23.5–6: 33
 2.23.5–6: 45
 2.23.5–6: 33
 2.24.19–20: 63
 3.1.24: 28
 3.2: 28
 3.2.1: 124
 3.2.1–6: 63
 3.2.8: 34
 3.3.2: 124
 3.3.4: 68
 3.3.9–10: 64
 3.3.15 e 17: 22
 3.6.9–10: 89
 3.7: 18; 36

3.7.27: 64	4.1.127: 49
3.7.36: 64	4.1.136: 68
3.9.18: 33	4.1.161: 64
3.10.7: 33	4.1.172: 50
3.12.8–15: 63	4.2.8: 64
3.12.15: 34	4.3.1: 64
3.13.3: 64	4.3.7: 34; 64
3.13.4: 23	4.4.6: 64
3.14.13: 64	4.4.13: 63
3.15.14: 21	4.4.21: 171
3.15: 21	4.5.17: 18
3.17.3: 64	4.5.21: 69
3.17.5: 64	4.5.21–2: 64
3.18.6: 64	4.5.33: 33
3.21: 24	4.6.26: 63
3.22.103: 33	4.8.17–20: 21
3.22.15: 64	4.8.33 64
3.22.43: 124	4.8.6: 33
3.22.67 ss.: 28	4.8: 21
3.22.95: 171	4.9.17: 64
3.23.18: 64	4.9.6: 64
3.23.21: 171	4.10.13: 63
3.24.32: 33	4.11: 47
3.24.100 e 109: 22	4.11.6: 63
3.24.108: 34; 49	4.11.13–14: 28
3.26.14: 63	4.12.6: 64
4.1.44–5: 33	4.13.13/15: 64
4.1.58: 21	4.13.19–20: 64
4.1.68: 122	<i>Encheirídion</i>
4.1.69–71: 33	1: 34; 44
4.1.102, 172: 50	2.2: 61
4.1.106: 64	1.5: 53
4.1.123: 21	5: 27; 128

- 6: 129
 8: 26; 103; 167
 9: 127
 11: 147
 12: 108
 12.2: 127
 13.8: 104
 16: 64
 17: 27; 175
 18: 34
 19a: 145
 20: 34
 21: 60
 22: 125
 23: 64
 24.12: 64
 25: 151
 26: 64
 27: 104
 29.2: 145
 29.4: 158
 31.4: 133
 33.1: 161
 33.4: 161
 33.13: 178
 33.15: 64
 34: 34
 34.27: 104
 40.6: 64
 42: 176
 43: 52
 46.1: 138
 46.2: 158
 48: 176
 49: 63; 93; 120
 50: 176
 51.2: 145
 53: 65; 171 (bis);
Fragmentos (Schenkl)
 9: 69
 10a: 27
 14: 64
 21-22: 50
 174: 175
 179: 108; 127
 Filóstrato
Vida dos Sofistas Ilustres 1.7: 21
Vida de Apolônio de Tiana
 1.13: 21
 7.16: 152
Cartas
 65: 23
 69: 23
 Frontão, *Cartas* 5: 16
 Galeno
De Libris Propriis, 11: 25
 Horácio
Cartas
 1.6: 169
 1.14.36: 150
 Homero
Ilíada
 10.278: 102
 12.5.328: 160
Odisseia
 10.21: 48

- Lactância 8.7: 63
De Falsa Religione 9.6: 63
 c. 20: 130 10.11: 103
- Luciano 10.31: 21
A morte do peregrino (obra toda): 22 11.5: 72
Contra um ignorante 13: 27 12.1: 169
Vida de Demonax, 55: 28
- Marcial
 14.49: 63
 14.208: 35
- Marco Aurélio
Meditações
 1. 9.13: 75
 1.15: 169
 2.17: 50
 2.4: 106
 2.6: 64
 3.5: 112; 158
 3.6: 64
 4.23: 104
 4.32: 72
 5.25: 136
 5.27: 112
 5.33: 118
 6.10: 110
 6.44: 72
 6.5: 136
 7.20: 72
 7.54: 63
 7.9: 110
 8.41.25: 63
 8.48: 68
- Macróbio
Saturnálias 1.11.45: 14
- Mateus (*Evangelho*)
 6.21: 133
- Musônio Rufo
Diatribes
 1.15.8: 21
 4.8.17-20: 21
Fragmentos (Hense)
 56: 50
 46: 89
 38: 111
- Orígenes
Contra Celsum
 7.53: 17
 6.2: 25
- Ovídio
Tristitia, 4.10.35: 55
- Pausânias
Descrição da Grécia
 10.5.13: 58
 6.14.6: 57
- Platão
Apologia
 17: 38
 28 e: 48; 90
 29 c: 90

29- 33: 172	20.9: 20
30: 171	41.2: 112
30 c: 50	45: 126
38 a: 158	58.27: 46
<i>Críton</i>	62.3: 20
43: 171	65.2: 46
43 d: 65	67.14: 20
48b: 67	90.25: 35
<i>Fédon</i>	91.19: 20
116d- 117d: 177	94.28: 50
<i>Górgias</i>	95: 110
468 c: 163	95.50: 102
509 e ss.: 163	95.40: 49
<i>Leis</i>	<i>Da Constância do Sábio</i>
731 c: 163	14: 132
<i>Protágoras</i>	14: 50
345 e ss.: 163	<i>Dos Benefícios</i>
352 c: 163	7.11: 20
358 c-d: 163	<i>Da Providência</i>
<i>Sofista</i>	4: 174
228 c-e: 163	5.5: 50
<i>Timeu</i> , 86 d – 87 b: 163	<i>Da Tranquilidade da Alma</i>
<i>Teeteto</i>	9: 158
150-1: 141	13: 39
160 d: 164	<i>Da Vida Feliz</i>
Plínio o Jovem	3: 169
<i>Cartas</i>	Sexto Empírico
1.10: 21	<i>Esboços de Pirronismo</i>
3.11: 22	1.104, 113, 209: 69
22: 18	2.150: 82
Sêneca	2.231, 234: 77
<i>Cartas a Lucílio</i>	2.94: 78
6.5: 49	3.208: 52

- 3.218: 102
Adversus Mathematicos
 8.227:79
 8.275-6: 34
 9.50-7: 102
 11.187: 78
- Simplício
Comentário ao Encheiridion de Epicteto (Commentarius in Epicteti Enchiridion)
 1.05 ss.: 13
 44a: 34
 44.77.80: 28
 45.35: 14
 45.36: 17
 55.3: 14
 65.37: 22
 153b: 16
- Suidas
Suda
Alfa 3868: 30
Epsilon 2424: 14
- Suetônio
Vida dos doze Césares,
Augusto
 18: 133
 38: 55
Cláudio
 39: 61
Nero
 21: 54
 49.5:16
Domiciano
 14.2: 16
Tibério
 35: 55
- Vespasiano*
 2.4: 55
- Tácito
Agricola
 2: 22
Anais
 11.30: 20
 14. 14: 54
 34-5: 20
 36: 20
 13.11: 20
 15.49: 20
 15.71: 20
 60: 20
- Temístio
Orações 5, 63 d: 19
- Xenofonte
Memoráveis
 1.1.3: 121
 1.1.16: 63
 1.1.19: 102
 1.2.4: 47
 1.4.18: 102
 1.6.14: 84
 3.12: 47
 4.2.24: 127
 4.3.12: 102
 4.5.12: 120
 4.6.7: 120
Arte da cavalaria
 XII, 11: 71
- Zenão de Cítio
 1.48: 137

(Página deixada propositadamente em branco)

INDEX RERVM

- Ação adequada (*kathekon*): 62 (n. 220); 77 (bis); 77 n. 284 (ter); 80; 81 n. 313; 96; 107; 117; 124; 139; 140; 141; 163 (bi); 177.
- Agamenon: 139 (bis); 150 (bis); 150 n. 650; 168.
- Agripino (Pacônio): 20 (bis); 20 n. 41; 50; 50 n. 167; 51; 54.
- Antístenes (filósofo): 120.
- Apolo: 140 n. 599 (ter).
- Aquiles: 100; 139 (bis); 140 n. 599; 150 (bis); 150 n. 650 (bis); 167; 168.
- Assentimento (*synkatathesis*): 32; 33; 34 (bi); 45 n. 142; 62 n. 218; 63 n. 220; 111; 111 n. 472; 122; 124 n. 527; 138.
- Atenas: 23; 23 n. 56; 23 n. 57; 24; 26 n. 73; 29; 31 (bis); 73 n. 271; 102 n. 402; 152 (bis); 153 n. 665;
- Ausência de sofrimento na mente (*apatheia*): 61 (bis); 66 (bis); 66 n. 237.
- Batalha de Áccio: 53; 133 n. 573.
- Batão (célebre treinador de gladiadores): 56; 56 n. 189.
- César (título): 55; 56 (bis); 59; 59 n. 199; 87; 93; 113 (ter); 132 (bis); 132 n. 566; n. 569; 174; 177.
- Cleantes: 45 n. 144 (tetra); 111 n. 143; 120.
- Criseida: 140 (bis)
- Crisipo: 25; 32 (bis); 33; 45 n. 154 (sexsiens); 47 n. 151; 53 n. 177; 62 (tetra); 62 n. 226; 66 (bis); 77 n. 285; 93; 104 n. 421; 120 (bis); 121 (ter).
- Culto a Augusto: 133.
- Deméter: 29.
- Desejo (*orexis*): 32; 33; 34; 47; 47 n. 152 (bis); 48 n. 153; 51; 54; 61 (ter); 62 (bis); 62 n. 215, n. 220; 63 (bis); 103; 104 (bis); 108 n. 454; 122 (ter); 122 n. 519; 124 n. 527; 127 n. 544; 129 (bis); 138.
- Desleal (*apistos*): 203.
- Diógenes (filósofo cínico): 145; 146.
- Édipo: 66; 66 n. 236; 147; 168; 175 n. 793.
- Epicuro: 32; 136; 137; 143; 144 (bis).
- Escolha [a capacidade de] (*prohairesis*): 32; 47 n. 50 (bis); 50; 50 n. 163; 57; 64; 75 n. 282; 85; 103; 122 (tetra); 122 n. 519; 125; 127; 130; 140 (bis); 149; 169 (tetra); 170; 175; 178.
- Faculdade direttriz (*hegemonikon*): 45 n. 143; 45 n. 144; 46 n. 144; 114 (ter); 136; 151 n. 652; 157 (ter) 157 n. 684; 157 n. 685.

- Felicidade (*eudaimonia*): 61; 67; 88 n. 346 (bis).
- Fídias (célebre escultor): 73; 73 n. 271.
- Gladiador (*monomachos*): 174 (bis); 174 n. 784; 174 n. 785.
- Giaros: 22; 152 (bis); 152 n. 659 (bis).
- Guardião divino (*daimon*): 112 (bis); 112 n. 476 (bis); 113.
- Helvídio Prisco (senador estoico): 21; 21 n. 46; 24; 55 (tetra); 55 n. 186; 55 n. 188.
- Heráclito de Éfeso: 44 n. 142.
- Hipócrates de Cós (médico): 85 (ter), 85 n. 336.
- Impulso (*horme*): 32; 33; 34; 45 n. 142; 47; 47 n. 151; 48 n. 153; 62; 63 (bis); 80 n. 311; 112 n. 476; 122 (ter); 122 n. 519; 124 n. 527; 129; 138.
- Indiferente (*adiaphoros*): 13 n. 4; 88; 88 n. 346 (ter); 135; 136; 178 (bis).
- Jogos Olímpicos: 56; 57 n. 195; 145; 145 n. 617.
- Lâmpada (*lychnon*): 27 (bis); 126 (bis); 133; 137; 171 (penta).
- Leal (*pistos*): 60 n. 203; 64; 64 n. 230; 65 (bis); 149; 166 (ter).
- Liberdade (*eleutheria*): 17, 32, 33; 103 (ter); 104; 105; 146.
- Lécito (*lekythos*): 129; 146.
- Lua (*Selene*): 110.
- Medeia: 164; 164 n. 732.
- Musônio Rufo (filósofo estoico): 13; 17; 20 (ter); 20 n. 43; 21 (bis); 22 (bis); 22 n. 51; 50; 50 n. 156; 50 n. 166; 82; 89 n. 348; 90 (bis); 111 n. 471; 152 n. 659.
- Nicópolis: 14; 22; 24 (tetra); 27; 30; 90 n. 353; 133 n. 573; 134; 152; 156 n. 676.
- O que está sob nosso encargo (ou 'o que depende de nós' – *eph'hemin*): 33 (ter); 44; 44 n. 137; 46 (ter); 47 n. 150; 48; 50; 55; 55 n. 186; 65; 65 n. 231; 75; 88 n. 346; 107 (ter); 117; 118; 118 n. 491; 126; 140 (tetra); 143; 165; 170 (2); 174; 175.
- Posidônio (filósofo estoico): 86 n. 342.
- Priamo: 66; 66 n. 235.
- Princípios filosóficos (*theoremata*): 65.
- Prisco (Helvídio): 21; 21 n. 46; 24; 55 (tetra).
- Refreamento (*aphorme*): 47; 47 n. 151; 48 n. 153; 62; 63; 80 n. 311.
- Repulsa (*ekklisis*): 34; 47; 47 n. 152; 48 n. 153; 51; 61 (tetra); 62 (bis); 62 n. 220; 63; 122 (bis); 122 n. 519; 129; 138.
- Roma: 14 n. 10; 16 (ter); 16 n. 20; 17 n. 23; 18; 19; 20; 20 n. 44; 22; 25 n. 65; 49; 51 n. 169; 87; 90; 92; 99; 100; 130; 133 n. 571; 145 (bis); 152 (bis); 156 n. 675; 174 n. 786; 179 n. 808.
- Sócrates: 5; 13 n. 4; 22 n. 49; 25; 35 (bis); 38 n. 130; 50 n. 163 (bis); 57 (bis); 57 n. 194; 63

n. 228; 86; 89; 102; 102 n.
409; 105; 120 (bis); 130; 153;
158; 158 n. 192; 171 (penta);
172;177.

Triptólemo (pai da agricultura):
67; 67 n. 240.

Zenão de Cítio: 32; 120; 136;137
n. 585.

(Página deixada propositadamente em branco)

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).

51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: Pseudo-Eurípides. *Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
56. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epitáfios (livro VII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).
57. Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão: *Plutarco. Vidas Paralelas – Alexandre e César*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).
58. Aldo Dinucci: *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).

Epicteto, filósofo estoico do século 1 EC, foi escravo de Epafrodito, um secretário imperial de Nero e Domiciano. Apesar de sua condição, pôde frequentar as aulas de Musônio Rufo. Mais tarde, após ser liberto, fundou uma escola em Roma, que não perdurou por muito tempo, pois Domiciano expulsou os filósofos da cidade em 89 EC. Epicteto foi, então, para Nicópolis, onde fundou outra escola estoica, contando com muitos alunos, entre eles importantes figuras do Império Romano. Tal como Sócrates, Epicteto nada escreveu. Sua filosofia chegou até nós por intermédio das anotações de seu discípulo Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, que registrou os ensinamentos de Epicteto em oito livros, quatro dos quais foram perdidos, que compunham as *Diatribes de Epicteto*. A obra é prefaciada por uma carta de Arriano a certo Lúcio Gélío, na qual Arriano afirma não serem as *Diatribes* senão transcrições das aulas de Epicteto. Essa é a razão pela qual a obra é atribuída desde a Antiguidade a Epicteto.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

